

CRAIG GROESCHEL

ORA ÇÕES PERI GOSAS

SEGUIR JESUS NUNCA TEVE NADA
A VER COM SEGURANÇA





ORAÇÕES PERIGOSAS

Craig Groeschel

ORA ÇÕES PERI GOSAS

PORQUE SEGUIR JESUS NUNCA TEVE
NADA A VER COM SEGURANÇA





EDITORA VIDA

Rua Conde de Sarzedas, 246 –
Liberdade
CEP 01512 -070 – São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 2618 7000
atendimento@editoravida.com.br
www.editoravida.com.br

Editor responsável: Gisele Romão da
Cruz
Tradução: Jurandy Bravo
Revisão de tradução: Editorial Vida
Revisão de provas: Sônia Freire Lula
Almeida
Diagramação: Claudia Fatel Lino
Capa: Arte vida

©2020, Craig Groescheln
Originalmente publicado nos EUA
com o título *Dangerous Prayers: Because
Following Jesus Was Never Meant to Be
Safe*

Copyright da edição brasileira ©2020,
Editora Vida Edição publicada com
permissão contratual com Zondervan
Corporation L.L.C, uma divisão da
HarperCollins Christian Publishing, Inc
(Nashville, TN 37214, EUA)

■

*Todos os direitos desta obra reservados
por Editora Vida.*

Proibida a reprodução por quaisquer
meios, salvo em breves citações, com
indicação da fonte.

Todos os grifos são do autor.

■

Scripture quotations taken from Bíblia
Sagrada,
Nova Versão Internacional, NVI ®.
Copyright © 1993, 2000, 2011 Biblica Inc.
Used by permission.
All rights reserved worldwide.
Edição publicada por Editora Vida,
salvo indicação em contrário.

Todas as citações bíblicas e de terceiros
foram adaptadas segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa,
assinado em 1990, em vigor desde janeiro
de 2009.

1. edição: ago. 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Groeschel, Craig

Orações perigosas : seguir Jesus nunca teve nada a ver com segurança / Craig Groeschel ; [tradução Jurandy Bravo]. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Vida, 2020.

Título original: Dangerous Prayers

ISBN 978-65-5584-003-2

1. Deus (Cristianismo) 2. Espiritualidade 3. Fé 4. Oração - Cristianismo I. Título.

20-37746

CDD-248.32

Índices para catálogo sistemático:

1. Oração : Cristianismo 248.32

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Este livro é dedicado a minha mãe.
Obrigado por orar fielmente todos esses anos.
Suas orações fizeram toda a diferença.
Eu a amo e honro.

Obrigado por adquirir
Orações perigosas!
Todo o lucro do autor
com este livro patrocinará
o acesso à Bíblia e trabalhos de tradução
por meio do aplicativo YouVersion.

Sumário

Introdução

P A R T E 1

1.1 Sonda-me

1.2 Atreva-se a encarar a verdade

1.3 O estado do seu coração

1.4 Escolhas difíceis

1.5 Revela meus temores

1.6 Desvenda meus pecados

1.7 Dirige-me

P A R T E 2

2.1 Quebrantame

2.2 De volta à realidade

2.3 Status quo

2.4 Quebrantado e livre

2.5 Partindo o pão.

2.6 Susto

2.7 Quebrando feio

2.8 Unidos pelo quebrantamento

2.9 Abençoado pelo quebrantamento

P A R T E 3

3.1 - Envia-me

3.2 Quando Deus chamar, atenda

3.3 Glória a Deus

3.4 Um pecador salvo pela graça

3.5 Alimento diário

3.6 Um só ato de fé

3.7 Seja feita a tua vontade

3.8 Qual é a pergunta?

Conclusão: Importuna-me, Senhor

Perguntas para discussão

Faça uma oração perigosa hoje

Agradecimentos



INTRODUÇÃO

Por que suas orações precisam ser perigosas

— EI, CRAIG, VOCÊ ACREDITA que Deus ainda ressuscita os mortos?

— Claro — respondi. — Você não?

— Tenho certeza disso porque *morro de tédio* toda vez que ouço você orar.

Tentei acompanhá-lo na risada, mas a piada do meu amigo machucou — sobretudo pelo fato de ele ter razão. Eu estava começando a trabalhar no ministério e acabávamos de participar de uma reunião de oração. Esse meu parceiro me conhecia bem o suficiente para fazer esse tipo de provocação, mas desconfio que também quisesse me dar um recado. Sem saber como reagir, não apresentei defesa alguma enquanto processava a verdade contida no comentário. Não podia negar que ele dera voz a um segredo de que eu já tinha consciência, só não queria admitir que minhas orações eram assim patéticas.

Na condição de jovem pastor na época, eu tinha de saber tudo sobre oração. Tal como pregar e cumprimentar as pessoas depois do culto, o tema da oração era uma atribuição do cargo que eu precisava dominar. Acontece que as orações longas, eloquentes e vigorosas, com um foco bem definido e dirigidas ao Deus que eu não conseguia ver sempre representaram um desafio para mim. Não me sentia à vontade orando no dialeto da Revista e Corrigida — com seus *tu és* e *vós sois* — como se tentasse encenar uma

peça de Shakespeare. Tampouco me satisfazia ficar divagando em tom indolente com o Criador e sustentador do Universo como se ele fosse “meu camarada”.

Quando de fato eu orava, tinha dificuldade para me concentrar por muito tempo. O que implicava em me esforçar dobrado da vez seguinte. Contudo, por mais que me empenhasse nas minhas tentativas, sempre parecia resvalar para a mesma e velha rotina.

Orava sobre as mesmas coisas. Do mesmo jeito. Mais ou menos pelo mesmo período.

Olhando para trás, hoje me pergunto se às vezes Deus ficou entediado com minhas orações. Quando pedia “Senhor, derrama sobre nós tua misericórdia e guarda-nos em segurança” imaginava-o respondendo: “Com o que você está preocupado? Respeite o limite de velocidade e use o cinto de segurança ao dirigir. Vai dar tudo certo”. Ou quando eu orava “Senhor, abençoe nossa comida” sabia que provavelmente ele pensava: *É sério isso? Quer que eu abençoe macarrão com queijo de caixinha e um punhado de batatas fritas?*

Estudando mais a Bíblia, maravilhei-me com a variedade de orações proferidas pelo povo de Deus. Não só eles oravam por coisas incrivelmente pessoais — para ter filhos, por exemplo (v. 1Samuel 1.27) — como suas orações costumavam ser muito práticas, por comida e provisão (v. Mateus 6.11) e também para serem salvos dos inimigos (v. Salmos 59.1,2). Às vezes, pareciam falar baixinho com um Deus amoroso. Outras vezes, gritavam com ele em agonia e frustração.

Costumavam suplicar a Deus cheios de franqueza. Depois clamavam das profundezas de sua angústia e se queixavam com Deus como um bebê cansado a se debater nos braços do pai ou da mãe. Oravam por ousadia para compartilhar a fé. Oravam para que muros internos e externos caíssem. Daniel orou a fim de que a boca de leões esfomeados fosse fechada, e Jonas para que o ventre de uma baleia esfomeada se abrisse. Gideão pediu que sua porção de lã ficasse molhada um dia e seca no outro. O povo de Deus orava caso se sentisse atarantado de alegria ou esmagado pelo sofrimento.

As orações deles eram sinceras. Desesperadas. Inflamadas. Intrépidas. Reais.

E lá estava eu orando para que Deus me conservasse em segurança e abençoasse meu hambúrguer com fritas.

Tinha razão o meu amigo.

Minhas orações eram de morrer de tédio.

Talvez você se identifique comigo. Não que você descreia da oração. Você acredita nela. Mas está preso a uma rotina. Ora pelas mesmas dificuldades e faz os mesmos pedidos. Sempre do mesmo jeito. Durante o mesmo intervalo de tempo. Isso quando tenta orar. Como eu, é provável que tenha consciência de que deveria orar mais. E com mais paixão. Mais fé. Quer falar com Deus e ouvi-lo, compartilhar de uma conversa íntima como faria com seu cônjuge ou melhor amigo. Deseja muito isso, mas não sabe muito bem como. De modo que suas orações se mantêm seguras.

Rasas. Sem graça. Previsíveis. Rançosas.

Chatas.

O alerta do meu amigo me convenceu de que chegara a hora de mudar minha vida de oração. Por tempo demais, tolerei orações sem brilho, desprovidas de fé e vazias na maior parte. Sabia que Deus pre-tendia mais para mim, e eu queria conhecê-lo em maior intimidade, embora hesitasse diante do que isso exigiria da minha parte.

Para chegar lá, comecei a abrir parte da minha bagagem espiritual. Durante anos, experimentara profunda vergonha por uma vida de oração pouco convincente — eu, um pastor. Se já lhe aconteceu de se sentir inseguro quanto à sua vida de oração, imagine como seria se você fosse pastor. O pressuposto é que eu seja um guerreiro de oração — cheio de fé ardente, implacável e de um poder desmedido, direcionado pelo Espírito. No entanto, descobria-me à deriva quando tentava orar.

No meio de uma oração, fosse ela silenciosa fosse em voz alta, minha mente começava a saltitar de um assunto para outro. *Querido Deus celestial, oro para que o Senhor cure minha amiga que está com câncer. Opere na vida dela agora, em nome de... Preciso muito visitá-la no hospital outra vez. Ah não, esqueci de mandar trocar o óleo do carro!*

E o cereal de casa acabou. As crianças vão me matar. Amy tem uma consulta médica marcada para hoje — será que pagamos a parcela deste mês do plano de saúde? Incrível como subiu este ano! Ah, sim, o sermão da semana... Ainda preciso encontrar uma ilustração impactante... Oh, sinto muito, Senhor, do que estávamos falando mesmo?

Para piorar ainda mais as coisas, sempre tive pavor de reuniões de oração. (Isso sim que é sentimento de culpa.) Parecem durar uma eternidade em companhia de pessoas que não só sabem orar como também amam fazê-lo. Sem falar que quando a gente é obrigado a dar as mãos para os outros na hora de orar, a situação se torna constrangedora no mesmo instante. De um lado está sempre o Torniquete. Quanto mais alto ele ora, mais aperta. “Deus, amarramos a obra do demônio, EM NOME DE Jesus!”. Ele aperta.

E aperta. *E aperta*. Os nós dos seus dedos vão ficando brancos à medida que você para de sentir o braço do cotovelo para baixo. Do outro lado, no entanto, costuma ficar o Peixe com sua mão fria, sem vida, quase a lhe escapar dos dedos. O Torniquete interrompe sua circulação enquanto o Peixe o deixa ansioso por dar um safanão e se livrar logo daquele apêndice pegajoso disfarçado de mão.

Ou, então, a especialista em oração de poder sempre se faz presente. É aquela pessoa que adora orar bem alto e cheia de si. Você sabe quem é, aquela que cita toneladas de versículos bíblicos e o faz se sentir ainda mais incompetente. “Deus, o Senhor disse em sua Palavra, lá em Deuteronômio 28, que seríamos cabeça e não cauda.

Senhor, sabemos por João 3.16 que amaste demais o mundo.” Com tantos números sendo disparados para todo lado, no fim você fica com a impressão de ter acabado de assistir a uma palestra sobre contabilidade.

Depois tem também o Competidor. Cristão novo, ainda na faculdade, vivenciei com frequência a necessidade que meu colega de quarto tinha de parecer melhor que eu na oração. Ele fazia orações demoradas e em voz alta, muito seguro de si,

demonstrando seu vasto conhecimento de Deus e da Bíblia. Sentindo a pressão para não me deixar vencer, eu tratava de incrementar minha oração, mas via de regra acabava descobrindo que fora longe demais. Como não sabia muita coisa da Bíblia na época, limitava-me a elencar coisas que soavam poderosas e bíblicas.

— Deus, o Senhor disse em sua Palavra que não é apenas Jeová Jiré, mas também Jeová... er... deixe-me ver... Jeová Ni-... er... *Nissan*. Isso mesmo — o senhor é Jeová NISSAN! E, Deus, como o senhor é bom. O Senhor é bom até... er... Deus, o Senhor é bom até debaixo d'água! E sua Palavra é doce como mel nos nossos lábios, e tem um gosto tão bom que ela... er... derrete na boca da gente... e não nas nossas mãos. Oh, Deus, como um bom vizinho... o senhor está sempre por perto!

Meus problemas com a oração não acabavam por aqui. Com demasiada frequência, orar não tinha lógica para mim. Deus parecia responder bem depressa meus pedidos sem sentido, como na ocasião em que, quase por brincadeira, pedi que ele consertasse o ar-condicionado de casa que estava quebrado, e ele me atendeu. Em outras ocasiões, eu passava dias jejuando e meses orando até o limite das minhas forças para que Deus curasse um amigo de determinada enfermidade, e ele não o fazia. Às vezes, eu acreditava no poder da oração; outras vezes, me perguntava se tudo não passava de uma grande perda de tempo.

Desde aqueles anos iniciais, aprendi muito sobre oração. Pelo simples motivo de que Deus odeia orações espalhafatosas, não existe pressão

Deus odeia orações espalhafatosas, por isso não existe pressão alguma que se possa fazer na oração; não existe um jeito certo de orar a não ser se

alguma que se possa fazer na oração;
não existe um jeito certo de orar a não
ser se abrindo e sendo sincero com ele.

abrindo e sendo sincero
com ele.

Repetidas vezes, Jesus ralhou com os fariseus por se dedicarem a longas, sonoras e extravagantes orações carentes de autenticidade. Cristo nos ensinou: “ ‘E, quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas.

Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu asseguro que eles já receberam sua plena recompensa’ ” (Mateus 6.5).

Em vez de compridas, sonoras e extravagantes, as orações que movem Deus são simples, autênticas e profundamente sinceras.

Simples, todavia, não é o mesmo que seguro. Eis a razão pela qual me senti compelido a escrever este livro. O maior erro que cometi na minha vida de oração, o motivo pelo qual minhas orações eram tão sem graça, era porque eu exagerava na cautela ao orar. Eu vivia em uma zona de conforto em relação a Deus, construída sobre uma comunicação sem graça, frouxa. Eu nem pegava fogo, nem morria de frio. Minhas orações eram mornas. Mas orações inofensivas e mornas não nos levam para mais perto de Deus, nem nos ajudam a revelar seu amor para o mundo.

O perigo é fator intrínseco das orações.

Essa ideia acerca da oração me ocorreu quando li sobre Jesus conversando com o Pai no jardim do Getsêmani, pouco antes de dar a vida na cruz. Ciente do que estava por vir, Jesus perguntou a Deus se havia algum outro jeito. Então ele, que não era apenas um discípulo comum ou personagem bíblica, mas J-E-S-U-S, o Filho de

Deus, fez uma oração vulnerável e perigosa de submissão: “ ‘[...] contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua’ ” (Lucas 22.42).

Jesus nunca nos pede para fazermos algo que ele próprio não faria. Chama-nos para uma vida de fé, não de conforto.

Jesus nunca nos pede para fazermos algo que ele próprio não faria. Chama-nos para uma vida de fé, não de conforto.

Em vez de nos achegarmos a ele em busca de um estilo de vida mais seguro, fácil e livre de estresse, o Filho de Deus nos desafia a correremos o risco de amarmos o outro mais que a nós mesmos.

Em vez de satisfazermos nossos desejos diários, ele nos chama para renegá-los em função de algo eterno. Em vez de vivermos pelo que queremos, ele nos diz para tomarmos nossa cruz diária e seguir o exemplo dele. Neste livro, aprofundaremos essas ideias por meio de três orações poderosas extraídas das Escrituras. Elas podem ser curtas. Podem ser simples. Podem ser diretas. Mas não são inofensivas.

Nas três partes em que o livro se divide, tentaremos provocar nossa fé, expandir nosso coração e abrir nossa vida para Deus fazendo estas três orações perigosas: SONDA-ME.

QUEBRANTAME.

ENVIA-ME.

Quando procuramos nos comunicar com Deus por meio de uma oração verdadeira, vulnerável e íntima, ele não nos encerra em uma bolha de segurança espiritual. Em vez disso, estoura nossa bolha do “O que eu ganho com isso?” e nos convida a confiar nele quando não sabemos o que ele fará a seguir. Alguns dias nos sentimos abençoados. Outros dias enfrentamos desafios, oposição e

perseguição. Mas todo momento de oração perigosa será repleto da presença de Deus.

Preocupa-me o fato de, para muita gente, a oração ser como comprar um bilhete de loteria, uma oportunidade para ter aqui na Terra uma vida livre de problemas, de estresse, de dor. Para outros, a oração é mera rotina sentimental. Como a declamação da letra de uma canção predileta, ou da cantiga de ninar mais amada na infância. Outros ainda só oram porque se sentem ainda mais culpados caso não o façam.

Acontece que nenhuma dessas orações reflete a vida que Jesus veio nos conceder.

Ele nos chamou para abandonarmos tudo a fim de segui-lo.

Quando um jovem rico e poderoso se aproximou de Jesus para tirar dúvidas espirituais complicadas, Jesus não baixou o padrão esperado de sua resposta. Pelo contrário: “Jesus olhou para ele e o amou. ‘Falta uma coisa para você’, disse ele. ‘Vá, venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha e siga-me’” (Marcos 10.21).

Sempre me comoveu o fato de que *antes* de pedir ao homem que deixasse tudo, Jesus lhe apresentou uma solicitação em amor.

Queria o melhor para seu interlocutor, alguém que tinha tudo exteriormente, mas que ainda vivia com um vazio no interior. Jesus o amou e quase o desafiou a abandonar tudo a fim de o seguir.

Jesus não se limitava a desafiar as pessoas para que deixassem para trás a vontade própria. Também vivia uma fé perigosa. Tocava

em leprosos. Demonstrava graça para com as prostitutas e se posicionava cheio de coragem diante do perigo. Depois nos disse que podíamos fazer o que ele fizera — e ainda mais.

Por isso, não podemos nos dar por satisfeitos pedindo “Deus, abençoe nossa comida” ou “sê comigo hoje”.

Você está preparado para mais? Cansou de não se arriscar? Está pronto para fazer orações audaciosas, cheias de fé, que honrem a Deus e transformem o mundo e vidas?

Se sim, então este livro é para você.

Mas não diga que não avisei. Haverá solavancos pelo caminho.

Quando começamos a pedir coisas como “sonda-me, quebrantame, envia-me” em oração, podemos ter de atravessar vales. Enfrentar ataques. Provações. Sofrimento. Dificuldades. Esmorecimento. Até ficar de coração partido. Mas haverá também haverá a alegria da fé, o assombro dos milagres, o alívio da entrega e o prazer de agradar a Deus.

É hora de parar de fazer orações seguras.

É hora de começar a conversar com Deus, conversar de verdade — e de ouvi-lo de verdade.

É hora de fazer orações perigosas.



P A R T E 1

Sonda-me

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração;
prova-me e conhece as minhas inquietações.

Vê se em minha conduta algo te ofende
e dirige-me pelo caminho eterno.

— Salmos 139.23,24



CAPÍTULO 1.1

Sonda-me

UMA DAS MINHAS PRIMEIRAS descobertas acerca da oração aconteceu anos atrás, quando minha mãe passou por uma cirurgia.

A família toda, inclusive eu, reuniu-se no quarto dela no hospital para tentar assegurá-la de que tudo correria bem em seu procedimento cirúrgico da manhã seguinte. Era compreensível que estivesse nervosa a ponto de, quando um homem de meia-idade trajando terno preto e colarinho eclesiástico bateu na porta e perguntou se gostaria de receber uma oração, ela exclamar:

— Ora, claro que quero que o senhor ore por mim!

Ele sorriu e fez um aceno de cabeça, confiante na própria conduta enquanto sacava do bolso um livrinho surrado de capa de couro. Posicionado ao lado da cama dela, perguntou:

— A senhora tem alguma preferência de denominação?

— Eu sou só... bem... só uma cristã comum. Não tem nenhuma denominação que eu prefira. Sou apenas protestante.

Ela frequentara uma escola luterana na infância, eu sabia, mas também sabia que nossa família frequentava uma igreja metodista desde que me entendia por gente. Nada disso parecia ter muita importância, na verdade. No entanto, ao que tudo indicava, o

capelão não compartilhava da nossa atitude casual em relação às denominações.

— Er... sinto muito, minha senhora — protestou ele, transferindo o peso do corpo de uma perna para a outra. — Se a senhora pudesse escolher a denominação com que se sente mais confortável, ajudaria muito para eu saber que oração devo ler.

— Bem, vamos de metodista então. — E mamãe sorriu educadamente, ansiosa por ajudar o capelão a realizar seu trabalho.

Aliviado, o homem lhe retribuiu o sorriso e folheou seu livrinho até encontrar a página desejada. Então começou a ler. Para ser bem franco, só sabíamos que aquilo era uma oração porque ele o dissera. Em tom constante e animado, o capelão poderia estar lendo uma quadrinha infantil ou sua lista de supermercado.

Antes que tivesse a oportunidade de chegar ao fim, mamãe o interrompeu. Você precisaria conhecer minha mãe para entender todo o impacto causado por sua interrupção. Ela é a pessoa mais gentil, mais atenciosa, mais afetuosa que se pode encontrar. Seria capaz de dar seu último dólar, atravessar a cidade para ajudá-lo e escrever uma nota de agradecimento de três páginas para expressar seu contentamento pelo presente que você lhe enviou. Uma mulher tão amável quanto possível — mas também conhecida pelo gênio um tanto difícil. Não só gosta de se divertir, como raras vezes mede as palavras. Se lhe passa pela cabeça, ela fala. Sem reservas.

Enquanto o capelão lia a oração indicada para os metodistas, minha mãe o interrompeu. Alto o suficiente para ser ouvida longe, até pelas enfermeiras da sala de enfermagem, ela pediu toda feliz:

— Alguém pode por favor encontrar para mim um capelão capaz de fazer as próprias orações?

A princípio tentamos não rir, mas não conseguimos nos segurar. Até o capelão, pobre sujeito, se viu na obrigação de abrir um sorriso largo. Na minha família, todo o mundo ainda ri baixinho quando rememoramos essa história acerca da avaliação sincera da mamãe sobre a oração daquele homem. Mas com isso ela defendeu uma ideia interessante.

A oração que provém do coração é pessoal e inconfundível. Claro que não há nada errado em ler uma oração, ou usar as palavras de outra pessoa para orar. Na verdade, a leitura de orações pode ser um bom ponto de partida para aprender a fazer as próprias orações. Com o tempo, no entanto, se quiser conhecer a Deus na intimidade, você começará a lhe dirigir orações mais espontâneas, originárias do seu coração. À medida que sua fé for crescendo, é provável que as orações brotem do seu interior.

A oração que provém do coração é pessoal e inconfundível.

Talvez você nem saiba expressá-las em palavras. São simples comunicação entre você e o Pai, o Deus todo-poderoso. Profundamente pessoais e tão exclusivas quanto suas digitais.

Você não precisa ir muito longe nos Salmos para encontrar clamores sinceros oriundos do coração de Davi. Ele discutia com Deus. Queixava-se com Deus. Apresentava-lhe pedidos. Das profundezas de própria alma, Davi bradava para o Pai celestial: “Até quando, Senhor? Para sempre te esquecerás de mim? Até quando esconderás de mim o teu rosto? Até quando terei inquietações e

tristeza no coração dia após dia? Até quando o meu inimigo triunfará sobre mim?” (Salmos 13.1,2).

Receio, contudo, que muitos de nós não se sintam à vontade orando aberta e livremente. Presumimos a existência de um jeito certo, ou melhor, ou mais eloquente de fazer isso. Tendemos a fraquejar e orar pelas mesmas coisas repetidamente. Ficamos entediados pelas nossas orações.

Se nos entediamos orando, pergunto-me então se de fato estávamos em oração.



CAPÍTULO 1.2

Atreva-se a encarar a verdade

ORAÇÃO É UMA COMUNICAÇÃO sagrada, a linguagem da aspiração, um diálogo divino entre você e o Pai celestial, seu Aba, seu Papai. Quando você ora, o Deus do Universo ouve. Não apenas ouve como também se importa. Com o que você tem a dizer. Com tudo que você leva no coração e de que ninguém mais tem conhecimento. Talvez até com coisas de que nem você tenha conhecimento.

Deus deseja ouvi-lo e falar com você. Ele quer se comunicar com você, do mesmo jeito que você se senta junto a um ente querido e tem uma conversa íntima.

Suas orações importam.

Como você ora importa.

O que você ora importa.

Suas. Orações. Movem. Deus.

Lemos na Bíblia que podemos ir “[...] ousadamente até o trono do nosso Deus gracioso” (Hebreus 4.16a, tradução livre da *New Living Translation*). Não precisamos nos aproximar temerosos ou nos sentirmos pouco à vontade — podemos comparecer à frente dele com confiança, convicção e ousadia. Ao orarmos desse modo, “[...] receberemos sua misericórdia e encontraremos graça que nos ajude quando mais necessitarmos” (Hebreus 4.16b, tradução livre da *New Living Translation*).

Você precisa de graça nos relacionamentos com outras pessoas?

Precisa de misericórdia por todos os segredos contra os quais vive lutando?

Precisa de ajuda para chegar ao fim do dia?

Eu preciso. Muito. Todos os dias. E em todos os sentidos.

Por isso, deixe-me compartilhar algo que me ajudou a desenvolver certa musculatura espiritual, substituindo as orações medíocres para as quais meu amigo me chamou a atenção. Nada mais são que três orações extraídas da Bíblia que você pode fazer e usar como se fossem suas. Com isso, quero dizer apenas que você pode fazê-las com suas próprias palavras, deixando que subam ao céu ao mesmo tempo que lhe penetram os ossos. São ferramentas para fixar o foco das suas orações e da sua comunicação com Deus.

Mas tenho de adverti-lo: não são orações inofensivas. Não se caracterizam por bondade, cortesia ou tepidez. Não se pode memorizá-las na esperança de um momento cálido e aconchegante com Deus.

Essas orações exigem fé. Coragem. Pedem que você se arrisque.

Quase se pode garantir que o arrastem para longe da sua zona de conforto. Que forcem os seus limites. Que o incomodem no bom sentido. Exigirão que olhe para dentro de você mesmo. Que pare de fingir em relação a determinados aspectos da sua vida. Que seja sincero com você diante daquele que o conhece melhor do que você mesmo.

São orações capazes de derreter seu coração e inaugurar uma consciência do pecado na sua vida. Talvez você se sinta compelido a dar um passo audacioso de fé radical, confiando em Deus ao mesmo tempo que o segue e foge do padrão previsível da sua vida.

Provavelmente você será desafiado a abrir mão da segurança, do conforto e da conveniência espirituais.

No lugar de uma oração inofensiva, girando só ao seu redor, você poderia orar primeiro pelos outros, sofrendo por eles, acalentando esperanças em favor deles, buscando Deus em benefício deles.

Em vez de apenas rogar por proteção e segurança, você poderia perguntar o que Deus quer que você faça e para onde ele quer que você vá.

Se você clamar a ele,
Deus assegura que ouve o
clamor do seu coração.

Em vez de sempre lhe pedir mais, você
poderia louvá-lo por todas as bênçãos
que ele já tem derramado sobre sua vida.

Reconhecendo todas essas bênçãos,
talvez você possa então se dispor a abençoar outra pessoa
qualquer.

Em vez de apenas citar itens de uma lista, suas orações talvez consigam mudar de fato a eternidade, sacudir o inferno, afugentar demônios e alargar o céu. Parece exagero? Juro que não é. Mais importante ainda: *Deus* o jura. Se você clamar a ele, Deus assegura que ouve o clamor do seu coração.

Suas orações passam a ser perigosas.

Mas seguir Jesus nunca teve nada a ver com segurança.

Ele garantiu a seus seguidores que enfrentariam dificuldades (v. João 16.33). Jesus advertiu quem o servia fielmente que seriam perseguidos tanto quanto ele (v. João 15.20). Hoje nos alerta dos desafios vindouros. Porque o amamos, enfrentaremos provações e oposição. Mas, mesmo em meio a provações dolorosas, Jesus nos convida a respondermos com graça e a fazermos uma oração de aparência vulnerável e perigosa. Ensina ele: “ ‘Mas eu digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem’ ” (Mateus 5.44). Ame quem deseja fazer mal a você. E ore por aqueles que estão determinados a ver o seu fim.

Você tem coragem de orar como nunca orou antes? De todo o coração, alma, mente e dimensão do seu ser? O que aconteceria na sua vida e na vida de quem o rodeia se você começasse a fazer orações perigosas?

Você se atreve a descobrir?



CAPÍTULO 1 . 3

O estado do seu coração

A PRIMEIRA ORAÇÃO FOI feita por Davi e impressiona. No Antigo Testamento, vemos Davi lutando a torto e a direito contra os inimigos de Deus. Em um acesso furioso de ciúmes, o rei Saul lançou-lhe a falsa acusação de traição e de tentar assassiná-lo. Enviou, em seguida, todas as suas tropas atrás de Davi em repetidas tentativas de lhe tirar a vida e afastar o que considerava sua maior ameaça. Sabia atingir onde doía mais — declarou que Davi não era fiel a seu Deus.

Davi queria agradar a Deus de todo o coração. Lutou contra a própria raiva a fim de proteger o rei e mostrar que o honrava.

Contudo, ciente de que suas motivações nem sempre eram perfeitas, Davi abriu o coração para Deus e fez uma das orações mais vulneráveis, transparentes e perigosas que você vai ouvir na vida.

Desejoso de honrar o Senhor em cada aspecto do seu ser, Davi orou: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece as minhas inquietações. Vê se em minha conduta algo te ofende, e dirige-me pelo caminho eterno” (Salmos 139.23,24).

Mais do que difícil de fazer, essa oração representa um desafio na hora de ser posta em prática e vivenciada. Porque, se tiver coragem para proferi-la, você precisará exercitar essa coragem a fim de viver o que Deus, em resposta, lhe mostrar. Ou seja, não repita essa oração a menos que a leve muito a sério.

Não diga que não avisei: essa oração tem potencial para condenar você. Para corrigir você. Para redirecionar sua vida. Para mudar a maneira de ver você. Para mudar como as pessoas o veem.

Talvez você ainda esteja pensando que nada disso tem grande importância. Talvez se pergunte por que haveria de solicitar para Deus sondar seu coração quando ele já conhece tudo que existe no seu interior. Você sabe o que tem por dentro. Ele sabe o que você tem por dentro. Então por que pedir algo tão óbvio?

Eis o ponto em que as coisas se complicam. À primeira vista, pensaríamos que conhecemos cada qual o próprio coração. Certo?

Eu sei quais são minhas motivações. Sei o que considero mais importante. Sei por que faço o que faço. Além disso, você poderia raciocinar: *Tenho um bom coração. Não estou tentando machucar ninguém. Quero fazer o que é certo. Meu coração é bom. Estou orando, não estou?*

Acontece que, na realidade, a Palavra de Deus revela justamente o oposto. Pode ser chocante ouvir isso pela primeira vez, mas o que Jeremias nos revela é a pura verdade. Ele era filho de um sacerdote levita nascido por volta de 650 a.C. Durante o reinado de Josias, Deus levantou esse jovem profeta para levar sua Palavra a Israel e a todas as nações. Jeremias afirma sem rodeios que não temos um bom coração — nem você, nem eu, nem ninguém no mundo inteiro. Na verdade, além de não ser bom, seu coração é perverso e pecaminoso em todos os sentidos. Disse o profeta: “O coração humano é mais enganoso que qualquer coisa e é extremamente perverso; quem sabe, de fato, o quanto é mau?” (Jeremias 17.9, *Nova Versão Transformadora*).

É fácil fingir que somos bons de coração, mas a Bíblia ensina que nosso coração nos engana e é perverso ao extremo. Em essência, só lhe interessa nosso ego — não Cristo. Só se importa com o que é temporário — não eterno. Com o que é fácil — não o que é certo.

Tem obsessão pelo que desejamos — não pelo que Deus quer.

Pode ser que você pense: *Comigo não acontece nada disso. Meu coração é bom.* Não, sem Cristo, ele não é. Por favor, lembre-se disso.

Nossos caminhos não são os caminhos de Deus. Por isso, precisamos Cristo. Não apenas para nos perdoar, mas para nos transformar. Para nos redirecionar. Para nos fazer novos.

Se achamos o contrário, estamos sendo enganados por ele. Nossa natureza original é pecaminosa desde o nascimento. (Você nunca precisou ensinar uma criança de dois anos a ser egoísta, precisou?) Nossos caminhos não são os caminhos de Deus.

Por isso, precisamos Cristo. Não apenas para nos perdoar, mas para nos transformar. Para nos redirecionar. Para nos fazer novos.

Se ainda se acredita inerentemente bom, deixe-me perguntar: com que frequência você mente? Se sua resposta for “pouca”, é provável que esteja mentindo neste exato momento. Se for “nunca”, então já sei que você está mesmo mentindo.

Pesquisas revelam que a maioria das pessoas conta várias mentiras todos os dias. Não queremos ferir os sentimentos de determinada pessoa. Ou queremos

As mentiras mais comuns são aquelas que contamos para nós mesmos.

“fazer bonito”, de modo que exageramos. Acontece que as mentiras

mais comuns são aquelas que contamos para nós mesmos. Já fez isso? No seu coração você diz o que acredita ser verdade: *Não vou comer muito. Prometo. Duas porções, no máximo.* Quando vai ver, está segurando um saco vazio de batatas fritas ou lambendo a panela.

Todos racionalizamos tudo. Ninguém gosta de enfrentar a verdade repugnante de que bebe demais, pensa demais no que o envergonharia se alguém soubesse, ri dos erros alheios e fofoca pelas costas das pessoas. E as racionalizações não param por aí. Você pondera: *Não sou materialista; apenas gosto de coisas boas. Não sou fofoqueiro; só estou contando para que as pessoas possam incluir nas suas orações. Não tenho um problema; só faço isso para enfrentar as batalhas da vida.*

Aposto como Davi se sentiu tentado a enfrentar as batalhas da vida quando fugiu de Saul a fim de salvar a própria pele. Podia ter lançado mão do álcool como uma fuga. Podia ter ficado bravo, ressentido e amargurado. Ou poderia ter tramado para prejudicar o rei Saul, justificando seus atos em nome da autopreservação. Em vez de enveredar pelo caminho fácil, no entanto, ele optou por outro mais audaz. O “homem segundo o coração de Deus” (v. 1Samuel 13.14) resolveu orar, ciente de que o próprio coração era capaz de ludibriá-lo vezes e mais vezes.

Sem Cristo, seu coração é enganoso.

Por isso, o perigo insano da oração de Davi.

“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração.”



CAPÍTULO 1 . 4

Escolhas difíceis

Eu cursava o ensino médio a primeira vez que deparei com a perigosa oração de Davi. Nas noites de quarta-feira, meus colegas e eu frequentávamos a reunião semanal de jovens da nossa igreja metodista. Eu não saberia dizer com certeza até que ponto cresci espiritualmente nesses encontros, mas algumas coisas se destacam. A primeira seriam nossas batalhas épicas de *four square*. [Nota 1]

Não creio que o jogo seja mencionado na Bíblia, mas quem nos visse imaginaria que o Armagedon começara, considerando a maneira na qual o disputávamos.

Também me lembro dos lanches na pequena cantina. Toda semana algumas senhoras preparavam guloseimas — *brownies* de chocolate, barrinhas de limão e *cookies*. Às vezes eu ia à reunião só para ver qual seria o banquete. As senhoras metodistas se empenhavam para provar que a Bíblia diz a verdade quando afirma: “Provem e vejam como o Senhor é bom” (Salmos 34.8).

Lembro-me ainda que nossos pastores de jovens não duravam muito. A maioria que passou por lá parecia atuar em caráter temporário, como se estivesse apenas fazendo uma visita para descobrir se seríamos uma igreja em que gostariam de se estabelecer. Devia ser duro tentar se conectar com um bando de adolescentes, todos querendo impressionar uns aos outros mais que aprender a respeito de Deus. A despeito da rotatividade, houve um sujeito que causou verdadeiro impacto sobre mim.

Eu devia estar no terceiro ano do ensino médio quando vários de nós embarcamos em um micro-ônibus com destino ao acampamento metodista, a cerca de duas horas de viagem da nossa igreja.

No primeiro dia do acampamento, depois de um período de adoração, nosso pastor de jovens deu uma aula sobre a oração introspectiva de Davi pedindo a Deus que o sondasse. No fim da aula, ele nos incentivou a sairmos sozinhos do local da reunião e repetirmos aquela oração diversas vezes, procurando ouvir o que Deus talvez nos dissesse em resposta. Comprei a ideia, mas sem ter noção do que Deus estava prestes a desencadear na minha vida.

Afastei-me do pessoal e caminhei até a extremidade do parquinho, um local ainda cheio de árvores. Havia um frescor como de pinheiros no ar, enquanto nuvens brancas se desemaranhavam no céu azul. Sentei-me junto à fileira de árvores e levei a sério a tarefa atribuída pelo pastor. *Chegou a minha vez de aprender a orar — orar de verdade.* Não via ninguém por perto, de modo que disse em voz alta: — Deus, sonda o meu coração.

Gostaria muito de poder lhe dizer que Deus me mostrou que meu coração era puro, meus caminhos santos e minhas motivações voltadas todas para o serviço dele. Naquele dia, contudo, lembro-me de perceber uma resposta distinta ao meu pedido. Deus não falou de forma audível, nem eu vi um sinal no céu. Tudo aconteceu sem nuvens se abrindo nem trovões ecoando. Senti apenas uma presença muito pessoal e santa. No mesmo instante que experimentei um amor celestial inconfundível, também me dei conta da dimensão da minha pecaminosidade.

Como eu era hipócrita!

Os colegas haviam me elegido presidente do nosso grupo de jovens. A posição me colocava como líder e exemplo para todas as crianças da nossa igreja. Mas minha vida era uma fraude no que dizia respeito à fé. Aparentava sinceridade e seriedade nas noites de quarta-feira, em companhia do grupo de jovens, e caía na farra com uma turma bem mais maluca no fim de semana. Fingia conhecer Deus, mas minha vida e meu coração revelavam quanto estava longe dele na verdade. Dava um espetáculo para um pessoal e desempenhava papel bem diferente diante de uma plateia com a qual me sentia mais à vontade.

De modo que, quando parei e orei
“Sonda-me” aquela tarde no
acampamento da igreja, fui pego de
surpresa pela realidade da minha
profunda condição de pecador. Anos

Dei por mim: quanto mais
perto chegasse de Jesus,
mais seria obrigado a
enfrentar minhas
deficiências.

mais tarde descobri um versículo que traduz bem isso: “ ‘Esse povo se aproxima de mim com a boca e me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim’ [...]” (Isaías 29.13). Tinha uma retórica muito boa para falar com Deus, mas meu coração era perverso. Da boca para fora eu era perfeito, mas não praticava nada do que dizia. Fingia ser um bom cristão, mas não conhecia Cristo.

Foi então que dei por mim: quanto mais perto chegasse de Jesus, mais seria obrigado a enfrentar minhas deficiências. Meu orgulho. Meu egoísmo. Minha libidinagem. Meu espírito crítico.

Proferir essa oração perigosa aquele dia abriu um canal de comunicação entre mim e Deus, cuja existência eu desconhecia. Em vez de pedir apenas que Deus fizesse algo *por* mim, roguei que

revelasse algo *em* mim. E ele revelou coisas aquele dia que deram início a minha jornada rumo ao conhecimento de Deus em nível pessoal. Ficou claro para mim que minha vida era um caos. Eu mentia. Trapaceava.

E fazia o que bem entendesse, sem me preocupar a quem ferisse.

O que parecera normal agora causava a sensação de estar errado.

Em vez de pedir apenas
que Deus fizesse algo por
mim, roguei que revelasse
algo em mim.

A vida que eu imaginava querer fez com que me tornasse alguém que eu odiava. Para minha infelicidade, esse Em vez de pedir apenas momento tão crucial com Deus não me que Deus fizesse algo por transformou de uma hora para outra, mas mim, roguei que revelasse algo em mim. contribuiu para que eu reconhecesse minha necessidade espiritual. Eu sabia que alguma coisa precisava ser diferente. E me desenvolveria a ponto de aprender que essa *alguma coisa* na verdade era aprender a amar e servir, com cada fibra do meu ser, certo *alguém* chamado Jesus.

Uma oração perigosa de se fazer.

Mas capaz de redirecionar a vida.

“Sonda-me, ó Deus.”

Notas do Capítulo 1.4

Nota 1 - Jogo de bola em que são traçados quatro quadrados (os four squares) no chão, numerados de 1 a 4 e ocupados cada qual por um jogador. Fazendo a bola quicar no

próprio quadrado e ser arremessada para o campo do jogador vizinho, vence o jogo o participante que eliminar os demais jogadores e chegar ao quadrado de número 4. [Voltar]



CAPÍTULO 1 . 5

Revela meus temores

O QUE DEIXA VOCÊ ansioso? Nervoso? Inquieto? Com medo?

Não me refiro aos medos normais de coisas exteriores como cobras e aranhas, ou do medo de voar. Quero saber o que o mantém acordado à noite, ricocheteando no interior da sua mente e se recusando a se aquietar. Coisas como perder o emprego. Não se casar. Ou acabar preso em um mau casamento. Ter um problema de saúde. Esgotar as economias apenas para conseguir sobreviver.

Não sabemos que medos exatamente passavam pela cabeça de Davi, mas está claro que perturbavam a própria segurança e talvez também o futuro. Porque depois de pedir a Deus que lhe sondasse o coração, ele orou: “[...] conhece as minhas inquietações” (Salmos 139.23). Queria compartilhar seus piores temores com Deus. Enfrentá-los e dar-lhes um nome. Confiar que Deus era maior que qualquer temor que ele, Davi, pudesse imaginar.

Você está disposto a fazer uma oração assim? “Senhor, revela o que tem mantido minha mente como refém. Mostra-me o que mais temo. Vá em frente, ajuda-me a enfrentar o que me apavora.”

Talvez você se pergunte por que suas “inquietações” interessam para Deus. Não tem necessariamente a ver com nosso conforto ou com experimentarmos uma vida livre de estresse. Mas a resposta para essa pergunta talvez seja muito mais importante do que a maioria de nós compreenderia a partir de uma análise superficial.

O que mais tememos
revela a área na qual
menos confiamos em
Deus.

O que tememos tem importância. Anos atrás, uma revelação que tive acerca desse assunto me tocou de modo muito pessoal. Deus me mostrou que o que eu mais temia revelava a área na qual menos confiava nele. Depois do nascimento de Anna, nossa terceira filha, Amy passou a enfrentar problemas de ordem física. A princípio achamos que fosse apenas cansaço, mas, quando metade do corpo dela ficou adormecida, tememos que pudesse ser algo bem pior. Médicos e mais médicos não foram capazes de elucidar o caso. À medida que os sintomas dela pioravam, minha confiança em Deus começou a enfraquecer.

Esse medo levou a outros tantos, de modo que à noite a avalanche de pensamentos fugiu ao meu controle. *E se Amy estiver com alguma enfermidade perigosa? E se eu a perder? Não serei capaz de criar nossos filhos sem ela. Não poderia continuar a conduzir a igreja. Não ia querer seguir em frente.* Foi então que me ocorreu: o que me mantinha acordado à noite era tudo que eu não estava confiando em Deus para administrar. Permanecia agarrado a essas coisas, ruminando ideias relacionadas a elas, tentando encontrar um modo de controlá-las, de solucionar todos os meus problemas, de traçar planos para cada contingência. Felizmente, pela graça de Deus, Amy foi melhorando aos poucos até recuperar plena força, mas os problemas que enfrentara expuseram uma das minhas piores fraquezas. O medo me consumira.

E você? A que áreas você se apegava ao mesmo tempo que lhes dá permissão para que o aterrorizem? A quais temores você tem negado acesso para Deus?

Pense bem. Se o medo em relação ao futuro do seu casamento o domina, esse é um indício de que você não confia por completo em Deus no que diz respeito a esse aspecto da sua vida. Se a preocupação com as contas a pagar o sufoca, isso revela que talvez você não esteja confiando em Deus para ser seu provedor. Se a segurança dos seus filhos é uma preocupação que o paralisa, não seria o caso de você não estar confiando em Deus para mantê-los protegidos?

A experiência com essa oração me diz que Deus sempre revela minhas inquietações e os temores que as alimentam. Um dos primeiros medos que ele revelou também se provou ser um dos mais persistentes. Tenho pavor de fracassar. Começou quando criança, jogando beisebol e morrendo de medo de desapontar meu pai, ex-jogador profissional. Hoje adulto, tenho medo de desapontar no próximo sermão, no próximo projeto ou na responsabilidade de ser bom pai. Morro de medo de decepcionar as pessoas, de não bastar, de não fazer o que precisa ser feito. Sempre me sinto incompetente.

Na verdade, enquanto digito as palavras desta página, preocupo-me com a saúde da minha filha. Mandy tem 23 anos, é casada e tão cheia de talentos quanto todo o mundo que conheço. No entanto, há quase três anos, ela é incapaz de funcionar como uma pessoa normal.

Já fizemos mais orações por ela do que conseguiríamos contar. Consultamos médicos de um extremo ao outro do país. Experimentamos as dietas mais específicas que você seria capaz de imaginar. Tentamos abordagens naturais e até coisas que fariam algumas pessoas nos considerarem malucos. Não sou cristão

apenas, sou pastor. Sei que não devo me preocupar. Mas, quando há um filho envolvido, fica difícil não deixar a mente correr na direção errada.

O que me traz de volta à razão pela qual quis escrever este livro. De todo o coração, conheço o poder de fazer orações perigosas.

E o tempo todo me sinto enjoado das minhas orações cautelosas.

Não suporto nem mais um dia do meu cristianismo egocêntrico.

De modo que esta mensagem arde no meu peito. Mas preocupe-me a possibilidade de não ser capaz de transpor a ideia do meu coração para o papel. E se o que estou escrevendo não for poderoso o suficiente? Não convencer? Não abrir os olhos das pessoas para o pecado? Não falar ao coração delas?

Nossos medos são importantes. Porque, em última análise, mostram que estamos dependendo dos nossos esforços e não confiando no Salvador	Nossos medos são importantes. Porque, em última análise, mostram que estamos dependendo dos nossos esforços, não confiando no Salvador. A verdade é que nós — você, eu e todo o mundo — somos sempre incompetentes.
---	---

Nunca bastamos. Somos sempre fracos. Mas aqui está o mais incrível: quando somos fracos, o poder de Deus é aperfeiçoado (v. 2Coríntios 12.9).

Seu maior temor pode lhe indicar a melhor oportunidade para você fazer diferença no mundo. Você precisa de Deus para cada momento de todo dia. Tudo que você faz de valor nasce do coração, do poder, da graça dele.

A fim de agradar a Deus, de servi-lo, de honrá-lo, de viver por ele, você não pode ser conduzido pelo medo. Tem de ser conduzido pela fé. Sempre digo que o caminho para seu maior potencial costuma passar bem no meio do seu maior receio. A fé o impulsionará para a frente. Na verdade, o que Deus deseja para sua vida pode estar do outro lado do que você mais teme. O apóstolo Paulo encoraja o pupilo Timóteo a se agarrar à fé lembrando-o: “Pois Deus não nos dá um Espírito que produz temor e covardia, mas sim que nos dá poder, amor e autocontrole” (2Timóteo 1.7, *Nova Versão Transformadora*).

A fim de agradar a Deus,
de servi-lo, de honrá-lo, de
viver por ele, você não
pode ser conduzido pelo
medo. Tem de ser
conduzido pela fé.

Muitos cristãos acreditam há séculos que o inimigo de Deus, o Diabo, tenta influenciar os que creem com mentiras. Se você tem medo de fracassar, pode ser que seu inimigo espiritual esteja tentando persuadi-lo a não fazer o que Deus o criou para fazer. Por isso, ore e avance por cima do seu medo. Sem fé, é impossível agradar a Deus. Lembre-se de que você ama agradar a Deus mais do que receia fracassar.

Quando você fizer essa oração perigosa e Deus lhe revelar o que o impede de segui-lo em plenitude, não perca a oportunidade de experimentar o amor dele. Mergulhe em sua graça extravagante.

Desfrute da bondade incondicional de Deus derramada por você na vida de Cristo. Lembre-se: “[...] o perfeito amor expulsa o medo [...]” (1João 4.18).

À medida que for revelando seus temores, Deus também edificará sua fé. Você precisa dele. Precisa da sua presença. Do seu poder. Do seu Espírito a lhe conduzir. Você precisa de sua Palavra a

fortalecê-lo. Fé não significa não sentir medo. Fé significa não deixar o medo deter você.

O que você mais teme mostra em que precisa crescer com Deus.

Do que você tem medo? Quais são suas inquietações?

O que Deus está mostrando a você?

Em que você precisa crescer na fé?

Confie nele.



CAPÍTULO 1 . 6

Desvenda meus pecados

SE A ORAÇÃO DE Davi ainda não lhe parecer perigosa o suficiente, gostaria de adverti-lo com toda delicadeza. As coisas estão prestes a ficar ainda mais intensas.

Davi foi chamado de “homem segundo o coração de Deus” (v. 1 Samuel 13.14 e Atos 13.22). Dedicado a cumprir a vontade de Deus, era um homem que adorava com paixão, doava de forma extravagante e liderava com toda bravura. Todavia, também cometeu erros — e dos grandes. Como você e eu, ele era tentado a pecar e nem sempre tomava a decisão certa. Mesmo depois de conhecer a bondade de Deus e de ter andado com ele a maior parte da vida, Davi pôs tudo a perder. Por isso, esses trechos perigosos de sua oração: “Sonda-me, ó Deus [...] conhece o meu coração [...]. Vê se em minha conduta algo te ofende e dirige-me pelo caminho eterno” (Salmos 139.23,24).

Mostra-me se estou fazendo algo que te ofende ou fere o teu coração.

Ouvir a resposta divina para esses trechos da oração pode representar um difícil desafio. Difícil porque a maioria de nós é mestre em racionalizar os próprios atos equivocados. Se for como eu, você é bom em acusar os outros e, na mesma medida, em dar desculpas a seu próprio respeito. Consigo apontar seus defeitos, mas tenho excelente explicação para o motivo pelo qual faço algo que talvez você considere inadequado. Sou bom em fazer aquilo

contra o qual Jesus advertiu em Mateus 7. Sou capaz de apontar o cisco no seu olho ao mesmo tempo que ignoro a viga no meu.

Como ouvir de Deus alguma conduta sua que o ofende? Permita-me sugerir três coisas a considerar enquanto você busca o coração de Deus com essa oração perigosa.

Se for como eu, você é bom em acusar os outros e, na mesma medida, em dar desculpas a seu próprio respeito.

Primeiro, considere o que as pessoas lhe têm dito a *seu* respeito. Existe uma área na sua vida, hábitos, relacionamentos ou atitudes que outras pessoas têm sugerido que precisa mudar? Existe alguma área na sua vida questionada pelos outros? Entes queridos expressaram preocupação por você, ou lhe pediram para considerar a possibilidade de procurar ajuda?

Quando cursava o seminário, assisti a uma aula sobre aconselhamento em que a professora nos ensinou um princípio de que jamais me esquecerei. Ela sugeriu que, se mais de duas pessoas que você ama e em quem confia derem a entender que há um problema na sua vida, a reação mais correta da sua parte seria reconhecer que tem um problema e tratá-lo de imediato.

O bom senso da professora não me saiu mais da cabeça. Ao pedir para Deus mostrar se você tem adotado alguma conduta ofensiva, comece com o que as pessoas têm dito a você. Existe alguma coisa que seus entes queridos insinuam que seja prejudicial ou desaconselhável?

Talvez já lhe tenham dado a entender que você joga *videogames* demais. As pessoas estão preocupadas, pois você tem mais a

oferecer e está deixando de aproveitar coisas mais importantes na vida.

Talvez alguém tenha sugerido que você bebe demais. Ou que tem problemas com analgésicos. Ou que come em excesso. Se mais de dois amigos ou familiares da sua confiança têm tocado nessa possibilidade, talvez seja hora de parar e lhes dar atenção.

Talvez você tenha tido experiências de namoro ruins. Os amigos continuam a lembrá-lo de que você vive dizendo sim para o tipo errado de pessoa. Em vez de defender seus atos, talvez seja hora de considerar a possibilidade de mudar seus padrões.

Em anos recentes, vi-me afinal obrigado a parar e reconhecer que havia algo fora de ordem na minha vida. Várias pessoas tinham insinuado que eu era escravo do celular. Amy, minha esposa, era quem falava isso mais alto e sem rodeios. Os suspiros e revirar de olhos dos meus filhos diziam muito também.

Em vez de levar a sério seus comentários afetuosos, meus mecanismos de defesa foram acionados. O especialista em racionalizar tudo veio à tona. *Estou ocupado com algo importante. Para ser um bom pastor preciso estar disponível para as pessoas. Sou líder de uma igreja e minha opinião é importante. Posso ser uma boa testemunha estando presente nas redes sociais. Preciso muito ver qual está sendo o desempenho da minha postagem mais recente no Instagram e conferir para saber se há comentários necessitando da minha atenção.*

Seria de imaginar que bastava dar ouvidos a Amy e às crianças.

Mas, quando algumas pessoas do escritório mencionaram o problema, o conselho da minha antiga professora de seminário começou a retumbar dentro da minha cabeça. Por isso decidi orar: *Mostra-me, Deus. Vê se há alguma atitude ofensiva em mim. Tenho mesmo um problema?*

Foi assistindo a um jogo de futebol do meu filho que Deus respondeu a essa oração. Na verdade, ocupado em responder a uma mensagem de texto, perdi um escanteio impressionante cobrado pelo meu filho e aproveitado por seu companheiro de equipe para cabecear para o gol. Com isso a equipe assumiu a liderança por 1 a 0 contra o time líder do campeonato. Depois, quase no fim do segundo tempo, com o placar em 1 a 1, a minutos do término da partida, perdi o gol feito pelo meu filho que decidiu o jogo por estar conferindo uma postagem em determinada rede social.

Deus me mostrou com muita clareza: eu agora me dava por satisfeito com a imitação da realidade, deixando passar o que de fato importava. Estava deixando de viver a minha vida de verdade, perdendo momentos preciosos com as pessoas que mais amava.

E você? Tem alguma coisa que as pessoas vêm tentando ajudá-lo a enxergar acerca de você mesmo que precisa mudar? Provérbios 12.15 diz: “O caminho do insensato parece-lhe justo, mas o sábio ouve os conselhos”. Talvez seja hora de parar e prestar atenção. Deus pode falar com você por intermédio daqueles que mais o amam.

Provérbios 12.15 diz: “O caminho do insensato parece-lhe justo, mas o sábio ouve os conselhos”.

Além de levar em consideração o que as pessoas têm dito a você, atente também para as próprias racionalizações. Tem alguma coisa errada na sua vida, mas você continua a ignorar os graciosos sinais de advertência enviados por Deus?

Para ser franco, a capacidade que tenho para racionalizar o pecado é assustadora. Apesar de agora até parecer engraçada, uma história ilustra essa ideia como nenhuma outra. Anos atrás, ralhei com a igreja em tom de brincadeira, repreendendo aqueles que dirigem pelo acostamento durante os grandes engarrafamentos.

É bem possível que você já tenha visto isso acontecer. O trânsito para na rodovia e formam-se quilômetros de congestionamento.

Inevitavelmente surge um motorista que envereda pelo acostamento do lado direito da estrada e ultrapassa todo o mundo que está respeitando as regras. No sermão daquele domingo, fiz piada para que pessoas assim atendam o chamado de Deus antes que ele as mande direto para o inferno.

No dia seguinte, segunda-feira, lá ia eu para o escritório da igreja de manhã bem cedo. Por alguma razão, havia mais trânsito que o habitual na frente da nossa igreja. A fila de carros se estendia por cerca de 800 metros. Enchi-me de paciência para esperar, tentando intuir por que não saíamos do lugar. Depois de vários minutos sem avançar nem um centímetro, dei uma espiada à minha direita. Nossa igreja era proprietária de toda a extensão de terra entre o local onde eu estava parado e a entrada do estacionamento. Racionalizei que, se o terreno era da igreja, eu tinha o direito de dirigir em cima dela. Foi o que fiz. Ultrapassei os outros motoristas pelo acostamento.

Mal sabia eu que passava bem ao lado de Mark Dawson, um dos membros da igreja. Do assento do passageiro do carro dele, seu filho, Alex, gritou: — Papai, lá vai um daqueles motoristas que o pastor Craig odeia tanto! — Mal concluía a frase e ele emendava, entre chocado e entristecido: — Mas papai! Aquele é o pastor Craig!

Menos de 24 horas depois de esbravejar sobre como é errado dirigir pelo acostamento, foi exatamente o que fiz.

Senhor, mostra-me se há alguma atitude ofensiva em mim.

Reflita sobre o que você tem racionalizado. Existe uma área na sua vida acerca da qual outras pessoas vêm expressando preocupação? E você tem se defendido? *Não vejo nada demais nisso. Sou capaz de lidar com a situação. Esse é apenas o meu jeito de levar a vida. De qualquer forma, não estou fazendo mal a ninguém. A vida é minha.*

Quem é você para me julgar? Não tenho um problema. Estou ótimo.

Cuide dos seus problemas e me deixe em paz para cuidar dos meus.

Necessitamos do auxílio
divino para enxergar o
pecado difícil de identificar
pelo espelho.

Temos aqui mais um motivo pelo qual essa oração perigosa é não apenas importante como imperiosa. Necessitamos do auxílio divino para enxergar o pecado difícil de identificar pelo espelho. Se não formos cuidadosos, podemos acabar como as pessoas descritas por Davi no salmo 36, em que ele declara com vigor: “Ele se acha tão importante, que não percebe nem rejeita o

seu pecado. As palavras da sua boca são maldosas e traiçoeiras; abandonou o bom senso e não quer fazer o bem” (Salmos 36.2,3).

Com que frequência nos achamos importantes demais? *Não sou como esse homem. Estou ótimo espiritualmente. Não tenho problema algum.* Sem nem o saber, nosso coração traiçoeiro nos engana e leva a ignorar o pecado por nós cometido. E as racionalizações continuam.

- Não há nada errado em ver pornografia. Todo o mundo vê. Além do mais, eu poderia estar fazendo coisa bem pior. Não prejudico ninguém com isso.
- Não tenho problema de temperamento. Não gritaria se você não fizesse sempre a mesma coisa. A culpa não é minha se você me deixa furioso.
- Não tenho problema com bebida. Só tomo umas cervejinhas para me ajudar a relaxar. É diferente de virar uma garrafa de uísque de uma vez ou coisa parecida.
- Não estou fofocando. Não posso fazer nada se as pessoas me contam as coisas. Só estou repassando informações provavelmente verdadeiras. Além disso, ajuda as pessoas a saberem pelo que devem orar.
- Para mim o jogo não é um problema, mas pura diversão. Consigo parar a hora que quiser.
- Não sou egoísta. Apenas gosto de coisas boas. Quero o que tenho direito. Dei duro a vida inteira. Mereço coisas boas na vida.

O rei Davi sabia tudo de racionalização. Jamais conheceremos a história exata que ele contou para si mesmo antes de levar Bate-Seba para a cama e então assassinar o marido inocente dela, Urias, a fim de encobrir o que fizera. (A história completa está em 2Samuel 11 e 12). No entanto, sabedor de como a mente humana funciona, suponho que tenha dito para si mesmo algo mais ou menos assim: *Mereço me distrair um pouquinho. Lutei e venci diversas batalhas. Agora preciso me desconectar.*

Por esse motivo, ao passear pelo telhado do palácio para relaxar, talvez bebericando seu drinque favorito, o rei nota uma bela mulher várias portas adiante.

Uau... Que espetáculo! Quem é a moça no telhado? Estou me sentindo bastante solitário. Adoraria ter companhia. Gostaria de conhecê-la. Só para descobrir quem é. Não farei nada. Só preciso de alguém com quem conversar.

Tendo enviado um servo para buscá-la e trazê-la ao palácio, com certeza suas racionalizações continuaram.

Ela está se sentindo solitária. É provável que o marido não faça ideia do que tem em casa. O rei sou eu. Mereço um pouco de atenção. Ninguém vai descobrir nada, nunca. Além do mais, tenho minhas necessidades.

Assim por diante, sem parar. Um passo de cada vez. Davi tratou de se convencer com mentiras e mais mentiras.

A experiência tem me ensinado que, quando assumo posição de defesa, é um indício de que preciso prestar bastante atenção e me manter aberto ao que Deus quiser me mostrar. Se alguém estiver

sugerindo uma mudança em sua vida e você responder esbravejando, saiba que o mais sábio da sua parte seria escutar. Se sente que Deus o está convencendo de alguma culpa e mais que depressa você lhe responde que não precisa mudar nada na sua vida, saiba que esse é um sinal claro da necessidade de parar um pouco e refletir sobre a advertência que Deus está dando.

Descobri que, quanto mais me convenço de estar certo em relação a alguma coisa, mais provável é que esteja equivocado.

Foi uma lição que aprendi da pior maneira possível, lógico.

Pastor em início de carreira, vi dezenas de pessoas sábias se achegarem e me dizerem que, de vez em quando, eu era grosseiro demais na pregação. Preocupavam-se com que meu senso de humor fosse de mau gosto na melhor das hipóteses, e inadequado na pior.

Não arredei pé.

Mal sabiam eles que eu tinha uma estratégia. Como um sujeito a quem repugnavam os pregadores religiosos em excesso, mais santos que o próprio Deus, eu estava determinado a mostrar para todo o mundo que era alguém comum. Divertia-me como todo mundo. E tinha um senso de humor que as pessoas apreciariam.

O problema era que meu padrão visava estabelecer conexão com todo o mundo, mas não honrar a Deus.

Depois que dezenas de pessoas tentaram me ajudar a ver o erro do meu modo de agir, enfim eu vi a luz, graças ao auxílio de um sujeito.

Depois de me visitar por alguns minutos após o almoço, ele experimentou uma abordagem diferente a fim de me abrir os olhos para os meus problemas.

Está disposto a pedir para Deus mostrar a você se isso é algo que ele gostaria que você mudasse?

Começou elogiando com sinceridade a minha pregação. Tinha amado minha paixão. Reconhecia minha devoção aos estudos. Admirava a coragem com que eu pregava sobre temas difíceis.

Passou então a me incentivar em relação à minha fé em Deus. Muito franco, disse saber que eu amava as pessoas necessitadas de Cristo e que eu desejava honrar a Jesus com o meu estilo de vida.

Enquanto continuava a me edificar com suas palavras, disse saber que eu tinha consciência de que muita gente andava preocupada com meu humor grosseiro. Esse homem sábio me contou que confiava em mim e que, se havia um problema comigo, sabia que eu daria ouvidos para Deus. Em vez de me acusar, encorajou-me: — Está disposto a pedir para Deus mostrar a você se isso é algo que ele gostaria que você mudasse?

Por causa do espírito amoroso dele, concordei em dirigir a pergunta para Deus. Na verdade, não pensava ouvir nada diferente da parte do Senhor. Ele conhecia meu coração. Compreendia meu plano.

De modo que me limitei apenas a fazer uma oração perigosa.

“Mostra-me se estou errado, Deus. Mostra-me se preciso mudar.”

Nada aconteceu.

Nada mesmo.

Até a primeira vez que preguei depois de orar assim.

Por acaso era um “fim de semana de promoção”, e as crianças da igreja passariam para nova série ou classe. Catie, minha filha mais velha, em virtude da idade, deixara a escolinha das crianças.

Aquele seria seu primeiro domingo com os adultos, entre os quais passaria a participar da adoração todos os domingos.

A área em que me sentira
tão seguro de estar certo
era exatamente a área em
que estava mais errado.

Comecei a pregar com confiança e paixão, olhando de rabo de olho para minha preciosa filhinha sentada junto a Amy (que também achava que eu ia longe demais com meu humor). Eu estava prestes a fazer uma piada que alguns considerariam questionável quando, de repente, me ocorreu: *Não quero que minha filha ouça isso. Gostaria que ela jamais dissesse uma coisa dessas.* Em um instante, Deus conseguiu se comunicar comigo. As pessoas estavam certas. Eu, errado. Inadvertidamente, vinha sendo desonroso para com Deus e desrespeitoso para com muita gente incrível.

A área em que me sentira tão seguro de estar certo era exatamente a área em que estava mais errado.

Negar a verdade não altera os fatos.

Eu vinha pecando contra Deus e necessitava de uma oração perigosa para aceitar a dolorosa realidade.



CAPÍTULO 1 . 7

Dirige-me

Você está pronto para fazer essa perigosa oração? Para ouvir o que talvez Deus revele a você em consequência disso? Tem fé para perguntar e coragem para obedecer?

Sonda-me, ó Deus.

Conhece as minhas inquietações.

Vê se na minha conduta algo te ofende.

E dirige-me pelo caminho eterno.

Cada frase desse clamor recheado de fé e direcionado para Deus é importante. Sem a oração final apaixonada, no entanto, ele fica incompleto — dirige-me pelo caminho eterno.

Não queremos que Deus se limite a nos mostrar a impureza do nosso coração. Queremos mais que apenas conhecer nossos medos e inquietações. Mais que apenas saber quão ofensivos nós somos.

Queremos que Deus nos conduza, nos dirija, nos guie a fim de nos tornarmos quem ele deseja que sejamos.

Dirija-nos pelo caminho eterno.

Quando você parar para fazer essa oração de ouvidos atentos, Deus falará com você. Mas não encare a oração com leviandade.

Não a faça sem convicção. Aqui não se trata de um jogo, ou de um pequeno exercício espiritual estéril com o intuito de ajudá-lo a ter um dia melhor. Trata-se de uma oração para purificação da alma, para emendar o coração, para transformar a eternidade.

“Dirige-me.”

Enquanto reflito na minha jornada espiritual por intermédio dessa oração, permita-me recapitular o que Deus tem me mostrado.

1. *Sonda o meu coração, ó Deus.* O Senhor me revelou a hipocrisia que trago dentro de mim. Sempre apresento às pessoas o eu que eu quero que elas vejam. Minhas palavras honram a Deus, mas meu coração pode estar longe dele.

2. *Conhece as minhas inquietações.* Morro de medo de não corresponder às expectativas. Sou assombrado pelas minhas inseguranças. O temor de não ter o necessário para agradar as pessoas me paralisa.

3. *Vê se algo te ofende em minha conduta.* Vezes e mais vezes tenho posto a aprovação das pessoas na frente da aprovação divina. Luto contra a vontade de que gostem de mim mais do que desejo expressar meu amor por Deus.

4. *Dirige-me.* Aqui começam os trabalhos. Onde passamos para o plano da realidade, quando se torna possível a mudança genuína, repleta do Espírito, que transforma a vida.

Quando reúno todas as partes dessa única oração e ouço o que Deus quer me revelar, fica muito claro: tenho lutado o tempo inteiro

para não pôr a aprovação das pessoas na frente da aprovação divina.

Talvez seja essa a mais profunda falha espiritual no meu interior. Um pecado que vem me impedindo de servir a Deus de todo o coração. Por quê? Porque tornar-me obcecado com o que as pessoas pensam a meu respeito é a maneira mais rápida de me esquecer do que Deus pensa a meu respeito. A obsessão pela aprovação alheia é, em uma palavra, idolatria.

Por isso, peço a Deus que me faça diferente. Mais forte. Mais confiante em Cristo. Mais seguro de seu amor e chamado. E está dando certo. Minha pregação está mais ousada. Minha liderança, mais aguçada. Minha sensibilidade ao Espírito, mais forte. Quanto menos me interesso pelo que as pessoas pensam, mais entusiasmado fico acerca do que Deus pensa. Estou menos apaixonado por este mundo e tenho a mente mais concentrada na eternidade.

Dirige-me.

Faça essa oração.

Sonda-me, Deus.

Conhece minhas inquietações.

Vê se algo te ofende em minha conduta.

E dirige-me pelo caminho eterno.

Ao orar assim, ouça o que Deus tem a dizer. Observe o que ele mostrará a você. Veja como ele liga os pontos e indica a maior

necessidade que você tem.

Mas não desanime. Encha-se de fé. Descobrir sua necessidade mais profunda é uma dádiva. Uma oportunidade. Uma bênção.

Porque sua necessidade mais profunda se converte em dádiva quando leva você a depender de Cristo.

É o que tenho aprendido com minha filha Mandy. Como disse antes, ela vem lutando contra uma fadiga crônica, a *fi-bromialgia*, e diversos outros problemas complicados, daqueles que transformam toda a vida da pessoa. Quando comentei do meu orgulho pela maneira de ela suportar a doença, Mandy me interrompeu no meio da frase: — Papai — disse ela, corrigindo-me com muita delicadeza —, optei por não usar o verbo *suportar*. Implicaria uma reação passiva a algo que está acontecendo. — Esperei com paciência minha filha preciosa concluir a lição espiritual que estava dando ao pai-pastor. Ela prosseguiu: — Eu acolho essa situação toda. Com tudo que há em mim. Acredito que Deus a esteja usando para me fazer conhecê-lo melhor, a mim e também a outras pessoas.

Enxugando as lágrimas, vi-me na obrigação de reconhecer que Deus de fato a atraía ainda mais para perto de si. Em vez de permitir que sua condição física a prive da oportunidade de fazer diferença, quando Mandy não pode sair, simplesmente grava mensagens de incentivo de casa mesmo. No momento que escrevo este livro, ela conta com mais de 10 mil assinantes em seu canal do YouTube para ouvi-la falar da sua esperança e fé em Cristo.

Deus fará a mesma coisa por você.

Na área em que você for fraco, a força dele está presente.

Quando você estiver machucado, o conforto dele está disponível.

Quando você for tentado, a graça dele dará uma saída a você.

Deixe que seus medos o conduzam para Deus. O temor de Deus é a única cura para o temor das pessoas.

Se você vem lutando contra a luxúria, deixe a Palavra de Deus renovar sua mente.

Se tem tropeçado no orgulho, humilhe-se e Deus o exaltará.

Se esconde um pecado secreto, confesse-o ao Senhor para encontrar perdão e a pessoas dignas de confiança para encontrar cura.

Peça para Deus mostrar a você a verdade. Porque a verdade o libertará.

Cansou das orações tediosas, seguras, estéreis? Percebe-se empacado em uma rotina espiritual? Sua fé só tem gordura, nenhuma substância? Sua paixão anda em baixa? Você tem fome de mais? Está pronto para obedecer?

Então arrisque-se nas águas profundas da comunicação com Deus. Abra o coração para a cura promovida por aquele que é divino.

Experimente a beleza do perdão e da graça do Senhor. Busque seu amor infalível, incondicional e inextinguível. E tenha coragem para fazer essa perigosa oração.

Mas não se limite a repeti-la. Reaja ao que ele revelar. Avance por cima do seu maior medo e se embrenhe na fé. Acolha sua necessidade mais profunda e permita que ela o leve a depender de Cristo.

Você está pronto?

“Sonda-me, ó Deus.”



P A R T E 2

Quebranta-me

E tendo [Jesus] dado graças, partiu [o pão] e disse: “Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim”.

— 1Coríntios 11.24



CAPÍTULO 2 . 1

Quebranta-me

ANOS ATRÁS, BRUCE WILKINSON escreveu um *best-seller* arrebatador denominado *A oração de Jabez*. O livro girava em torno de dois versículos bíblicos do Antigo Testamento. Se você nunca ouviu falar desse tal de Jabez, não se surpreenda. Ele é citado apenas três vezes na Bíblia; portanto, não conhecemos muitos detalhes a seu respeito. Conquanto nos seja dito que era “[...] o homem mais respeitado de sua família [...]” (1Crônicas 4.9), o nome Jabez na verdade significa “ele provoca dor”. A mãe o batizou assim porque seu nascimento lhe causara grande sofrimento (v. 9). A maioria dos estudiosos da Bíblia acredita que o parto de Jabez deve ter sido excepcionalmente doloroso ou traumático para a mãe lhe dar um nome desses.

Talvez por isso ele tenha feito essa oração em particular: “Ah, abençoa-me e aumenta as minhas terras! Que a tua mão esteja comigo, guardando-me de males e livrando-me de dores [...]” (v. 10).

A Bíblia diz que Deus atendeu ao pedido.

Quando li o livro de Wilkinson, fiquei impressionado com a simplicidade dessa oração. Abençoa-me. Aumenta as minhas terras. Que a tua mão esteja comigo. Guarda-me de males para que eu fique livre de dores. O tipo da oração que todos queremos fazer, não é? Abençoa-me. (Concede-me mais daquilo que desejo.) Proteja-me. (Mantenha longe de mim o que não desejo.) Faz sentido, certo?

Embora eu já tenha feito diferentes versões dessa oração tantas vezes que até perdi a conta, sinto-me obrigado a aceitar suas limitações. A oração de Jabez — apesar de bíblica e proveitosa — tem como foco o que desejamos, não necessariamente o que Deus quer.

Ela é segura. Cômoda. Alguém poderia argumentar que ela é tacanha mesmo — e até egocêntrica.

Guardar-me de males e livrar-me de dores faz sentido. Quem deseja o mal? Quem deseja lutar? Entretanto me pergunto se de igual modo poderíamos pedir: “Deus, não me permita crescer. Não me deixe ficar mais forte. Não me permita confiar mais no Senhor”.

Ainda que as provações nunca sejam divertidas ou fáceis de suportar, com frequência Deus consegue usá-las segundo seus propósitos. Na verdade, Tiago, meio-irmão de Jesus, atreveu-se a dizer que devíamos nos sentir *gratos* com a maneira pela qual Deus usa as dificuldades para nosso aperfeiçoamento: “Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações, pois vocês sabem que a prova da sua fé produz perseverança. E a perseverança deve ter ação completa, a fim de que vocês sejam maduros e íntegros, sem que falte a vocês coisa alguma” (Tiago 1.2-4).

Se orarmos apenas por
proteção das provações,
furtamo-nos da nossa
maturidade futura.

Se orarmos apenas por proteção das
provações, furtamo-nos da nossa
maturidade futura. “Senhor, guarda-me
da dor” parece a coisa certa de se dizer
em oração — e com frequência é mesmo.

Mas, se esse for seu único desejo, sua grande prioridade, então pode ser que nos privemos da perseverança gerada pela provação.

“Deus, guarda-me do mal” parece uma oração bastante prudente — e talvez seja de fato.

Mas são os desafios da vida que nos ajudam a amadurecer e que nos aproximam de Cristo.

Tudo bem orar por segurança e bênçãos, mas e se você quiser mais? E se desejar poder do Espírito Santo, força dos céus, fé inabalável, intimidade genuína com o Pai?

Em vez de apenas pedir que Deus o mantenha em segurança, dê mais a você e proteja a sua vida, você pode pedir que o quebrante.



CAPÍTULO 2 . 2

De volta à realidade

Na idade avançada dos meus 27 anos, sentime chamado por Deus para dar início a uma nova igreja. Amy, minha esposa, compartilhava dessa visão, de modo que sonhamos juntos e fomos ganhando terreno a partir de um plano. Escolhemos um nome para a nova igreja e demos entrada na papelada. Recrutamos amigos que já haviam demonstrado interesse em se juntarem a nós e mandamos imprimir convites para pessoas que esperávamos que se envolvessem à medida que a ideia da igreja fosse saindo do papel.

Dizer que éramos idealistas é um eufemismo. Munido bem mais de fé que de prudência, vislumbrei como seria. Eu pregaria mensagens poderosas. A atmosfera seria eletrizante, com adoração intensa e música dinâmica. Multidões se aglomerariam entre nossas paredes. Vidas seriam transformadas. Deus seria honrado. A cidade acabaria ficando diferente. E viveríamos felizes para sempre.

Com meu plano muito bem traçado na minha mente, sentei-me à mesa do café da manhã em frente de um dos meus mentores, Gary Walter. Tendo ajudado um grande número de jovens implantadores de igreja a concretizarem projetos bem-sucedidos e vitais, Gary era considerado um especialista. Com o interesse de um pai e a sabedoria de um veterano espiritual, ele foi generoso ajudando-me a dar direcionamento e perspectiva a um sonho. A partir do momento que ele quis saber dos meus planos, mal toquei nos ovos com *bacon* à minha frente para explicar a visão com ousadia.

Todavia, antes de me dar a oportunidade de convencê-lo de que nosso pequeno grupo de pessoas fiéis cresceria para se tornar um movimento mundial, Gary me interrompeu. Não foi rude nem abrupto — na verdade, exatamente o oposto disso. Nunca me esquecerei do tom afetuoso, paternal e pastoral de sua voz quando ele perguntou se poderia me falar com toda sinceridade. Fiz que sim com a cabeça e então ele disse: — Quero garantir a você uma coisa. Uma só.

Fez então uma pausa longa o suficiente para ser considerada constrangedora, deixando sua declaração calar fundo dentro de mim.

Inclinei-me para a frente e preendi a respiração, na expectativa do que ele diria a seguir. Uma coisa só? Só podia ser boa, se era única. O que seria? Talvez Gary fosse me garantir que Deus abriria portas para que eu anunciasse as boas-novas de Jesus a milhares de pessoas em diversos países mundo afora. Que Deus usaria a mim e nossa igreja para fazer mais do que eu poderia imaginar. Que o mundo seria diferente e melhor por causa dos nossos esforços por intermédio da igreja.

— A única garantia que posso dar a você é esta: Deus quebrantarão você.

Proferidas devagar, em tom deliberado e gentil, as palavras de Gary esmagaram-me com o peso que carregavam.

Encarei-o também. É provável que a expressão do meu rosto traduzisse uma mistura de sentimento de traição com atordoamento.

O que você está querendo dizer? Deus me quebrantará? Que tipo de garantia é essa? Por que Deus desejaria me quebrantar? Que mentor é capaz de dizer uma coisa dessas para a gente? E que Deus permitiria que isso acontecesse?

O que se passou nos minutos posteriores à afirmação de Gary é um borrão indistinto na minha cabeça. Não me lembro se ele continuou falando. Ou se argumentei sobre o assunto. Ou se me limitei a permanecer sentado enquanto a afirmação profética que acabara de ouvir me devastava até os ossos. Só me lembro da sensação de choque provocado por aquelas palavras. Era a última coisa que eu queria escutar. Em que queria crer. Que gostaria que acontecesse. Afinal, eu estava agindo em obediência a Deus e fazendo o que ele queria de mim, certo? A verdade não deveria ser o contrário? Deus não deveria me recompensar ou pelo menos *não* tentar me quebrantar?

Por mais que sentisse vontade de me opor ao comentário de Gary, eu sabia que ele dissera a verdade.

Não foi ele quem me devolveu à realidade — quem fez isso foi a verdade.

Deus me quebrantaria.

E, ao menos em teoria, eu seria melhor por causa disso.

Se sobrevivesse.

“É questionável se Deus
pode abençoar
grandemente um homem
antes de feri-lo em

Assim que recuperei o equilíbrio,
lembro-me de Gary explicando por que

profundidade”. — A. W.
Tozer

esse era o caminho que eu teria de percorrer. E citou A.

W. Tozer, que disse: “É questionável se Deus pode abençoar grandemente um homem antes de feri-lo em profundidade”. Lembro-me de pensar na época o que penso hoje: *Não tenho certeza de que essa ideia me agrada*. Será que cheguei a acreditar nisso? Era esse o preço que teria de pagar para Deus me usar grandemente? Não havia um caminho mais fácil?

A fim de sermos úteis para
Deus, precisamos nos
esvaziar de nós mesmos.

Gary me fez lembrar de que Deus me ama. Ele sempre tem em mente o melhor para minha vida. Contudo, a fim de ser útil de fato para ele, eu precisaria me esvaziar de mim. Deus necessitaria me quebrantar para extirpar meu orgulho, minha autoconfiança, minha autossuficiência.

Teria também de arrancar de mim coisas que eu ainda nem tinha consciência de que precisavam ser eliminadas.

Se quisesse mesmo ser usado por Deus para sua glória, não havia como contornar meu quebrantamento.

Teria de me submeter a Deus.

E Deus teria de me quebrantar.



CAPÍTULO 2 . 3

Status quo

QUANDO PENSO EM ORAR “Senhor, quebrantame”, vem-me à cabeça a experiência que Amy e eu tivemos certa vez no nosso pequeno grupo. Na noite gelada de uma quarta-feira do mês de janeiro, enquanto se armava uma tempestade, acomodamo-nos em uma sala quente e aconchegante na companhia de outros sete ou oito casais para conversarmos exatamente sobre essa oração perigosa. Impressionou-me o contraste, se não a ironia, do tema que nos levara até ali para o encontro. Do lado de fora devia estar perto de 9 graus negativos, com sensação térmica ainda mais baixa. Apesar do tempo feio, ocupávamos uma sala de estar confortável, sentados em sofás de couro, tendo uma lareira a arder no canto. Com os estômagos cheios de chili e pão de milho, voltamo-nos então para o que significaria fazer uma oração perigosa.

Concordamos que todos *desejávamos* fazer a oração — e falávamos sério — mas não podíamos negar que temíamos as consequências. A primeira mulher a se pronunciar também levava a sério a possibilidade de orar assim, mas reconhecia a própria luta. Esposa amorosa e mãe de quatro filhos, seguia Jesus fielmente desde o segundo ano do ensino médio. Servia no ministério infantil na igreja, dizimava todo mês, abria a casa para crianças necessitadas de um lar temporário, frequentava o estudo bíblico semanal e costumava ser voluntária para orar em voz alta nos grupos.

No entanto, quando confrontada com a opção de pedir para Deus quebrantá-la, recusou-se.

— Sinto muito, mas sinto que devo ser sincera — disse ela.

— Não quero pedir para Deus me quebrantar. Tenho medo do que acontecerá. Sou mãe de quatro crianças. Amo-as demais. Pedir a Deus que me quebrante é uma oração assustadora demais para eu fazer algum dia. E se eu ficar doente, ou deprimida, ou ter de me afastar da minha família?

A maioria das demais pessoas presentes balançou a cabeça em concordância. Uma a uma, todas explicaram por que hesitavam, tinham medo e relutavam em fazer essa oração perigosa. De modo que continuamos a discutir o assunto, cada um se identificando e justificando por que não considerava tão simples fazer uma oração perigosa. Todos nós cristãos, recostados confortavelmente perto do fogo, tomando café quente com canções tocando baixinho no fundo.

No fim do encontro, embora ninguém tivesse orado expressamente em voz alta, o clamor do nosso coração parecia claro: “Conserve-nos em nosso conforto, Deus. Mantenha-nos aquecidos e aconchegados. Não nos quebrante — seria doloroso demais. Por favor, faça apenas com que as coisas continuem seguindo em frente com tranquilidade”.

O que perdemos ao nos apegarmos ao nosso conforto?

Contudo, a pergunta que fiz naquela ocasião permanece válida para todos nós hoje: o que perdemos ao nos apegarmos ao nosso conforto?

O que perdemos por estarmos tão comprometidos com evitar a dor e o desconforto?

Seria possível haver alguma coisa do outro lado do sofrimento que o faça valer a pena de algum modo?

O quebrantamento poderia ser tão necessário para o nosso crescimento quanto quebrar a casca que o envolve é para o filhote do passarinho? Ou sair do casulo é para a borboleta?

Ser quebrantado poderia nos libertar para mais do que somos capazes de imaginar?



CAPÍTULO 2 . 4

Quebrantado e livre

Quando olho para trás, entendo por que meu pequeno grupo reagiu como faz a maioria de nós quando consideramos a possibilidade de pedir em oração algo tão ousado, na verdade tão maluco quanto “quebrantame”. Mas desconfio que quem reage assim não se dá conta de que, ao nos resguardar para jamais nos expor a perigo algum, corremos o risco de perder algo muito mais precioso que segurança e conforto. Não percebemos que bênçãos talvez estejam do outro lado do quebrantamento promovido por Deus.

Vejo essas bênçãos virem à tona em duas cenas poderosas da vida de Cristo, ambas descritas no livro de Marcos. Curioso notar que elas aparecem uma atrás da outra. Embora possa parecer que não têm relação entre si, há nelas um tema bastante plausível. Algo se quebrou, de modo que alguma outra coisa pode ser liberada.

Não percebemos que bênçãos talvez estejam do outro lado do quebrantamento promovido por Deus.

No primeiro exemplo, Marcos descreve a cena dramática em que uma visita indesejada se infiltra em um jantar para o qual Jesus fora convidado. A visita era uma prostituta, e os tempos não mudaram muito em relação a como as pessoas veem essas mulheres.

As outras mulheres, na maioria, as desprezam. A maioria dos homens as vê como objetos de transações comerciais, ou as julgam, ou as duas coisas. No entanto, precisamos ter em mente

que mulher nenhuma cresce almejando ser “de vida fácil”, como minha avó costumava chamá-las. Na maior parte dos casos, o desespero leva alguém a vender o próprio corpo a fim de sobreviver. É provável que muitas se sintam impotentes e encurraladas, sem alternativa para melhorar de vida.

O mesmo acontecia na época de Jesus. Se uma moça se tornava prostituta, isso se devia a um desespero desmedido. Não tivera escapatória. Talvez fosse mãe solteira e temesse ver os filhos passando fome. Talvez tivesse sido vendida como escrava e não enxergasse outra saída. Talvez tivesse sido abusada a vida inteira, não tivesse autoestima nenhuma e não se acreditasse digna de outra coisa além de usar o corpo para continuar viva.

Não conhecemos muitos detalhes sobre a mulher da história.

Mas sabemos o que ela fazia para ganhar a vida. E também sabemos que em algum lugar, em algum momento, de alguma forma, ela encontrou o amor de Cristo. Não temos a informação exata de quando ela encontrou Jesus ou o que ele lhe disse. Desconhecemos se outras pessoas observaram sua transformação, ou se ela experimentou o amor de Deus sozinha, em algum ponto de uma estrada empoeirada. A única coisa de que temos certeza é de seu encontro com Cristo. E de que ela tinha certeza de que Jesus era diferente.

De alguma forma, em algum momento, ele lhe demonstrou amor incondicional, quando até então ela só conhecera o abuso. Tratou-a com dignidade. Mostrou-lhe respeito. Honrou-a quando os outros foram pródigos em cobri-la de vergonha. Jesus teria lhe demonstrado o mesmo amor, a mesma graça, a mesma misericórdia que oferecia a cada pecador arrependido que cruzava seu caminho.

Apesar de humilhada, Jesus a ajudou a se sentir digna. Apesar da sensação de não ter valor algum, ele lhe mostrou que a verdade era o contrário. Embora ela fosse culpada de pecado, Jesus lhe estendeu graça.

Assim, essa mulher quis fazer alguma coisa para demonstrar gratidão. Sabendo que Jesus e os discípulos estavam na casa de Simão, o leproso, ela entrou ali a fim de manifestar agradecimento ao Redentor. Se foi proposital ou por acaso não está claro, mas o valor de sua oferta extraordinária não nos é revelado. Provavelmente ela adquiriu esse que seria seu bem mais precioso, um frasco de perfume exótico, e em um gesto desenfreado de adoração e devoção, “[...] quebrou o perfume sobre a cabeça de Jesus” (Marcos 14.3).

À primeira vista, isso talvez não pareça grande coisa. Muito bem, ela quebrou um frasco de Chanel? Que importância tem isso?

Sua plateia, no entanto, reconheceu na mesma hora a multifacetada importância do presente. Um tesouro tão raro e dispendioso teria custado o equivalente a um ano de salário.

Reflita um instante. Quanto você ganha por ano? Agora imagine, de uma hora para outra, em uma demonstração única de adoração, dar essa quantia inteira para Jesus. Foi o que a mulher fez.

Quebrou o frasco e ofereceu todo o conteúdo.

Lembre-se, a mulher não tinha um trabalho que amava. Um ano de salário para ela equivalia a um ano de vergonha. Um ano de humilhação. Um ano de

Quanto você ganha por ano? Agora imagine, de uma hora para outra, em uma demonstração única de adoração, dar essa

pecado. Quantos encontros terríveis ela tivera aquele ano? Quantos homens a usaram? Contudo, ela quebrou o frasco e adorou Jesus.

quantia inteira para Jesus.
Foi o que a mulher fez.
Quebrou o frasco e
ofereceu todo o conteúdo.

O presente repentino chocou alguns dos convidados presentes na casa. Estupefatos, eles esbravejaram indignados uns com os outros. “[...] Que desperdício!

Esse perfume poderia ser vendido pelo valor do salário de um ano, e o dinheiro, distribuído entre os pobres’. Eles fuzilavam a mulher com os olhos” (Marcos 14.4,5 *A Mensagem*). Talvez você e eu reagíssemos da mesma forma. Parece algo tão perdulário, uma manobra maluca.

Mas não era apenas uma manobra. A magnitude do gesto abnegado de devoção não parou no valor financeiro do conteúdo do frasco.

Na época, os perfumes eram tão raros que as mulheres comuns nem pensavam em comprá-los ou usá-los. Pelo simples fato de não ser factível. Custavam caro demais. Quem então se disporia a desperdiçar tanto dinheiro em uma fragrância? Mulheres como a do trecho que estamos estudando. Alguns teólogos acreditam que só usavam perfume as mulheres que “trabalhavam nas ruas”. O perfume funcionava como uma espécie de publicidade. Quem o usava passava uma mensagem ousada e aromática. “Estou disponível... mas tenho um preço”.

Jesus, aqui está a minha vida. Ela é toda sua. Não

Assim, ao quebrar o frasco e derramar a fragrância valiosa, a mulher da história

retenho nada para mim
agora.

não estava apenas se desfazendo do
dinheiro que ganhara.

Desfazia-se ainda de seu passado, da profissão, de seu sustento. O perfume representava não só a atividade que ela exercia, mas também o que ela poderia usar para suscitar futuros “negócios”. Ao quebrar o frasco, ela fechava toda porta que pudesse representar uma opção de fuga ou retrocesso em relação à atitude tomada naquele instante. Não havia mais volta. Ela derramou todo o perfume sobre Jesus, simbolizando que lhe entregava toda sua vida.

A mulher quebrou o frasco e despejou tudo o que ele continha.

Libertou-o. E se entregou.

Seu gesto falava mais que quaisquer palavras.

Jesus, aqui está a minha vida.

Ela é toda sua.

Não retenho nada para mim agora.

“Senhor, pode ficar com tudo.”



CAPÍTULO 2 . 5

Partindo o pão

DO FRASCO DE PERFUME em pedaços, Marcos desvia nossa atenção para outra cena em que o próprio Jesus fragmenta alguma coisa. Não um frasco, mas sim o pão à mesa por ele partilhada com seus discípulos. Tampouco foi durante uma refeição qualquer, mas naquela que ficou conhecida como a última ceia, o derradeiro encontro de Jesus, antes de sua morte, com todos os amigos mais chegados e de confiança. Nessa refeição íntima, Jesus lhes ofereceu pão e vinho, utilizando o trigo e a uva como apoios visuais para anunciar os próprios sofrimento e morte iminentes.

Em seguida, convidou os discípulos a celebrarem a mesma refeição simbólica em memória dele nos anos vindouros: “Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o, e o deu aos discípulos, dizendo: ‘Tomem; isto é o meu corpo’. Em seguida tomou o cálice, deu graças, ofereceu-o aos discípulos, e todos beberam. E disse-lhes: ‘Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos’” (Marcos 14.22-24).

Observe o que exatamente Jesus estava fazendo. Ele partiu o pão e explicou que o gesto de partir simbolizava o que lhe aconteceria. Seu corpo seria partido, ferido e esmagado. Suas costas carregariam as listras do açoite brutal de chicotes. Seu rosto seria ensanguentado por punhos, e sua cabeça, perfurada por uma coroa de espinhos. Suas mãos e pés seriam pregados a vigas de madeira.

Ele penderia da cruz enquanto a multidão lhe cuspia. Zombava dele. Maldizia-o. Jesus seria rodeado por dois ladrões condenados — embora ele próprio nada tivesse feito de errado. Lutaria para respirar. Bradaria com Deus de tanta dor. Perdoaria os que o penduraram ali. E entregaria sua vida por nós.

Como o pão que ele serviu à mesa, o corpo de Jesus seria partido. Então, depois de compartilhar do pão com os discípulos, ele ergueria um cálice de vinho. Lenta, deliberada e afetuosamente, explicaria que o vinho representava seu sangue. Em breve derramaria seu sangue para cobrir os pecados de homens culpados. Ele era o Cordeiro de Deus. O Cordeiro sacrificial seria imolado.

“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos (João 15.13).

Olhando nos olhos daqueles que escolhera, Jesus sabia que Pedro o negaria e que Judas o trairia. No entanto, continuou a amá-los e explicou que precisava oferecer-lhes a vida (v. Marcos 14.12-31). Como já lhes ensinara: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos (João 15.13).

Seu corpo seria partido e seu sangue derramado.

O Evangelho de Lucas descreve a mesma refeição, mas observa algo não mencionado por Marcos. Diz Lucas: “Tomando o pão, [Jesus] deu graças, partiu-o e o deu aos discípulos dizendo: ‘Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim’” (Lucas 22.19).

Quase todos os estudiosos da Bíblia concordam que o ensino de Jesus, “façam isto”, proporciona aos discípulos um modo de recordar, honrar e celebrar sua morte e ressurreição. Em

consequência disso, há séculos os seguidores de Cristo se reúnem e participam do ato de partir o pão e oferecer vinho, compartilhando de ambos em um ato de adoração. Conhecido como santa ceia, ceia do Senhor ou eucaristia, esse partilhar do pão e do vinho nos ajuda a recordar o sacrifício extraordinário, o preço pago por Jesus, a fim de que pudéssemos ser perdoados e estar em eterna comunhão com o Pai.

No entanto, há estudiosos que acreditam — e concordo com eles — que a instrução de Jesus “façam isto” abrangia mais que um ato simples e breve, um ritual envolvendo pão e vinho. Alguns creem que Jesus “fez isto” referindo-se à maneira pela qual devemos viver. Não recordamos de Jesus apenas durante a ceia na igreja; lembramo-nos dele no nosso estilo de vida diária. Porque o corpo de Cristo foi partido, porque seu sangue foi derramado em nosso favor, também deveríamos viver por ele dia após dia, partidos e derramados.

A princípio, isso pode soar pouco atraente. Quem quer ser “partido” e “derramado”? Na melhor das hipóteses, parece doloroso e, na pior, terrível. Mas é na entrega da vida que encontramos real alegria. Em vez de buscar a satisfação da nossa vontade, rendemo-nos à vontade dele. Em vez de tentarmos alcançar a plenitude de tudo que desejamos, esvaziamos nossa vida de modo a fazermos alguma diferença na vida das pessoas.

Jerome e Shanna, amigos nossos, acolheram tantas crianças necessitadas que nem sei muito bem se eles mesmos conseguiriam dizer quantas crianças em

Quem quer ser “partido” e “derramado”? Na melhor das hipóteses, parece doloroso e, na pior, terrível. Mas é na entrega da vida que encontramos real alegria.

sofrimento já ajudaram. No processo, passaram inúmeras noites chorando.

Padeceram em razão de desapontamentos.

E têm se doado a ponto de doer. Em sua entrega altruísta, contudo, têm encontrado alegria. Quando lhes perguntei se fariam alguma coisa diferente, sem hesitar responderam em uníssono: — De jeito nenhum. Temos recebido tanto. Agora é nossa vez de retribuir.

Jerome e Shanna conhecem por experiência própria a bênção de se viver partido e derramado.

É difícil imaginar o que os discípulos devem ter pensado e sentido naquele momento, reunidos em torno da mesa na companhia do Filho de Deus. Não queriam que ele morresse. O mais provável é que nem acreditassem nessa possibilidade. Por isso me pergunto se lembranças de tudo que Jesus dissera antes lhes inundaram a mente. “Oh... uau... agora faz sentido! Jesus nos disse que, se quiséssemos ser seus discípulos, devíamos negar a nós mesmos, tomarmos a cruz e segui-lo” (v. Mateus 16.24).

Devemos ainda morrer para nós mesmos, de modo a podermos viver para ele. Partidos e derramados.

“Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa a encontrará” (Mateus 16.25).

Então pode ser que os discípulos tenham se lembrado do que Jesus disse depois de convidá-los a tomar a própria cruz. Fora tão enigmático na época. Não fizera sentido no contexto em que apenas caminhavam juntos, conversando com

Jesus. Agora, à luz dos acontecimentos recentes, tudo se tornara mais inteligível. Jesus dissera: “Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa a encontrará” (Mateus 16.25). Ele não nos convida para uma vida de conforto e sossego, mas de entrega e sacrifício. Nosso maior desejo não deveria ser no sentido de que nossa vontade seja feita, mas a vontade do Senhor. Ele nos convida a morrermos para nossa vida, de modo a que possamos viver minuto a minuto, dia a dia — por Jesus. A deixarmos para trás nossa sala de estar aconchegante e as orações seguras para sabermos o que significa ser partido por causa das outras pessoas.

E se, ao orientar “façam isto”, Jesus não se referisse apenas a um ritual que executamos de vez em quando na igreja? E se ele também nos chamasse para sermos partidos e derramados todos os dias? E se nos convidasse para uma vida de humildade, sacrifício, generosidade e alegria? E se, em vez de orar “Deus, cuida de mim, proteja-me e me abençoe” nós o convidássemos para realizar algo mais profundo na nossa vida?

E se reconhecêssemos que fardos, com a ajuda de Deus, podem se converter em bênçãos? E se aceitássemos a verdade de que os problemas podem nos tornar mais fortes? Que as provações são capazes de fortalecer-nos a fé? Que o sofrimento pode nos deixar mais compassivos para com o suplício alheio? Que a dor pode nos levar mais para perto de Cristo?

E se tivéssemos a coragem, a audácia, a fé de orar: “Deus, quebranta-me?”. E se também levássemos uma vida partida e derramada por Cristo?



CAPÍTULO 2 . 6

Susto

Lá atrás, quando inaugurei nossa igreja, Gary, meu mentor, me deu a mais audaciosa garantia que eu já ouvira, mesmo sem querer: “Deus quebrantarás você”.

Mostrou-se tão confiante nessa declaração profética que nem por um momento duvidei de suas palavras. Não só ele tinha firme convicção de que Deus acabaria por me quebrantar como estava ainda mais certo de que o Senhor faria bom uso disso. O quebrantamento me faria melhor. Aguçaria minha liderança. Aprofundaria minha fé. Aumentaria minha intimidade com Jesus.

“Deus, faça tudo que for necessário para me libertar do meu amor por este mundo. Para crucificar meu amor pelo conforto. Quebrantame, Deus.”

De modo que passei a fazer uma das orações mais perigosas que alguém pode orar. “Deus, confio demais no Senhor. Sei que o Senhor me ama, que sempre trabalha na minha vida. Se quer fazer algo mais em mim, faça-o de uma vez.

Se for doloroso, dou as boas-vindas à dor.

Se quiser usar provações para me fortalecer, edifica minha fé, aproxima-me do Senhor e então as use. Deus, faça tudo o que for necessário para me libertar do meu amor por este mundo. Para crucificar meu amor pelo conforto. Quebrantame, Deus.”

Embora Deus não diga sim para todas as minhas orações, de algum modo, eu sabia ser bem provável que essa ele respondesse.

Acreditando que o quebrantamento viria, preparei-me para o que desse e viesse. Com certeza aconteceria. Agora. Hoje. Se não hoje, então amanhã. Em pouco tempo. Deus me quebrantaria. Por mais que confiasse nele, todo dia esperava e me perguntava: *Será hoje?*

O suspense e o pavor me matavam. Lembra-se daqueles brinquedos antigos da infância em que uma cobra de mola revestida de tecido bem colorido pulava fora quando mal se tirava a tampa da lata que a acondicionava? Versões mais sofisticadas envolviam uma caixinha com uma pequena manivela na lateral que, uma vez acionada, fazia soar uma música arrepiante. A tensão crescia a cada volta da manivela; ninguém sabia quando, mas em questão de segundos aconteceria: a tampa da caixa se abriria de supetão e um palhaço sorridente saltaria para fora, pregando o maior susto da sua vida. (Cá entre nós: por que alguém consideraria boa a ideia de criar um brinquedo que aterrorizasse crianças com cobras e palhaços?) Assim eu estava me sentindo. Dia após dia, a manivela girava.

A música arrepiante tocava. Quando eu menos esperasse, a caixa se abriria de um salto e Deus me quebrantaria.

Ouvira falar da dificuldade de se implantar uma igreja. Todo o mundo que dissera isso tinha razão. Apesar de experimentarmos muita coisa boa, muitas bênçãos e vidas transformadas, a dor de carregar esse peso, o trabalho duro e os sacrifícios costumavam parecer insuportáveis.

Poucos meses depois que começamos, nossa igreja perdeu as instalações cujo aluguel negociávamos e ficou sem local para as reuniões.

Deus, o que o Senhor está fazendo? Depois um jornalista escreveu um artigo bastante crítico a meu respeito questionando minha motivação e criando boatos e fofocas que machucaram minha família. *Deus, por que o Senhor deixou isso acontecer?* A carga de trabalho era de arrasar. A quantidade de horas a ele dedicada, extenuante. O fardo esmagador. *Deus, não sei se darei conta de tanta coisa.*

Pastor ainda jovem, cometi erros na liderança que magoaram pessoas. Amigos muito próximos ficaram bravos e abandonaram a igreja. Tive de dispensar membros da equipe. Incluindo um grande amigo. A sensação que me causou foi de morte. Outro era membro da minha família. A sensação foi pior que a morte.

Quando estiver
quebrantado, você saberá.
Não terá dúvida nenhuma
quanto a esse fato. Não
precisará fazer essa
pergunta.

À medida que os acontecimentos dolorosos iam se desenrolando, eu ligava para Gary e lhe perguntava: — Já fui quebrantado? — Ao que Gary respondia com muita delicadeza: — Ainda não.

Depois de várias rodadas da mesma conversa, Gary afinal me falou: — Craig, quando estiver quebrantado, você saberá. Não terá dúvida nenhuma quanto a esse fato. Não precisará fazer essa pergunta.

Ele tinha razão.



CAPÍTULO 2 . 7

Quebrando feio

MINHA COBRA DE MOLA enfim pulou para fora da lata de um modo ao mesmo tempo inegável e bem pior do que qualquer previsão que eu pudesse ter feito. Meu melhor amigo da igreja nesses primeiros anos era um sujeito a quem chamarei de Jason. Quando começamos a Life.Church, Jason saiu da igreja que pastoreava e mudou-se para nossa cidade com o intuito de nos auxiliar. Éramos pequenos demais para contratar pessoas para a equipe e Jason estava resolvendo algumas coisas em sua vida, de modo que trabalhava em outro emprego enquanto sonhávamos que se juntasse à nossa equipe pouco tempo depois. Não demorou para que ele se tornasse meu amigo mais chegado, meu confidente e parceiro de ministério.

Mas, como acontece com a maioria das pessoas, Jason escondia alguns segredos. Ninguém sabia na época, mas ele tomara uma atitude que o fazia se sentir encurralado. Tentando se esquivar desse beco, ele tomou uma decisão ruim de que se arrependeu, sei disso.

Quando descobri a história, não tive escolha a não ser conversar com ele a respeito. Sua decisão traía minha confiança e ferira nossa amizade. Ao indagá-lo sobre o que fizera, a princípio ele negou tudo. Depois, sem ter onde se esconder, assumiu posição defensiva e começou a gritar comigo. Dirigiu-me algumas palavras ásperas, ao que respondi no mesmo nível. Jason saiu furioso da sala, entrou no carro e partiu a toda velocidade, cheio de raiva.

No domingo seguinte, não me surpreendi por Jason não aparecer para o culto. Nem o culpei. Ele cometera um grave erro e dissera coisas que não deveria. No calor da raiva. O que me ofendeu. Mas, apesar da traição considerável e de me sentir magoado e com raiva, ele continuava sendo meu melhor amigo. Eu sabia que Jason acabaria se acalmando. Em algum momento, conversaríamos e resolveríamos o problema. Perdoaríamos um ao outro. Esqueceríamos. E seguiríamos em frente.

Só que essa conversa que nos salvaria jamais aconteceu.

Cerca de duas semanas depois, tendo acabado de pregar uma mensagem intitulada “Amando aqueles de quem você não gosta”, nada mais natural que Jason me viesse à mente. De modo que, enquanto dirigia da igreja para casa, comentei com Amy que telefonaria para ele aquela noite ainda e tentaria acertar os ponteiros entre nós. Sim, ele me machucara, bem como muitas outras pessoas, mas era meu melhor amigo. Não era perfeito. Nem eu. Não achei certo deixar essa distância pairando entre nós.

Em casa, eu estava prestes a pegar o telefone fixo quando notei a luz da secretária eletrônica piscando. Apertei o botão para ouvir a mensagem e reconheci a da esposa de Jason falando. Entre soluços, com a voz embargada pelo choro, ela disse que Jason estava morto.

Tirara a própria vida.



CAPÍTULO 2 . 8

Unidos pelo quebrantamento

GARY DISSE QUE EU saberia quando fosse quebrantado. Que não precisaria consultar ninguém a esse respeito. No momento em que ouvi a voz da viúva do meu melhor amigo, eu soube, sem sombra de dúvida, que acontecera. Daquele ponto em diante a vida seria diferente. E eu nunca mais seria o mesmo.

Mas não aconteceu só comigo. Todas as pessoas mais próximas a Jason sofriam e se afligiam e experimentavam a dor da perda de igual modo. Tínhamos o coração partido, não só porque o perdêramos, mas pelas circunstâncias envolvidas em sua morte. Os dias seguintes foram confusos. Fizemos o melhor que estava ao nosso alcance para nos confortarmos uns aos outros, tentando ao mesmo tempo ajudar a família de Jason a tomar decisões importantes.

Depois da tragédia, eles nunca mais voltaram à casa em que o encontraram. A esposa e os filhos vieram morar conosco durante o período de transição. Chorávamos até o meio da noite e adormecíamos quando a exaustão nos impedia até de derramar mais lágrimas.

Os dias posteriores à morte de alguém são sempre estranhos.

Ao mesmo tempo que se chora o falecimento da pessoa, também se traça planos para o funeral — momento de celebração do amor que se acaba de perder. Vários dias mais tarde, officiei o funeral do meu amigo. Só havia lugares para as pessoas permanecerem em

pé. Em meio à minha tristeza profunda, tentei de alguma forma oferecer esperança aos que sofriam do meu lado.

Embora ninguém ali soubesse, as últimas palavras que Jason e eu trocamos seriam lamentadas para sempre. Ele errara. Pecara.

Mentira. Traíra a Deus e a mim. Mas essa traição não me importava mais. Era apenas um instante no tempo. Uma decisão ruim tomada por um homem desesperado que não enxergara outra saída.

Independentemente do que ele fizera, eu sabia que deveria ter agido com mais presteza de modo a reparar nossa amizade. Meu coração se endurecera, e meu orgulho obstinado e ego ferido se intrometeram, impedindo-me de perdoá-lo e de descobrir uma maneira de ajudá-lo. Inundado pela culpa, tenho a impressão de que passei dias inteiros chorando. Dúvidas tomaram conta da minha cabeça. *Por que ele não me contou que passava dificuldades? Por que não se abriu? Olhando para trás, percebo sinais do seu tormento. Por que não reparei neles antes? Por que nossa última conversa teve de ser tão horrível? Por que não lhe estendi a mão mais cedo?*

Tentei pregar no domingo seguinte. Apesar de ter o sermão esquematizado e de começar a pregá-lo, em poucos minutos sabia não haver a menor possibilidade de concluí-lo. De modo que, diante de um pequeno grupo de pessoas, caí em prantos. Em uma das ocasiões mais transparentes da minha vida pública, falei de toda a dor e quebrantamento que experimentáramos desde a fundação da igreja.

Antes da morte de Jason, sentia-me machucado. Exausto.

Assoberbado. Com medo.

Depois da sua morte, fiquei destruído. Despedaçado. Quebrado. Ferido.

Entre lágrimas, revelei para a igreja meu sentimento de culpa.

Culpa por não ter estendido a mão para Jason. Por não ter feito mais.

Por desconhecer seu sofrimento. Acontece que minha culpa ia muito além da tragédia do meu amigo. Sentime culpado por não ser um pai melhor devido ao fato de me concentrar tanto no desenvolvimento da nossa igreja. E culpado por não ser um pastor melhor ao me esforçar demais tentando ser o suficiente para minha esposa e meus filhos.

Por mais que me esforçasse, simplesmente eu não era bom o suficiente.

Contei para a igreja do quebrantamento que experimentava e que necessitava mais do que apenas oração. Necessitava amor. Graça. Necessitava-os como amigos.

Por mais que me
esforçasse, simplesmente
eu não era bom o
suficiente.

Precisava mais de Deus, mais do que conhecera no passado.

Naquele dia, algo mudou na nossa jovem igreja. Passou de um pequeno agrupamento de pessoas reunidas para uma comunidade cheia de graça de verdade. Quando pedi apoio, quase todo o mundo saiu do assento e foi para a frente orar, chorar e adorar. Alguns se ajoelharam. Outros ergueram as mãos para o céu. Outros ainda

colocaram as mãos sobre nossos ombros a fim de orar por mim e por nossa família. Todos experimentáramos aquela perda.

Estávamos quebrantados juntos.

É fácil impressionar com nossa força, mas as verdadeiras conexões são forjadas por meio de fraquezas compartilhadas. Podemos impressionar as pessoas com o que somos capazes de

É fácil impressionar com nossa força, mas as verdadeiras conexões são forjadas por meio de fraquezas compartilhadas.

fazer, mas a verdade é que nos conectamos nas nossas lutas comuns. Eis uma das bênçãos do quebrantamento. Podemos lutar para sermos fortes. Mostrar nosso melhor quando postamos *selfies*. E jamais permitir que nos vejam para baixo. Mas, quando nos quebrantamos juntos, a criação dos laços é mais profunda do que somos capazes de imaginar — em especial na família de Deus. Como a perseguição, que sempre une, fortalece e encoraja os cristãos que sofrem juntos, assim o quebrantamento cria um vínculo que resiste ao teste do tempo.

Se em vez de evitar o quebrantamento nós o acolhêssemos?

Déssemos as boas-vindas a ele? Até orássemos por ele?

“Deus, quebrantame.”



CAPÍTULO 2 . 9

Abençoado pelo quebrantamento

Tenho o mesmo parceiro de malhação há vinte e cinco anos. Seu nome na verdade é John, mas eu o chamo de Paco porque, bem...acho Paco um nome melhor para parceiro de malhação. Embora mais velho que eu, o cara é robusto. Nunca o vi socar ninguém e é bonzinho demais para insultar quem quer que seja, mas não tenho dúvida de que, se um dia a situação sair do controle, farei questão de que ele esteja do meu lado da briga.

Você já deve ter imaginado que Paco e eu não choramos juntos.

Não conversamos muito sobre nossos sentimentos.

Somos parceiros de malhação, não amigos que choram no ombro um do outro.

Mas então aconteceu. De repente, Paco começou a perceber um zumbido incômodo no ouvido. Foi quando vi um lado diferente do meu parceiro durão desconhecido para mim. Eu não sabia grande coisa sobre zumbido no ouvido, mas, a partir do momento que vi o sofrimento de Paco, aprendi que suplício terrível ele pode ser. Para algumas pessoas, o zumbido constante não para nunca.

E não tem cura. Nos casos mais graves (como o de Paco), entendo que seja como um trem atravessando o cérebro. Vinte e quatro horas por dia. Todos os dias.

Existem dispositivos que se pode utilizar, mas, para muita gente, a dor é insuportável. A tragédia: o caso de Paco era um dos piores

que seus médicos já tinham visto.

Depois de viajar para se consultar com os maiores especialistas, o melhor conselho que Paco recebeu veio de um companheiro de aflição. O homem explicou que o barulho nunca mais iria embora.

E que a única maneira de suportá-lo era chegando o mais perto que já se esteve de Deus e dedicando a vida a servir os outros.

Parece loucura, não? Basta engolir a dor e sorrir, ao mesmo tempo agindo como se estivesse tudo bem. Lembro-me de quando Paco me contou sobre o conselho desse camarada. Achei uma bobagem. Uma inutilidade. Mas Paco não vira ninguém mais com zumbido grave no ouvido tão bem como aquele homem. Assim, sem ter nada a perder, decidiu experimentar.

Todos os dias se apresentava diante de Deus como nunca. Lendo a Palavra viva do Senhor. Meditando em sua verdade e amor.

Adorando. Orando. Jejuando. John e a esposa, Jennifer, deram início a um pequeno grupo e começaram a se dedicar a outras pessoas.

“Adotaram” uma mãe solteira e os respectivos filhos, passando a servi-los com todo desprendimento. Ao doarem as próprias vidas, o estrondo no cérebro dele não diminuiu nem um pouco, mas de alguma forma John começou a melhorar. A dor não se aplacou, mas a alegria dele aumentou.

Certo dia, tentávamos nos exercitar um pouco na academia quando John me explicou que o zumbido é a pior dor que ele jamais conseguiria imaginar. Todavia, por graça divina, nunca estivera mais

próximo do Senhor do que naquele momento. Contou-me que encontrara alegria no quebrantamento.

Não sei dizer com certeza quem começou a ficar com os olhos marejados primeiro, ele ou eu. Mas ali, na frente de todos que estavam na academia, dois amigos de uma vida inteira foram incapazes de conter as lágrimas.

No quebrantamento,
costumamos experimentar
as maiores bênçãos de
Deus.

No quebrantamento e na dedicação da própria vida aos outros, John encontrou esperança. Em meio à dor, descobriu uma paz celestial que não tinha palavras para explicar. Eu a descobri na minha vida. Mas agora a via nele também.

No quebrantamento, costumamos experimentar as maiores bênçãos de Deus.

Reconheço: fazer essa oração requer tremenda fé. Exige divino atrevimento. Entendo por que muita gente jamais clamaria por quebrantamento. Mas na outra margem da plena confiança em Deus está uma bênção que não se pode encontrar no conforto e no sossego.

Entrei em pânico quando Gary me contou que eu seria quebrantado. Quis evitá-lo a qualquer custo. Se tivesse tentado evitar a dor, no entanto, teria ficado sem as bênçãos.

O apóstolo Paulo clamou desesperado a Deus por cura e libertação de um tormento desconhecido para nós. Em três ocasiões diferentes, ele suplicou, implorou e rogou a Deus que o levasse

embora. Mas Deus disse não, e Paulo descobriu algo que de outra forma não conheceria.^[Nota 1]

A graça de Deus basta.

Quem são aqueles que Deus mais usa?

Os quebrantados e dependentes dele.

Deus usa os quebrantados
e dependentes dele.

Durante a última ceia, Pedro ouviu Jesus explicar que seu corpo seria partido. Bem pouco tempo depois, quando o Senhor já fora preso, Pedro viveu seu quebrantamento mais profundo. Três vezes negou o simples fato de conhecer Cristo. Na terceira vez, a Bíblia diz que alguém lhe perguntou se ele estivera com Jesus. “Pedro respondeu: ‘Homem, não sei do que você está falando!’ Falava ele ainda, quando o galo cantou. O Senhor voltou-se e olhou diretamente para Pedro [...]” (Lucas 22.60,61).

Passei anos sem dar atenção à última parte: “O Senhor voltou-se e olhou diretamente para Pedro”.

Pedro negou conhecê-lo. Jesus viu a negação. Os olhares de ambos se cruzaram. Já imaginou a vergonha, a dor, o quebrantamento que Pedro sentiu? Por isso, quando experimentou a graça de Jesus depois da ressurreição, ninguém estava mais preparado que ele para pregar no dia do Pentecoste. Deus escolheu Pedro como peça fundamental de sua Igreja aqui. Para anunciar às pessoas que abandonassem os pecados que praticavam. Porque Pedro abandonara o dele.

Anos mais tarde, ao lhe pedirem para negar Cristo, Pedro dessa vez se recusou. Quando os inimigos de Cristo quiseram crucificar esse apóstolo em cima de uma cruz, a tradição conta que ele não quis morrer como morrera seu Salvador. Em vez disso, pediu para ser crucificado de cabeça para baixo. O mesmo homem que se acovardara de medo permaneceu intrépido na fé. Era um homem diferente.

Pedro foi partido e derramado.

Podemos não ser partidos como aconteceu a Pedro, ou como alguém que conhecemos, mas todos enfrentaremos momentos na vida em que temos uma escolha a fazer. Quando Gary me contou que eu seria quebrantado, a princípio lutei para evitar a ideia. À medida que minha confiança e fé em Deus foram crescendo, não só a aceitei como encontrei coragem para orar por isso. Contudo, tinha uma coisa no quebrantamento que eu não compreendia.

O verdadeiro quebrantamento diante de Deus não é um evento único, mas uma decisão diária. Paulo disse: “Dia após dia, morro! [...]” (1Coríntios 15.31, *Nova Almeida Atualizada*). Qual o significado disso?

Todos os dias ele optava por crucificar os próprios desejos de modo a poder viver inteiramente para os desejos de Deus.

Cada um de nós é chamado para morrer todos os dias. Para ser partido e derramado. Para se tornar dependente do Espírito de Deus. Para confiar que ele proverá nosso conforto, nossa direção, nossa fonte de poder.

Quebrantar-se não é um instante apenas gerado a partir de um acontecimento doloroso. Trata-se de uma escolha diária por morrer para o orgulho. Por crucificar a volúpia. Por aniquilar o egoísmo.

No lugar de uma vida sossegada, é a opção por uma vida de fé.

Você talvez o experimente quando faz o que é certo, mas é criticado por quem não compreende. Ou quando reage com amor em vez de raiva a alguém que o ataca. Ou quando opta por ser fiel agindo conforme a direção que acredita ser de Deus, mesmo não fazendo muito sentido e com seus colegas de trabalho o ridicularizando por causa disso.

Se não quiser, não faça essa oração perigosa. Muita gente não o culparia por isso. Incluo-me nesse grupo, com certeza.

Mas, se tiver coragem de proferir essa oração, então se prepare.

Esteja pronto para conhecer Deus e ser por ele conhecido de um modo que você nunca vivenciou antes.

Quando as coisas se complicam, muitos fogem de Deus. Não faça isso. Fuja para junto dele.

Se estiver atravessando lutas financeiras, dependa de Deus e confie em sua provisão. Se sua vida estiver em frangalhos, despedace-se com ela. Confie que Deus será o que você precisa.

Ajuste seu coração. Oriente seus passos.

Se recebeu um diagnóstico ruim do médico ou teme pela saúde de alguém a quem ama, ore a Jesus, aquele que curou enfermos e fez milagres na vida de pessoas comuns.

Quando as coisas se complicam, muitos fogem de Deus. Não faça isso. Fuja para junto dele. E não lute contra o quebrantamento.

Tire da cabeça a ideia de tentar parecer forte. Seja fraco. Vulnerável.

Partido. É na sua fraqueza que você descobre a força que ele tem.

Em cacos, você encontra as bênçãos dele.

Permita-me lembrá-lo de que não falamos aqui de cristianismo avançado. Quebrantamento não é só para monges e missionários. Na verdade, ele é o primeiro passo. Faz parte do cristianismo básico. O evangelho convida para vir e morrer. Morrer para os pecados. Morrer para o passado. Morrer para a carne. E morrer para os medos.

Não se trata de um compromisso confortável, displicente, de meio expediente com Cristo. Mas de submissão radical e arrojada à vontade dele para a sua vida.

Jamais insultarei meu Deus pensando pequeno ou pondo a segurança em primeiro lugar.

Você pode preferir não se arriscar nunca.

Minha intuição, no entanto, diz que você deseja mais que isso. Eu escolho diferente. Sou um homem intrépido, cheio de fé, capaz de apostar tudo de uma só vez. Jamais insultarei meu Deus pensando pequeno ou pondo a segurança em primeiro lugar. Se do outro lado do quebrantamento existem bênçãos, quebrantame então.

Quando a pecadora conheceu a graça de Cristo, partiu seu frasco valioso e derramou todo o perfume que ele continha.

Ao olhar para aqueles a quem amava e pensar em quem estava por vir, Jesus fez uma escolha. Optou pelo quebrantamento. Teve o corpo partido por você e o sangue derramado pelos seus pecados.

Quer mais? Sabe que tem mais? Quer glorificar a Deus? Então “vá para cima”. Ore. Dê um passo à frente.

Viva partido e derramado.

Está pronto?

É preciso fé. Não falo de uma oração segura. Não resta dúvida de que é perigosa.

No entanto, as mais profundas bênçãos de Deus o aguardam do outro lado.

“Senhor, quebrantame.”

Notas do Capítulo 2.9

Nota 1 - Você encontra a súplica de Paulo por libertação de algo a que ele dá o nome de “espinho na carne” em 2Coríntios 12.5-8. Mas observe que nos versículos 9 e 10 o apóstolo afirma que o espinho, apesar de difícil de suportar, leva-o a agradecer a Deus e reconhecer que, quando está fraco, Deus o fortalece. [Voltar]



P A R T E 3

Envia-me

Então ouvi o Senhor perguntar:
“Quem enviarei como mensageiro a este povo?
Quem irá por nós?”. E eu respondi:
“Aqui estou; envia-me”.
— Isaías 6.8, Nova Versão Transformadora



CAPÍTULO 3 . 1

Envia-me

FILHO DE PAI PATRIOTA, aprendi bastante novo a saudar a bandeira norte-americana. Não muito depois que comecei a tirar o boné de beisebol e a levar a mão direita sobre o coração à execução do hino nacional, meu pai me contou uma história sobre um de seus presidentes favoritos. Naquele dia gelado de inverno em janeiro de 1961, 20 centímetros de neve cobriam as ruas da nossa capital.

John F. Kennedy, o homem mais jovem já eleito para o cargo mais elevado da nação, sem paletó ou chapéu, caminhou até a tribuna para ser empossado no cargo. Isso feito, em um discurso com menos de 1.500 palavras e quinze minutos de duração, o presidente Kennedy pronunciou o famoso desafio para as futuras gerações que ainda hoje ecoa: “Não pergunte o que seu país pode fazer por você.

Pergunte o que você pode fazer por seu país”.

Menino ainda, toda vez que ouvi papai descrever a cena e repetir essas palavras, senti-me inspirado. Havia algo muito comovente para mim no desafio de JFK, um convite para participar de algo maior que eu mesmo, um apelo para fazer mais que consumir: contribuir. Anos depois, essas poucas palavras ainda me inspiram a servir meu país, entretanto significam ainda mais para mim quando considero minha vida de oração na presença de Deus.

Em vez de pedir a Deus
para que ele nos sirva, e
se lhe disséssemos que
estamos disponíveis para o
servir?

Em vez de pedir a Deus para que ele
nos sirva, e se lhe disséssemos que
estamos disponíveis para o servir?

Atuando como pastor há várias
décadas, tenho testemunhado em
primeira mão os pedidos de oração mais íntimos de milhares de
pessoas.

A cada semana, centenas de necessidades inundam nossa igreja,
desde as impressas em pequenos cartões e distribuídas nos cultos
até as compartilhadas em telefonemas ao longo da semana ou em
pedidos *on-line* por intermédio das redes sociais ou do aplicativo da
igreja. Portanto, você não se surpreenderá ao saber que a frase
mais comum que ouço toda semana é a mesma que me deixa
encantado em atender: “Pastor, o senhor pode orar por...?”.

Considero um privilégio, uma honra e uma agradável
responsabilidade parar alguns instantes e apresentar uma
necessidade perante o trono de Deus, rogando-lhe que tenha
misericórdia, que mova sua mão, que conduza, que conceda, que
aja, que faça um milagre em favor de alguém que conheço e amo.
Toda semana alguém pede para Deus curar de câncer um ente
querido, ajudar um vizinho a encontrar emprego ou restaurar um
casamento ferido. Alunos pedem oração para entrar na faculdade
preferida, para poder pagá-la ou para lidar com a dor do divórcio dos
pais.

Algumas pessoas oram por uma cara-metade. Outras pedem
ajuda para perdoar alguém que as magoou. Algumas clamam por
paz durante uma grave provação. Pais oram em favor de
adolescentes que sucumbiram às drogas. Homens, e às vezes

mulheres, pedem ajuda para lutarem contra o vício em pornografia. Ambos oram por cura da vergonha.

Por mais que variem os pedidos, as pessoas solicitam que Deus faça algo por elas ou por alguém que amam. *Deus, ajuda-me. Deus, ajuda alguém que amo. Senhor, eu preciso. Pai, faça-me um favor.*

Deus, faça algo por mim.

Peço que você me ouça com atenção: não resta a menor dúvida de que devemos orar assim. Devemos sempre invocar a presença do Senhor, seu poder, sua paz para que sobrevenham à nossa vida. Devemos pedir a Deus que opere milagres em nosso benefício. Apresentar nossos entes queridos em oração e lembrarmo-nos de como Deus pode se mover na vida deles. Devemos buscar o Senhor para suprir todas as nossas necessidades.

Só não podemos parar por aí.

No espírito do discurso de posse de Kennedy, e se nos recusássemos a só pedir por nós mesmos? Perdoe minha paráfrase, mas e se orássemos: “Não pergunte o que Deus pode fazer por você, mas pergunte a Deus o que você pode fazer por ele”?

Se em vez de sempre rogar a Deus que faça algo em nosso favor, ousássemos lhe pedir para nos usar em seu benefício?

Se, em vez de pedir para Deus fazer de uma vez algo por nós, fizéssemos uma oração perigosa e abnegada, pondo-nos à disposição do nosso Pai celestial? Se, em vez de sempre rogar a Deus que faça algo em nosso favor, ousássemos lhe pedir para nos usar em seu benefício? Se tivéssemos a fé corajosa de entregar

todo o nosso futuro — a partir deste exato instante — a Deus? De
lhe dizer que somos inteiramente seus.

Disponíveis. Prontos para o que der e vier.

De prontidão para abençoar alguém, servir alguém, dar tudo que
nos for possível a alguém.

E se fizéssemos talvez a oração mais perigosa de todas?

“Envia-me, Senhor. Usa-me.”



CAPÍTULO 3 . 2

Quando Deus chamar, atenda

SE LHE DIGO “ALGUÉM me ligou”, você suporá que um amigo, parente ou membro da igreja digitou o número do meu celular na esperança de conversar comigo ou me deixar uma mensagem (sim, ainda se pode usar o telefone para fazer chamadas de verdade para as pessoas — mesmo parecendo que eles sejam usados cada vez menos com esse propósito). Muito antes dos nossos celulares, telefones fixos e aparelhos portáteis, existiu outro tipo de “chamada” — um convite da parte de Deus para o servirmos, via de regra de maneira específica, única. Seu chamado costuma exigir que você abra mão dos próprios planos e preferências e vá para onde ele lhe disser, quando e como ele disser, para encontrar quem ele disser e fazer o que ele disser.

Rendição completa.

Não é fácil atender a esse chamado e talvez nos sintamos tentados a imaginar várias escapatórias. Podemos até pensar, com razão, que nos falta qualificação, adequação ou preparo para o que Deus nos pede para fazer. Mas isso não é problema. Veja bem, ele nunca chama gente perfeita. Deus chama homens e mulheres imperfeitos, falhos, fracos, idênticos a você e a mim. Só quer pessoas dispostas a serem vasos, convidando-as para lhes usar a vida de modo que façam diferença para ele.

Sempre que me sinto inadequado ou desqualificado, lembro-me de que Deus chamou Moisés, um assassino; Davi, um

Deus nunca chama gente perfeita. Ele chama homens e mulheres

adúltero; e Raabe, uma prostituta. Ele não apenas chamou quem tinha feito coisas terríveis como também pessoas

imperfeitos, falhos, fracos,
idênticos a você e a mim.

incomuns, inseguras e incoerentes. Basta ver alguns mensageiros, ministros, profetas e líderes escolhidos por Deus. Tem Noé, que se embebedou; Isaque, um sonhador; José, que foi abandonado; e Gideão, o medroso. Tem Jeremias, jovem demais; e Abraão, velho demais. Elias, que lutava contra a depressão. Tem Noemi, que se tornou uma mulher amargurada. Marta era pessimista. E João Batista comia insetos.

Longe de serem os Vingadores, foi esse pessoal. Muito distantes de qualquer conjunto de supersantos. Mesmo assim, Deus os chamou e usou, apesar de estarem longe da perfeição.

Deus não mudou. O Deus que chamou gente imperfeita é o mesmo que continua fazendo isso. Agora chama você. Ele convida você, estimula você, atrai você. O chamado divino inspira você a viver além de você mesmo, a não permitir que a vida tenha a ver só com o seu conforto, mas a render-se totalmente ao apelo que o Senhor lhe dirige. A ir. Servir. Edificar. Amar. Lutar. Orar. Doar-se. Liderar.

Então, como você responde quando Deus o chama? No Antigo Testamento, vemos no mínimo três reações diferentes. O profeta Jonas representa uma das mais comuns: “Eis-me aqui, Senhor, só que eu não vou”.

Assim que detectou a carência da cidade de Nínive, o Deus do Universo escolheu Jonas para pregar ao povo local, pecador e rebelde. Ora, Jonas contava com os atributos necessários para isso. Tinha o vigor. A habilidade. Mas lhe faltava a disponibilidade. Não

estava disposto a ir e descaradamente respondeu para Deus: “Não”. Por favor, entenda: quando Deus falou, deixou clara sua incumbência: “Vá depressa à grande cidade de Nínive e pregue contra ela, porque a sua maldade subiu até a minha presença” (Jonas 1.2).

Jonas poderia ter respondido: “Sim, como o Senhor quiser, Deus. O senhor é o meu Senhor, farei o que me pede”. Mas não foi o que aconteceu. Em vez de manifestar um coração voluntário, Jonas relutou. Não se limitou a hesitar ou a inventar desculpas; ele fugiu da presença de Deus (v. Jonas 1.3). Vejo-me na obrigação de perguntar: Jonas pensou mesmo que conseguiria ir longe o bastante? Ou ele só queria estabelecer sua negativa momento a momento, de modo a evitar a verdade? Enterrando a cabeça na areia — ou, no caso de Jonas, na barriga de um grande peixe. Tentando fingir — acalentando a expectativa de — que Deus simplesmente o deixaria em paz. Ou mudaria de ideia acerca do que o chamara para fazer.

Já lhe aconteceu de responder dessa maneira? Talvez você tenha percebido uma sugestão divina, um convite para fazer alguma coisa que a ele interessava. Pode ter sido algo pequeno como dar um presente ou compartilhar uma ideia. Ou algo mais relevante como mudar de atividade profissional ou pedir alguém em casamento. Todavia, igual a Jonas, você hesitou. Enrolou. Por fim, tomou o rumo contrário.

Sei que eu já agi assim. Certa vez, eu voltava do trabalho para casa. Apesar de morarmos a uma pequena distância de carro da cidade, estamos perto de milhares de acres de terra não urbanizada.

Não raro passamos por estradas vicinais sem avistar um único carro ou caminhão. Um dia, seguindo para casa, espantei-me ao ver uma senhora de 60 e tantos anos ou mais parada sozinha no acostamento.

Não vi nenhum automóvel parado nas proximidades que talvez tivesse quebrado. Só a senhora, em pé ao lado da valeta na lateral da pista.

Aquilo me incomodou. *O que ela está fazendo aqui, no meio do nada? Será que se perdeu? Está à procura de alguma coisa? Ou esperando alguém? Ou apenas fazendo uma caminhada? Que estranho.* Todo o meu interior me disse para parar e ver se estava tudo bem. Perguntar se ela precisava de alguma coisa. Confiava em que Deus me levava a agir, mas também sabia que parar seria uma demonstração de bom senso, um gesto de pura decência humana.

No entanto, passei por ela e continuei dirigindo.

Por que não parei? Por que não fui conversar com ela? Ver se poderia ajudá-la? Não faço a menor ideia. Tentei racionalizar minha reação. *Com certeza está tudo bem com ela. Ninguém andaria por esta estrada sem motivo algum. Ela não acenou para que eu diminuísse a velocidade nem tentou me chamar.*

Mas esse momento de egoísmo me assombra desde então.

Por que não parei? Por que não obedeci à sugestão divina? Por que não lhe ofereci ajuda? Pelo amor de Deus, sou pastor! Pressupõe-se que seja servo de Deus. Seu vaso. Suas mãos e pés. Todavia, como Jonas, assumi uma postura egoísta: “Eis-me aqui, Senhor.

Não vou a lugar algum”.

A segunda resposta ao chamado de Deus pode não ter um caráter rebelde tão manifesto, mas é igualmente perigosa para nossa saúde espiritual. Ao ver o poder opressor do faraó sobre o povo escolhido, Deus chamou Moisés e disse: “ ‘Vá, pois, agora; eu o envio ao faraó para tirar do Egito o meu povo, os israelitas’ ” (Êxodo 3.10). Não poderia ser mais claro, certo? Deus o informou: “Estou enviando você. Agora vá! De todas as pessoas vivas hoje, você foi a que escolhi. Aquela que chamei. Você tem o necessário para isso. Eu o estou enviando”.

Mas Moisés reagiu de maneira diferente de Jonas. Em vez de viver na confiança do chamado divino, ele se escondeu em sua própria insegurança. Quando Deus chamou seu vaso escolhido, Moisés respondeu: “[...]”

Em vez de viver na confiança do chamado divino, Moisés se escondeu em sua própria insegurança

‘Quem sou eu para apresentar-me ao faraó e tirar os israelitas do Egito?’ ” (Êxodo 3.11).

Em seguida, mais que depressa, elencou para o Senhor todos os motivos pelos quais ele não era a pessoa certa. “Não sou bom orador.

Gaguejo. Não sou o ideal para a função. Qualquer outra pessoa seria bem melhor que eu.”

Ainda hoje fazemos isso. Quando Deus nos desafia a dar, retrucamos: “Mas Deus, não tenho muito nem para mim mesmo.

Outra pessoa pode dar mais”. Quando Deus nos chama para servir, às vezes racionalizamos: “Não tenho tempo suficiente. Com certeza há candidatos melhores que eu para exercerem esse papel”. Quando Deus nos instiga a fazermos determinada coisa, somos tentados a relacionar para ele todas as razões pelas quais não somos a melhor pessoa para atendê-lo. Não sabemos o bastante. Não somos talentosos o bastante. Não somos bons o bastante. Muitos outros são mais qualificados do que nós.

Eis-me aqui, Deus, mas envia outra pessoa.

Existe outra resposta. Que não é mera declaração dirigida para Deus, mas uma oração. E perigosa, como você já deve ter adivinhado. Não se trata de uma oração segura, inofensiva ou egocêntrica. A de que falo requer grande fé. Quase sempre conduz à ação, por isso arriscada. Provavelmente o levará a fazer algo que pode não parecer natural ou fácil. A deixar para trás sua comodidade.

Isaías fez uma oração assim, de disponibilidade incondicional à presença de Deus. O profeta do Antigo Testamento relata seu encontro com o Santo de Israel quando Deus perguntou: “[...] Quem enviarei como mensageiro a este povo? Quem irá por nós?” (Isaías 6.8a, *Nova Versão Transformadora*). Sem conhecer os detalhes, nem saber quando ou onde, Isaías fez a seguinte oração, espantosa e transformadora da vida: “[...] Aqui estou. Envia-me!” (Isaías 6.8b, *Nova Versão Transformadora*).



CAPÍTULO 3 . 3

Glória a Deus

SEJAMOS FRANCOS. DIZER PARA Deus que você fará o que quer que ele deseje é assustador. Certo? Lembro-me de conversar com amigos sobre esse tipo de disponibilidade na época em que participava do grupo de jovens da igreja, na adolescência. Um dos meus companheiros estava convencido de que Deus o enviaria para a África como missionário, onde ele faliria, nunca mais veria a luz elétrica e seria obrigado a usar um buraco no chão como banheiro. Outro colega simplesmente sabia que teria de se casar com uma moça cristã que lhe parecia pouco atraente. Lembro-me de pensar que, se eu fizesse essa oração perigosa, Deus poderia fazer com que me tornasse pastor ou alguma outra coisa assim terrível. (Isso que é alerta do quão perigosa é essa oração!) Como fazer qualquer coisa que Deus deseje? Ele poderia pedir algo que você nunca teve vontade de fazer! Algo devastador. Algo desagradável.

Esse tipo perigoso de oração de submissão não é fácil de proferir, ainda mais se você não tiver profunda confiança em Deus e não menos profunda reverência por ele. Mas, a partir do momento que passa a conhecer de verdade o caráter, a natureza, a santidade desse Deus, você se torna mais disposto a fazer essa oração. Na verdade, quando experimentar Deus pelo que ele de fato é, você terá até prazer em orar com tanta vulnerabilidade.

Se você pretende pedir a Deus que o use, um encontro genuíno com ele será de grande ajuda para levar você a confiar nele

Isaías não fez essa oração em um vácuo. Ela não surgiu do nada, nem por nenhum motivo. No primeiro versículo do livro do profeta, ele expõe o contexto em

que se encontra, explicando que seu encontro com Deus aconteceu no ano em que o rei Uzias havia morrido. Rei amado e que contava com a confiança do povo, a ausência desse líder popular precipitou Israel para uma era de caos, turbulência e desespero. Portanto, o lógico seria que Isaías começasse a profecia em tom dramático e funesto.

Ele poderia ter dito: “No ano mais deprimente da nossa nação...”.

Ou talvez ter escrito: “No ano que todos perdemos a esperança...”.

Nesse período de desespero e medo, no entanto, Isaías escreveu: “No ano em que o rei Uzias morreu, eu vi o Senhor assentado num trono alto e exaltado, e a aba de sua veste enchia o templo” (Isaías 6.1). O profeta não apenas leu ou ouviu falar sobre Deus.

Ele *viu* Deus. Experimentou a presença do Senhor de modo único.

Se você pretende pedir a Deus que o use, um encontro genuíno com ele será de grande ajuda para levar você a confiar nele.

Você pode sentir a presença de Deus enquanto lê sua Palavra. Pode reconhecer que ele está ao seu lado enquanto o adora na igreja. Pode se descobrir tomado por sua bondade no topo de uma montanha, onde se postou para melhor lhe apreciar a criação. Pode descobrir que ele está ao seu lado e lhe confere palavras para dizer quando você compartilha sua fé com um amigo. Ou talvez você se sinta absolutamente sozinho em uma época difícil da vida. Mas de

repente se dá conta de não estar sozinho de verdade. Deus não apenas o acompanha na sua dor, como sempre está aí com você.

Isaías viu o Senhor. E ficou estupefato na presença dele. Abalado. Impressionado. A aba da veste do Senhor enchia o templo.

O profeta deu o melhor de si ao usar palavras humanas a fim de descrever criaturas celestiais a esvoaçarem em torno de Deus, louvando-lhe o nome. Isaías os chama serafins, seres angelicais resplandecentes, com seis asas e rodeando o Senhor Deus. Por causa da santidade do Senhor, eles cobriam os próprios rostos com duas asas para se protegerem da glória do Deus altíssimo. Tais adoradores proclamavam uns para os outros em alta voz: [...] “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; a terra inteira está cheia da sua glória” (Isaías 6.3). A voz deles retumbava alto o suficiente para sacudir os batentes e estremecer o templo. Agora cheio da glória de Deus.

Quando foi a última vez que você teve um encontro desses com Deus, que o deixasse perplexo diante de tamanha glória e santidade?

Se algum dia você tiver um real vislumbre de Deus em sua essência mais pura, garanto que nunca mais se referirá a ele como um conhecido da rua.

Hoje em dia, com demasiada frequência muita gente trata Deus com a maior informalidade, como algo banal até. Familiarizados com concepções populares de Deus, mas inconscientes de sua santidade, muitos o menosprezam. Para alguns, ele é o “homem lá de cima” ou o “grandão lá do céu”. Acontece que essas imagens de Deus não chegam nem perto de lhe devotar os devidos respeito, glória e honra. Se algum dia você tiver um real vislumbre de Deus em sua essência mais pura, garanto que nunca mais se referirá a ele como um conhecido da rua.

Deus é poderoso demais para ser desrespeitado. Santo demais para ser tratado com casualidade. Bom demais para que se lhe dirijam a palavra com ingrata familiaridade. Majestoso demais para não lhe darmos o devido valor.

Permita-me ajudá-lo a entrever quem é Deus. Por favor, leia os atributos dele até o fim e pausadamente. Deixe que sejam assimilados por você. Que o maravilhem. Que o deslumbrem. Esteja consciente do que acontece no seu coração à medida que for tomando conhecimento, ainda que bem pouco, da graça e da glória do Senhor. Chegue ao ponto de ter maior intimidade com ele.

Acolha sua santidade. Permaneça em estado de perplexidade por seu esplendor e glória.

Medita em seu caráter. Considere que ele é o criador dos céus e da terra (v. Gênesis 14.19). As Escrituras o chamam de Deus da glória (v. Salmos 29.3), o grande Eu Sou (v. Êxodo 3.14) e Pai justo (v. João 17.25). Deus é nossa fortaleza que salva (v. Salmos 28.8) e o rei eterno (v. Jeremias 10.10). É o Deus de toda consolação (v. 2Coríntios 1.3), o Deus de toda a graça (v. 1Pedro 5.10) e o Deus da paz (v. 1Tessalonicenses 5.23). É o Todo-poderoso (v. Gênesis 49.25), tanto compassivo quanto misericordioso (v. Êxodo 34.6) e um fogo consumidor (v. Deuteronômio 4.24).

Eu poderia continuar — talvez aproximando você da presença dele a fim de investigar outros atributos divinos e neles meditar.

Creio que ajuda muito personalizar a presença e os atributos de Deus. Ele não é nosso Deus apenas, mas também o *meu* Deus. Você conhece a Cristo? Empenhou sua vida a segui-lo na condição de discípulo dele? Então ele é seu Deus também.

Sinta o poder da presença dele. Se o Espírito habita no seu interior, você pode dizer com confiança: ele é minha Rocha (v. Salmos 42.9). É meu Salvador (v. Salmos 18.46). Minha fortaleza (v. Salmos 144.2). Meu Deus é aquele que se esquece dos nossos pecados (v. Isaías 43.25) e quem me consola quando estou ferido (v. Isaías 66.13). O Rei do Universo é meu advogado (v. Jó 16.19). Quem me consola na tristeza (v. Jeremias 8.18, *Nova Almeida Atualizada*).

Minha confiança quando me sinto inseguro (v. Salmos 71.5). Ele é minha força quando estou fraco (v. 2Coríntios 12.10). Deus é meu ajudador (v. Salmos 118.7), meu esconderijo (v. Salmos 32.7, *Nova Versão Transformadora*), minha esperança (v. Salmos 25.5.21), minha luz (v. Salmos 27.1). Ele é meu refúgio em tempos difíceis (v. Salmos 59.16), a minha canção (v. Êxodo 15.2) e meu salvador poderoso (v. Salmos 140.7).

Deus é santo — distinto e perfeito em toda sua glória.

Santo a ponto de não suportar ver o mal (v. Habacuque 1.13).

Tão Santo que o homem mortal não poder contemplar sua essência mais pura e viver (v. Êxodo 33.20).

E esse Deus santo, sobrenatural é lento para se irar e cheio de amor (v. Êxodo 34.6, *Nova Versão Transformadora*). Não só em relação à humanidade, mas a você.

Quando tomar consciência da presença dele, você não será mais o mesmo.

Alguns talvez protestassem dizendo: “Muito bem, Craig. Entendi. Se visse Deus como aconteceu a Isaías, pode ser que eu também me dispusesse a fazer essa oração perigosa. Mas nunca experimentei a presença de Deus desse jeito. O tempo que passo com Deus não é nada assim dramático”. Bem, permita-me encorajá-lo a repensar seu tempo com Deus. Além de possível experimentá-lo como Isaías o experimentou, Deus deseja se revelar a você.

Tiago, meio-irmão de Jesus, ensina-nos que devemos nos achegar a Deus e promete que o Senhor sairá ao nosso encontro quando o fizermos. Diz ele: “Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês! [...]” (Tiago 4.8).

Deus não brinca de esconde-esconde. Ele quer que você o conheça e adora se mostrar para você. Busque-o. Aproxime-se dele. Clame por ele. Ele está aqui.

No Antigo Testamento, o Senhor falou sobre a oração, explicando que ouve quando seu povo ora. Então prometeu audaciosamente a seus filhos que eles o encontrarão quando o buscarem de todo o coração (v. Jeremias 29.13).

Deus não brinca de esconde-esconde. Ele quer que você o conheça e adora se mostrar para você. Busque-o.

Aproxime-se dele. Clame por ele. Ele está aqui.

Você o experimentará quando o buscar, quando o esperar cheio de expectativa e clamar por ele. Talvez lhe sinta a presença enquanto dirige e acompanha um cântico de adoração. Ou sentado enquanto admira sua criação, fascinado com sua obra ao ver o sol se erguer radiante pela manhã. Pode ser que você lhe perceba a presença durante uma simples oração na hora de seu filho dormir.

Os batentes não precisam sacudir para você saber que ele está com você. Basta a simples consciência de que ele nunca sai do seu lado e jamais o abandonará.

Você pode sentir-lhe a presença de modo sobrenatural. Pode saber que ele o acompanha. Mas, mesmo que não o sinta, pode ficar tranquilo, certo de que ele está com você. Às vezes, você sabe disso, mas não o percebe, exceto por fé. Como crescer não apenas para fazer a oração perigosa, mas também vivê-la?

Tudo começa com experimentar a presença de Deus.



CAPÍTULO 3 . 4

Um pecador salvo pela graça

QUANDO CRIANÇA, EU QUERIA sentir a presença de Deus. Sobretudo na igreja — afinal, ela era a casa de Deus, certo? Esperava sentir algo sobrenatural, por falta de expressão melhor. Arrepios teriam sido o máximo. Um calafrio na espinha, maravilhoso. Podia imaginar a paz e o consolo divinos à medida que uma sensação de ternura se propagava dentro de mim. Mas nada disso nunca aconteceu. A maior parte das vezes só me sentia pouco à vontade nas roupas mais formais que meus pais me obrigavam a vestir para ir à igreja enquanto me perguntava quanto tempo ainda demoraria para podermos ir embora almoçar.

Mesmo que esses sentimentos todos sejam possíveis, descobri que os encontros com Deus costumam ser mais que os arrepios ou a sensação de ternura que se experimenta ao segurar um filhotinho. Antes que possamos encontrá-lo, no entanto, sempre ajuda lidar com o pecado na nossa vida. Para chegarmos de fato ao ponto da submissão a Deus e da disponibilidade para ele, e a termos plena consciência de sua presença, convém que reconheçamos e compreendamos nossa condição de pecadores.

Para chegarmos de fato ao ponto da submissão a Deus e da disponibilidade para ele, e a termos plena consciência de sua presença, convém que reconheçamos e compreendamos nossa condição de pecadores.

Basta dizer que somos “pecadores” para ofender muita gente hoje em dia. Na nossa cultura, gurus da autoajuda e especialistas motivacionais nos dizem para rejeitarmos essa ideia. Deveríamos amar a nós mesmos do jeito que somos e pronto. Não há

necessidade alguma de mudarmos a menos que assim o desejemos — e então podemos fazê-lo nós mesmos.

Na verdade, conversando com um rapaz na academia há pouco tempo, ele me disse que não necessitava de Jesus em sua vida.

Com total confiança, contou-me que, embora Jesus provavelmente fosse uma pessoa real, talvez até o Filho de Deus, era inútil para ele.

Quando lhe perguntei se já sentira alguma necessidade de perdão, o rapaz respondeu com energia: — Nenhuma. — Explicou que era uma “pessoa boa”, bem melhor que muitos cristãos que ele conhecia. Por que necessitaria de perdão se não era mau?

Por mais que eu tenha certeza de que o rapaz fizesse mesmo bastante coisa boa, procurei ajudá-lo a reconhecer que, no fundo, nenhum de nós é bom. Por causa da rebelião ocorrida lá atrás, no jardim do Éden, herdamos a chamada *natureza pecaminosa* de Adão. O apóstolo Paulo explicou isso do seguinte modo: “Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram” (Romanos 5.12).

Ao vermos quanto Deus é bom, adquirimos aguda consciência do quanto nós *não* somos bons. A santidade do Senhor revela nosso caráter pecaminoso. É o que aconteceu com Isaías, é o que acontece conosco na presença de Deus. Quando o profeta viu a glória de Deus, não bradou “Sou incrível. Sou santo e perfeito como Deus”. Nada disso. Isaías reconheceu a profundidade da própria depravação e gritou: “Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios

impuros; os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” (Isaías 6.5).

O profeta não se limitou a dizer: “Agora estraguei tudo. Fiz algumas coisas bem ruins”. Ele exclamou movido por um coração desesperado: “Ai de mim!”. A consciência da profundidade do seu pecado trouxe tristeza, remorso, dor e um espírito de arrependimento sincero. Na presença de Deus, Isaías disse: “Estou perdido!”.

Outra versão traduz o texto hebraico original para “Chegou a minha hora! Vou morrer [...]” (*Bíblia Viva*).

Em reação semelhante, Moisés escondeu o rosto com medo de olhar para Deus (v. Êxodo 3.6). Jó afirmou se menosprezar, ou ter repugnância de si próprio, ao ver o poder de Deus (v. Jó 42.6).

Pedro caiu de rosto em terra aos pés do Senhor e pediu para Jesus se afastar, pois ele era pecador (v. Lucas 5.8). Em nada nenhum de nós é melhor que Moisés, Jó ou Pedro. E alguns até tivemos experiências semelhantes quando oramos a Deus pedindo salvação. Mesmo que você não tenha se prostrado no chão, entregar a vida para Jesus parte da consciência da sua necessidade de salvação do pecado.

Por que precisamos reconhecer nosso pecado? Não podemos apenas começar a seguir Jesus e seguir em frente? Qual a importância de olharmos para quanto somos egoístas e rebeldes? Porque, enquanto não nos enxergamos como pecadores, jamais entenderemos a plenitude de Jesus como o Salvador.

Como meu amigo na academia, também tentei durante anos racionalizar minha condição de pecador, mesmo depois de me tornar um seguidor do Senhor Deus. Afinal de contas, conhecia gente bem pior que eu. Nunca matei ninguém. Não fui membro de gangue nem estuprador. Mas, quando comecei a fazer orações perigosas — clamando a Deus e aprendendo a conhecer quem ele era —, minha autoconfiança foi se convertendo em autoconsciência. Deus é justo. Sou injusto. Deus é pleno de glória. Sou pleno de mim mesmo. Precisei enfrentar a verdade brutal acerca da minha pecaminosidade. Era egocêntrico. Vivia contando mentiras e, de vez em quando, pegava coisas que não me pertenciam. Invejava outras pessoas, tinha desejos libidinosos e queria as coisas reluzentes que o mundo oferecia.

Quando você faz orações
perigosas, vê e
compreende mais de
Deus. Isso muda tudo.

Mas, quando você faz orações
perigosas, vê e compreende mais de
Deus. Isso muda tudo. Isaías percebeu
isso. Talvez você também perceba.

Quando os seres angelicais cantaram a santidade de Deus, Isaías soube que os próprios lábios eram pecaminosos e impuros. Só veremos nossa pecaminosidade em plenitude quando acolhermos a santidade de Deus. Quando nos comparamos a outras pessoas, conseguimos nos enganar achando que não somos tão ruins. Mas, quando nos comparamos a Deus, vemos quão iníquos na verdade somos. Como Isaías, ao experimentar a presença de Deus, conscientizei-me do meu pecado. Essa consciência me levou então a uma compreensão mais completa da maravilhosa graça de Deus.

Uma das minhas temporadas mais vigorosas de crescimento espiritual aconteceu quando eu trabalhava como jovem pastor

associado na Primeira Igreja Metodista Unida da cidade de Oklahoma.

Por difícil que seja admitir, em diversos sentidos, eu mais “desempenhava um papel” do que “vivía um chamado”. Sentindo-me pressionado a corresponder a grandes expectativas, comecei a falar coisas que soassem “pastorais”, mesmo que não totalmente verdadeiras. Era capaz de dizer às pessoas que oraria por elas, embora soubesse que o mais provável seria que não o fizesse. Agia como se fosse próximo de Deus, apesar de viver atolado no trabalho e não passasse muito tempo com o Senhor.

Uma manhã de quinta-feira, preparando-me para pregar no lugar do pastor sênior, senti como se Deus abrisse meus olhos para meu caráter pecaminoso. A imagem que ele mostrou era clara: convertera-me em “pastor em tempo integral” e “seguidor de Cristo em meio período”. A vida exterior que exibía não era reflexo fiel da devoção interior. Assim, em uma das minhas atitudes de fé mais arriscadas, rasguei o sermão que estava preparando e preguei outra mensagem, mais autêntica. Nascida no meu coração, nela eu confessava que me deixara levar para longe de Deus. Até hoje não sei se me lembro de Deus fazendo mais na vida de tanta gente do que no dia em que despi minha alma diante da família que é a nossa igreja.

Das profundezas do desespero, Isaías experimentou a profundidade da graça divina. Procurou traduzir em palavras o que aconteceu quando um dos reluzentes serafins voou em sua direção.

O ser angelical carregava uma brasa incandescente retirada diretamente do altar de Deus. Quando encostou a brasa ardente nos lábios do profeta, o mensageiro divino anunciou: “ ‘Veja, isto tocou

os seus lábios; por isso, a sua culpa será removida, e o seu pecado será perdoado' ” (Isaías 6.7).

Imagine o poder envolvido no acontecimento. Isaías nunca esteve mais consciente da culpa, do pecado, da vergonha. E com um toque da criatura celestial, seu pecado desapareceu. Foi esquecido. Perdoado. Primeiro, graça incondicional. Depois, gratidão irrefreável.

Meus pecados estão perdoados.

Não há nada melhor para alimentar sua vida de oração que o profundo apreço pela graça divina. Imagine Deus apagando todas as suas mentiras. Curando seu ódio. Expiando seu pecado sexual.

Abrace essa ideia. Se você está “em Cristo”, suas decisões egocêntricas foram perdoadas. Sua raiva — perdoada. Ódio — perdoado. Amargura — perdoada. Vanglória — perdoada. Ciúme — perdoado. Inveja — perdoada. Todos os seus pecados, seus maus pensamentos, sua ganância, sua hipocrisia, suas intrigas imundas, seus desejos libidinosos secretos, seu orgulho, sua ingratidão, seu materialismo, sua descrença — tudo foi perdoado e esquecido pela graça do nosso bom Deus.

Adiante, Isaías acrescentaria mais cor à graça divina citando aquele que o perdoou: “ ‘Sou eu, eu mesmo, aquele que apaga suas transgressões, por amor de mim, e que não se lembra mais de seus pecados’ ” (Isaías 43.25). Quando você clama por perdão, Deus não se lembra dos seus pecados. Eles se foram. Estão perdoados.

Lavados. E esquecidos.

Do mesmo modo que a brasa afastou a culpa e o pecado de Isaías, o sangue de Jesus leva embora os nossos. Ao ler isso, espero que você pare tempo suficiente para deixar essas verdades serem bem assimiladas, tranquilizando sua alma maculada pelo pecado e inspirando-o a fazer orações perigosas.

A graça... transforma... tudo.

Não contribuímos com nada.

Jesus entra com tudo.

Quando sentimos sua presença, conscientizamos-nos da nossa condição de pecadores. Então nos tornamos eternamente devedores para com ele por sua graça extravagante, imerecida e inigualável.

No momento em que
enxergamos Deus pelo
que ele é, vemos a nós
mesmos pelo que não
somos.

No momento em que enxergamos
Deus pelo que ele é, vemos a nós
mesmos pelo que não somos. E em
função do que Jesus fez em nosso favor,
bem como da graça que derrama com

liberalidade sobre nós, de repente a perigosa oração de entrega não parece tão intimidadora. Na verdade, mesmo ela continuando a ser perigosa, talvez chegue a parecer convidativa de certa forma. Quando Deus pergunta “Quem vai?

Quem devo enviar?”, nossa reação imediata, fruto de um coração perdoado e entregue, é a oração repleta de fé e totalmente disponível: “Aqui estou, Senhor. Envia-me”.

Quando repete essa oração perigosa, você não o faz movido por um sentimento de obrigação ou de culpa. *Sabe como é, por causa do que Jesus fez em meu favor e tudo mais, tenho de permanecer disponível para ele agora, creio eu.* Não; é uma oração audaciosa de fé. A constatação profunda de que sua vida não lhe pertence. Você pertence a Deus. É seu servo. Seu embaixador. Seu representante na terra.

As orações que você faz começarão a se converter de pedidos egocêntricos — “Faça isso para mim, Deus. Ajuda-me, Senhor” — para orações centradas em Cristo, tendo o evangelho a alimentá-las e para glória do Senhor. “Seja para onde for, Deus. Quando o Senhor quiser. Para o que o Senhor quiser, sou seu.”

Você reconhece que o mesmo Deus que o perdoou também o chamou e escolheu. A cada dia ele tem planos traçados para você.

Pessoas para abençoar. Coisas para dar. Oportunidades para servir.

Quando você tiver se submetido a ele, terá olhos para ver onde o Senhor está trabalhando.

Um coração capaz de sentir o que o emociona.

E mãos para demonstrar o amor que ele tem.

Você verá pessoas necessitadas de incentivo, e o Espírito lhe dará as palavras para lhes dirigir.

Quando você tiver se submetido a ele, terá olhos para ver onde o Senhor está trabalhando. Um coração capaz de sentir o que o emociona. E mãos para demonstrar o amor que ele tem.

Enxergará alguém com determinada necessidade que Deus o estimulará a suprir. Verá alguém que está só e lhe mostrará que Deus o ama. Você é seu servo. Disponível. Ávido. E pronto para ir.



CAPÍTULO 3 . 5

Alimento diário

NO ENTANTO, ANTES QUE você se considere apto para orar “Envia-me” e ponto final, permita-me adverti-lo: essa não é uma oração única que você faz e depois segue com sua vida. Ela é mais uma oração de submissão diária a Deus. *Sonda-me. Quebranta-me. Envia-me.*

Por que elas são orações *diárias*? Porque, quando você entrega a vida a Cristo, seu espírito ganha vida. Você renasce e passa a ter o espírito conectado ao Espírito de Deus. Desse momento em diante, uma guerra começa a ser travada no seu interior.

Paulo a denomina de luta entre a carne e o espírito. Por carne ele não se refere ao corpo físico, mas a nossa natureza pecaminosa.

Sua velha natureza quer fazer o que é mais fácil para você. Sua natureza nova e espiritual deseja o que glorifica a Deus. As duas então se enfrentam inúmeras vezes ao dia e assim será enquanto você viver. Paulo descreve a situação aos gálatas, dizendo: “Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito luta contra a carne, porque são opostos entre si, para que vocês não façam o que querem” (Gálatas 5.17, *Nova Almeida Atualizada*). O Espírito Santo no seu interior diz: “Viva para Deus”. Sua carne diz: “Viva para você mesmo”. Quando Deus chama, sua porção egocêntrica responde, como Jonas: “Eu não vou”. Ou como Moisés: “Mande outra pessoa qualquer”.

Como viver submissos a Deus quando a carne deseja que vivamos para nós mesmos? Como superamos nossas tendências egoístas e vivemos desprendidos para Cristo? A resposta está na submissão diária. Deveríamos alimentar nosso espírito dia após dia. Pois só cresce aquilo que alimentamos. Você sabe disso. Se você fertilizar e regar as plantas da sua casa, elas crescerão. Se você der comida demais para seu gato, ele engordará. Se alimentar seu ego, ele crescerá.

Só cresce o que você alimenta.

E o que você deixa passar fome morre.

Se não alimentar nem aguar suas plantas, elas murcharão.

Se não alimentar seu gato, ele não terá um futuro brilhante. Se você privar alguém de afeto, pouco a pouco essa pessoa morrerá por dentro.

O que você alimenta cresce. O que deixa passar fome morre.

Portanto, alimente seu espírito todos os dias. Nutra-o lendo a Bíblia. Passe tempo na presença de Deus em oração. Usufrua da bondade do Senhor estabelecendo comunhão com outros cristãos.

Ouçã a voz de Deus por meio da leitura da Bíblia.

E deixe seu eu pecaminoso passar fome. Em vez de conseguir o que deseja, abra mão de algo que talvez você deseje em troca de algo que quer ainda mais — uma vida que glorifique a Deus. Diga não para os desejos da carne, recusando o que você sabe estar longe do melhor de Deus. Fuja do que seria capaz de tentá-lo a errar.

Foi o que aconteceu com meu grande amigo “Travis”. Quando cursava o ensino médio, ele descobriu o estoque de revistas *Playboy* do pai. Como acontece com a maioria dos garotos de 13 anos muito curiosos e criados com pouquíssimas restrições, sua curiosidade prevaleceu. O que começou como uma rápida espiada cresceu até se converter em um vício descontrolado que o acompanhou até a vida adulta e o casamento. Quando lhe indaguei sobre o hábito de ver pornografia, ele me retrucou como se eu fosse algum hipócrita antiquado: — Todo o mundo vê pornografia — disse ele. Em seguida, apresentou sua mais veemente justificativa: — Pelo menos não estou fazendo coisa pior.

O que você alimenta
cresce. O que deixa passar
fome morre.

Durante anos, Travis viveu uma luta no casamento, sempre racionalizando o vício em pornografia. Como Travis odiava ler, raras vezes abria a Bíblia. Mas, quando nossa igreja criou o YouVersion Bible, um aplicativo que além de possibilitar a leitura, também é capaz de ler a Bíblia em voz alta para você, ele deixou de ter uma desculpa.

Travis começou a acompanhar diferentes planos de leitura da Bíblia. E me contou que quase todos que escolhera mencionavam alguma coisa sobre desejo libidinoso, pureza ou os perigos de se satisfazer os desejos da carne. Estava pronto para reconhecer que talvez tivesse um problema.

Quando ele tentou abandonar as doses diárias de entretenimento visual repleto de adrenalina, descobriu-se mais enredado do que se dera conta até então. Depois de confessar seu problema para a

esposa, juntou-se a um grupo de apoio para viciados em sexo, que logo lhe indicou a promessa divina carregada de libertação.

O apóstolo Paulo declarou com ousadia: “Não sobreveio a vocês tentação que não fosse comum aos homens. E Deus é fiel; ele não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar.

Mas, quando forem tentados, ele mesmo providenciará um escape, para que o possam suportar” (1Coríntios 10.13). Era tudo de que Travis precisava. Memorizou o versículo. Ele o repetia em voz alta todos os dias. Instalou um dispositivo de rastreamento no computador, cancelou os canais a cabo e instalou bloqueios rigorosos no celular. Com o auxílio da Palavra de Deus, da esposa em oração e de bons amigos, há quatro anos ele está livre da pornografia. E tudo começou com a Palavra de Deus lhe dando forças para vencer.

Quando você começa a fugir do que faz mal, o que acontece?

Com o tempo, seu lado espiritual fica mais forte. E seu lado egocêntrico começa a morrer.

Suas orações se aprofundam, amadurecem e crescem. No lugar de servirem apenas para pedir “Abençoa-me. Ajuda-me. Faça tal coisa por mim”, elas passam a ter Deus no centro e as outras pessoas como alvo. “Senhor, usa-me para ser voz de encorajamento hoje.

Quando você começa a fugir do que faz mal, o que acontece? Com o tempo, seu lado espiritual fica mais forte. E seu lado egocêntrico começa a morrer.

Dê-me a oportunidade de ajudar alguém necessitado que está passando necessidades.

Ajude-me a mostrar seu amor a alguém que está sofrendo. Se tenho algo capaz de auxiliar seja quem for, mostre-me como abençoar essa pessoa. Aqui estou. Envie-me.”

Quando você se disponibiliza para Deus, ele talvez peça para você ir à África como missionário, mas muito mais provável é que o convide a ser missionário no trabalho onde você já atua. A possibilidade é grande de Deus o levar a demonstrar àqueles com quem você interage todos os dias o amor e a graça que ele lhes dedica.

Quando você se disponibiliza para Deus, ele talvez peça para você ir à África como missionário, mas muito mais provável é que o convide a ser missionário no trabalho onde você já atua.

Quando você faz uma oração perigosa de submissão, Deus pode lhe pedir para vender tudo e dar aos pobres.

Bem mais provável é que comece a movê-lo no sentido de administrar com sabedoria o que lhe tem concedido. De dar o dízimo para a igreja. De doar para os necessitados. E de fazer diferença um pouco por vez.

Quando você se submeter inteiramente a Deus, ele com certeza pedirá a você que faça coisas que talvez pareçam simples e insignificantes. Você pode até se perguntar: *Por que não recebo a incumbência de realizar algo maior, algo importante?* Deus pode mostrar que as pequenas coisas costumam ser as grandes coisas. Os atos simples de amor com frequência levam às maiores transformações na vida.

À medida que você for crescendo na confiança em Deus, de vez em quando ele lhe pedirá algo radical. Alguma coisa que não faz o

menor sentido. Que requer uma fé extraordinária. Ele pode levá-lo a se mudar para outra cidade. Iniciar um novo ministério.

Abrir um negócio. Acolher ou adotar uma criança na sua casa. Ou ele pode incitá-lo a ir para o outro lado do mundo servir alguém.

Ou para dar um presente extravagante a uma pessoa necessitada.

Por mais que venha a parecer insano, irracional e sem nenhum sentido em absoluto, você terá fé para dizer sim. Pois compreende que sua vida pertence a ele.

Quando Deus o usar, você vai querer mais. Mais realização. Mais da alegria que encontrará nos sacrifícios. Mais bênçãos provenientes da obediência. Você pode viver da adrenalina diária de ser usado por Deus. Reflexo dele, graça e glória dele. Canal do seu amor e bondade.

Mas só se você estiver disposto.



CAPÍTULO 3 . 6

Um só ato de fé

ANOS ATRÁS, ENFIM COMECEI um diário. A razão pela qual digo “enfim” é que devo ter tentado fazer isso em quatro ou cinco ocasiões diferentes, só para desistir em cada uma delas depois de algumas semanas. Alguém nos deu um diário que adoramos usar. Abrange cinco anos, com apenas cinco ou seis linhas em branco para anotações a cada dia. Se Amy e eu o utilizarmos no dia 28 de julho, por exemplo, logo acima teremos o que aconteceu no dia 28 de julho do ano anterior e do precedente. Os pontos altos de cinco anos da nossa vida ficam sobrepostos uns aos outros em uma só página.

Quando comecei a incluir anotações no diário, notei que muitos dos meus dias eram parecidos. Ano passado, no mesmo dia, fiz a mesma coisa que hoje. A maior parte dos meus dias é assim.

Compareço a reuniões. Estudo. Prego sermões. Exercito-me. Janto com a família. Apesar do prazer de ser usado por Deus como pastor, grande parte disso é resultado do meu “emprego”, não apenas do uso regular da fé à medida que sigo a Cristo.

Durante uma das minhas orações perigosas de submissão, Deus me estimulou a acrescentar um pequeno detalhe na minha vida que tem feito grande diferença. Como não o podemos agradar sem fé (v. Hebreus 11.6), acredito que ele me pediu para fazer algo a cada dia que exija fé. Todo dia, aconteça o que acontecer, pelo menos um ato cheio de fé.

Esse desafio simples mudou meu modo de viver. Em vez de existir passivamente, passei a viver agressivamente, atento às oportunidades para demonstrar fé. Em uma viagem de avião, conheci um rapaz que me pareceu desanimado. Conversei com ele e fiz o possível para levantar seu espírito. Senti-me então estimulado por Deus para fazer mais do que apenas falar. Escrevi um bilhete para meu companheiro de voo em que incluí dois versículos diferentes da Bíblia. No lugar de apenas ouvir palavras de incentivo, quis que ele tivesse uma versão por escrito que pudesse rever quando tivesse vontade.

Em vez de existir
passivamente, passei a
viver agressivamente,
atento às oportunidades
para demonstrar fé.

Em outra ocasião, quando Amy e eu fazíamos compra no supermercado, vimos uma mulher com três crianças examinando com toda atenção os preços, separando cupons promocionais e somando valores na calculadora do celular. Era evidente que ela atravessava dificuldades financeiras. Cientes disso, como um ato de fé, pedimos que um dos nossos filhos entregasse a ela um pouco de dinheiro acompanhado de um bilhete dizendo apenas: “Deus se importa com você e quer suprir suas necessidades”. Não sabemos como Deus usou isso na vida dela, mas, crendo que ele o fez, nos transformou.

Mais um exemplo. Pouco tempo atrás aterrissei na Flórida para um evento. O anfitrião, homem de negócios bem-sucedido da região, foi me buscar no aeroporto e logo tratou de me deixar à vontade. Eram evidentes seu amor por Jesus e o vigor de seu ânimo para servir. Apesar de se distinguir como empresário, de repente tive a impressão de que ele poderia ser chamado por Deus para empregar os dons que lhe tinham sido conferidos no ministério. De

modo que dei um pequeno passo de fé e lhe perguntei: — Você já considerou a possibilidade de usar seus dons em tempo integral para Deus?

Depois de quase bater o carro, ele me contou que tocara no mesmo assunto com a esposa ainda na noite anterior! Agora estava pensando seriamente em vender a empresa para se dedicar a algo diferente.

A princípio, fazer algo todos os dias que requeira fé pode intimidar ou mesmo sufocar. A partir do momento que você começa, no entanto, não só desfruta da situação como pode até sentir Deus transformá-lo de alguém com uma fé egocêntrica em alguém com uma fé abnegada, que glorifica a Deus e voltada para o outro. Seus atos de fé não precisam ser grandiosos, intimidadores ou dignos de nota. Podem ser simples, despretensiosos e até realizados em segredo.

A questão é estar disposto apenas, aberto e sintonizado com Deus, e expor-se ao perigo.

Seus atos de fé não precisam ser grandiosos, intimidadores ou dignos de nota. Podem ser simples, despretensiosos e até realizados em segredo.

Desvie o foco de você mesmo e preste atenção nas necessidades alheias. Ouça com o coração e não apenas com os ouvidos. Leia as entrelinhas e procure uma maneira de servir.

E se você dissesse para Deus que está disponível? E se procurasse ao menos uma oportunidade diária de fazer algo que exige fé? Em vez de viver uma vida de *indiferença*, pequenos atos de fé nos ensinam a depender de Deus. Aproximam-nos dele. Edificam nossa confiança.

Faça uma única oração perigosa.

Arrisque-se em apenas um ato de fé.



CAPÍTULO 3 . 7

Seja feita a tua vontade

POUCO DEPOIS QUE COMECEI a correr pelo menos um risco de fé por dia, também expandi a maneira de orar para Deus me usar. Em vez de pedir apenas que me envie, personalizei a solicitação. Como Deus criou cada parte do meu corpo, dou-me tempo para me deter, orar e consagrar a ele porções específicas do meu corpo. Essa oração curta dirigida a Deus energiza meu espírito, fortalece minhas emoções e me incentiva a cumprir sua vontade. Minha oração perigosa de dedicação varia um pouco de um dia para o outro, mas via de regra se repete mais ou menos assim: Pai celestial, porque o Senhor deu Jesus por mim, hoje te consagro meu dia inteiro. Cada parte do meu ser é tua. Toma cada porção do corpo que o Senhor criou e a devote para teus propósitos hoje.

Ajuda-me a levar cativo
todo pensamento que não
vem do Senhor, de modo a
torná-lo obediente a Cristo
e a toda tua verdade.

Deus, eu te entrego minha mente. Por favor, guarda meus pensamentos. Ajuda-me a levar cativo todo pensamento que não vem do Senhor, de modo a torná-lo obediente a Cristo e a toda tua verdade.

Renova minha mente. Sejam todos os meus pensamentos agradáveis ao Senhor.

Ajuda-me a pensar em coisas puras, excelentes e dignas de louvor. Ajuda-me a ter os teus pensamentos. Dirige minha mente no sentido da tua vontade perfeita neste dia.

Senhor, eu te entrego meus olhos. Ajuda-me a olhar para coisas que sejam puras e honrem o teu nome. Protege meus olhos do desejo libidinoso dos prazeres temporários deste mundo. Dá-me olhos para enxergar o que o Senhor vê. Como eles são as lâmpadas do meu corpo, ajuda-me a ver coisas que possibilitem o brilho da tua luz por intermédio da minha vida hoje.

Deus, guarda meus ouvidos. Protege-me de ouvir quaisquer mentiras do Maligno.

Senhor, ajuda-me a guardar meu coração, estou consciente de que posso me enganar com facilidade. Purifica minhas motivações em tudo que faço. Que o meu único objetivo possa ser servir-te e agradar-te.

Que eu possa só escutar tua voz, teu Espírito, tua verdade a me conduzir. Senhor, ajuda-me hoje a me desviar de qualquer voz que me distraia do teu plano para minha vida.

Que eu possa eu ser sensível a tudo que o Senhor me diz. Interrompe meus planos.

Redireciona-me conforme os teus projetos.

Dá-me ouvidos para ouvir tua voz a fim de que eu possa seguir para onde o Senhor me guiar.

Deus, põe um guarda junto aos meus lábios. Que cada palavra dita por mim seja agradável ao Senhor, ó Deus. Dá-me palavras para elevar e encorajar as pessoas, indicando-lhes o caminho até o Senhor. Sei que elas têm o poder de dar e de tirar vida. Dá-me o poder de proferir vida a todos que eu encontrar.

Senhor, ajuda-me a guardar meu coração, estou consciente de que posso me enganar com facilidade. Purifica minhas motivações em tudo que faço. Que o meu único objetivo possa ser servir-te e agradar-te. Deus, ajuda meu coração a se comover com o que comove o teu coração, a se quebrantar com o que quebranta o teu coração e a se alegrar nas coisas que te trazem alegria. Cria em mim um coração puro, Deus. Ajuda-me a amar-te e a servir-te hoje de todo o coração.

Deus, que as minhas mãos possam ser as tuas no mundo hoje.

Consagro a obra das minhas mãos ao ti. Capacita-me a ser produtivo hoje, honrando o Senhor em toda obra que realizar. Ajuda-me, Deus, a fazer tudo para tua glória.

Senhor, direciona os passos dos meus pés. Que a tua Palavra seja uma lâmpada a dirigir todos os meus passos. Guia-me aos lugares certos e às pessoas certas de modo a eu possa servir-te da melhor maneira possível neste dia. Afasta-me dos lugares errados que poderiam me tentar a pecar contra o Senhor. Conduz os meus passos, Senhor, à tua perfeita vontade.

Deus, meu corpo inteiro te pertence. Sei que antes mesmo de eu ser criado, o Senhor preparou boas obras de antemão para eu realizar neste dia. Usa-me, Deus, para fazê-las todas. O Senhor me deu tudo de que necessito para fazer tudo que o Senhor me chamou para executar. Ajuda-me a enxergar necessidades e supri-las.

Mostra-me os que estão feridos a fim de eu poder encorajá-los.

Conduze-me até os que vivem sem o Senhor de modo que possa ajudá-los a conhecer tua bondade e graça.

Deus, dedico cada porção do meu ser ao Senhor e a tua vontade hoje.

Aqui estou, Senhor. Envia-me.

Na maior parte das vezes, faço alguma versão dessa oração perigosa. Não precisa repetir as mesmas palavras, mas espero que você considere a possibilidade de submeter mais de você mesmo a Deus todos os dias. Ore o que vai no seu coração e doe-se para ser usado por Deus. Convide-o para enviá-lo a oportunidades de se mostrar sal e luz e veja o que acontece — em você e naqueles que o rodeiam.

Faça sua oração com palavras próprias. As minhas palavras mudam um pouco, mas a intenção por trás delas permanece sempre a mesma: “Deus, que sua vontade seja feita por meu intermédio neste dia”. Não deveria me surpreender, mas, quando não reservo algum tempo para orar assim, meus dias são pouco produtivos.

Costumo ficar mais distraído, mais voltado para mim mesmo, mais suscetível às tentações. Quando faço essa oração, no entanto, meu coração se mantém voltado para o que importa para Deus. Tenho maior consciência dos estímulos delicados e suaves do Espírito Santo

Em que você acha que sua vida mudaria se todos os dias fizesse uma oração audaciosa e cheia de fé de total consagração àquele que deu tudo o que você tem?

levando-me a dizer algo a um colega de trabalho ou para ajudar um amigo. Quando começo o dia completamente consagrado a Deus, minha mente se concentra no que é permanente, em vez de se ocupar dos prazeres temporários deste mundo. Meu dia tem importância para Deus. E isso é relevante para mim.

Então, no fim do dia, consigo olhar para trás e ver todos os diferentes modos pelos quais Deus me usou. Ao escrever no meu diário, noto como dei passos de fé. Em vez de me sentir vazio, oco e insatisfeito, sinto-me realizado, contente e dominado pela gratidão a Deus.

Em que você acha que sua vida mudaria se todos os dias você fizesse uma oração audaciosa e cheia de fé de total consagração àquele que deu tudo o que você tem?

E se neste exato momento você orasse: “Envia-me, Senhor?”.



CAPÍTULO 3 . 8

Qual é a pergunta?

ANOS ATRÁS, OUVI UMA história de que jamais me esquecerei. Um pastor experiente descreveu como se colocava junto à porta da igreja, toda semana após o culto de domingo, para cumprimentar as pessoas à medida que saíam cada qual rumo a seu carro.

Contou da alegria de abraçar as vovós e bater a mão espalmada na mão erguida das crianças mais novas semana após semana.

Reconheceu com sinceridade que amava quando os membros de sua igreja elogiavam a mensagem, cumprimentando-o por como Deus o usara para lhes falar.

Então, o pastor relatou um encontro que teve com um homem chamado Matt. Via-o com regularidade na igreja, mas nunca tivera a oportunidade de conhecê-lo muito bem. Matt devia ter por volta de 45 anos, com o cabelo ficando grisalho na região das têmporas. Linhas ao redor dos olhos indicavam que ele enfrentara alguns desafios na vida, mas seu sorriso caloroso e o aperto de mão confiante levaram o pastor a acreditar que ele atravessava uma fase melhor no momento.

Um domingo, ainda depois do culto, Matt segurou firme as duas mãos do pastor e disse: — Pastor, quero que o senhor saiba que minha resposta é sim.

Agora me diga, qual é a pergunta?

O pastor fitou-o cheio de curiosidade. *Pobre rapaz, do que será que ele está falando? A resposta é sim? O que isso quer dizer?* Para evitar que a situação ficasse constrangedora, o pastor sorriu para ele, balançou a cabeça e disse: — Obrigado, Matt. Deus o abençoe.

No domingo seguinte, ao término do culto, Matt se aproximou outra vez e repetiu as mesmas palavras exatas. Com profunda sinceridade, encarou o pastor e anunciou: — Pastor, quero que saiba que minha resposta para o senhor sempre será sim. Mas qual é a pergunta?

O pastor presumiu não ter ouvido bem as palavras de Matt.

Pelo simples fato de que não fazia sentido. Balançou a cabeça outra vez e apertou a mão dele, tomando o cuidado de manter o fluxo da fila de cumprimentos.

No domingo seguinte aconteceu de novo. Só que dessa vez o pastor teve certeza de que compreendera muito bem o que Matt dissera. Mas continuou confuso. *O que ele quer dizer com isso?*

A resposta é sim — a resposta para o quê?

Preocupado em não interromper o andamento da fila com uma conversa mais longa, perguntou a Matt se poderiam se encontrar outro dia para tomarem um café. Matt abriu um sorriso largo e entregou ao pastor um cartão de visitas com suas informações para contato.

— Claro que podemos tomar um café! Eu disse que minha resposta é sim.

Na terça-feira daquela semana, os dois se encontraram em uma cafeteria. Ultrapassada a barreira da troca de amenidades de praxe, o pastor se inclinou de leve para a frente e quis saber: — Ando curioso para entender o que você sempre me fala. O que quer dizer com a resposta é sim?

Matt se recostou na cadeira com um ar de profunda satisfação, como se a vida inteira esperasse que o pastor lhe fizesse aquela pergunta. Afinal, pausadamente, começou a falar escolhendo com cuidado as palavras: — Nem sempre fui o homem que sou hoje. Fiz muita bobagem na vida, machuquei muita gente. Fui dependente de álcool, pornografia e jogo. Esses vícios controlavam minha vida. Traí minha esposa, arrasei meus filhos, causei enorme dor.

Matt engasgou, e o pastor percebeu as lágrimas se formando nos olhos daquele homem. Presumindo que fossem de dor e arrependimento, o pastor se surpreendeu ao ouvir Matt completar: — Mas hoje sou grato por esses tempos ruins, pois foi o que me ajudou a permanecer aberto para Cristo. Veja bem, quando atingi o fundo do poço, um amigo me convidou para ir à igreja.

E foi quando ouvi o senhor pregar sobre a graça de Cristo.

Quando ele disse a palavra *Cristo*, as lágrimas começaram a escorrer. Matt continuou contando sua história sem nem mesmo tentar esconder a emoção evidente.

— A princípio só ouvi, sem saber muito bem se conseguia acreditar que aquelas verdades se aplicassem ao meu caso. Depois de alguns meses, no entanto, convidei Cristo para entrar em minha vida, e ele me transformou.

A essa altura, nem o pastor foi capaz de conter as lágrimas. Os dois homens permaneceram sentados em silêncio por alguns instantes. Ambos transformados pelo mesmo Salvador. Ambos gratos pelos momentos breves e santos que compartilhavam em torno de xícaras de café.

— Pastor — disse Matt afinal —, em razão de tudo que eu disse, reitero meu desejo de que o senhor saiba que minha resposta para o senhor será sempre sim. Pela maneira como Jesus transformou minha vida por intermédio da igreja, sempre estarei à disposição dele — e do senhor. Se o senhor me pedir para aparar a grama do jardim da igreja, ficarei honrado em atendê-lo. Se precisar de dinheiro para ajudar uma mãe solteira, doarei sem hesitar. Se precisar de alguém para levar uma viúva até a igreja, sou seu motorista.

Pastor, quero que o senhor saiba que minha resposta é sim. Por isso, só peço que me diga qual é a pergunta.

Ora, esse sim é o coração de uma pessoa que Deus pode usar.

Tamanha franqueza é a essência da oração perigosa. Quando experimentou a presença de Deus, Isaías se conscientizou da própria condição de pecador quebrantado. O serafim lhe tocou então os lábios com a brasa incandescente e Deus perdoou seu pecado. Por causa da bondade, da graça e do amor de Deus, o profeta teve uma reação audaciosa. Envia-me. Onde quer que for.

Por causa de quem o Senhor é — meu Deus, meu Rei, meu Salvador — confio no Senhor. Porque o Senhor é soberano sobre o Universo, entrego minha vontade ao Senhor, cada parte de mim.

A qualquer tempo. Assinarei meu nome em um contrato em branco de disponibilidade. Deus, pode preencher o restante com os detalhes.

Usa-me. Minha vida lhe pertence por completo. Que sua vontade se torne a minha vontade. Seu plano, o meu plano.

Observe que Isaías não pediu para saber nenhum detalhe. Não perguntou para Deus onde iria. Ou quando. Ou o que aconteceria.

Sente desprezo pelo cristianismo morno? Então faça a oração perigosa.

Por isso, a oração pode dar a sensação de ser tão perigosa. “Deus, envia-me. Usa-me. Não estou lhe pedindo detalhes. Não preciso conhecer os benefícios. Ou se será fácil. Ou se vou gostar. Por causa de quem o Senhor é — meu Deus, meu Rei, meu Salvador —, confio no Senhor. Porque o Senhor é soberano sobre o Universo, entrego minha vontade ao Senhor, cada parte de mim.

Toma a minha mente, os meus olhos, a minha boca, os meus ouvidos, o meu coração, as minhas mãos e os meus pés e guia-me em direção a tua vontade. Confio no Senhor. Deus, minha resposta é sim. Agora me diga, qual é a pergunta?”

Imagine se você orasse desse jeito. Cansou das orações restritas ao limite da segurança? Cansou de viver para coisas que não importam? Sente desprezo pelo cristianismo morno? Então faça a oração perigosa.

Eis-me aqui, Senhor.

Envia-me.

Usa-me.



CONCLUSÃO

Importuna-me, Senhor

Eu amo o Senhor, porque ele me ouviu quando lhe fiz a minha súplica. Ele inclinou os seus ouvidos para mim; eu o invocarei toda a minha vida.

— Salmos 116.1,2

O OBJETO DA NOSSA oração é importante. Não só é importante, mas é também esclarecedor.

O conteúdo das nossas orações revela mais a nosso respeito e do relacionamento que temos com Deus do que a maioria das pessoas talvez imagine. O que oramos reflete o que cremos acerca de Deus. Se a maior parte das nossas orações são em nosso favor ou sobre o que nos interessa, o conteúdo das nossas orações manifesta que no fundo cremos que Deus existe sobretudo para *nós*.

Assim, reserve um tempo para fazer uma auditoria da sua oração. Pense em tudo pelo que orou nos últimos tempos — não a vida inteira, só nos últimos sete dias. Considere a possibilidade de anotar em um bloco ou digitar no celular uma lista de todas as coisas diferentes que você pediu para Deus fazer na última semana.

Pare um instante e reflita um pouco sobre tudo isso. Consegue se lembrar? Pelo que você orou? O que pediu para Deus?

Agora responda com sinceridade. Se Deus dissesse sim a cada oração que você lhe dirigiu nos últimos sete dias, em que o mundo

estaria diferente hoje?

Responda com sinceridade. Se Deus dissesse sim a cada oração que você lhe dirigiu nos últimos sete dias, em que o mundo estaria diferente hoje?

Se suas orações fossem normais, seguras, então pode ser que você tivesse vivido dias bons, voltado para casa em segurança ou desfrutado de um duplo *cheeseburger* abençoado, acompanhado de fritas e Coca Zero.

Caso se aventurasse fazendo orações um pouco mais relevantes, talvez tivesse sido bem-sucedido na apresentação que fez no trabalho, ou fisingando um cliente novo, mesmo não estando preparado de verdade para isso. Pode ser que conseguisse a vaga que pediu a Deus para o seu carro, na primeira fila junto ao prédio no estacionamento do *shopping center*. Ou então, quem sabe, “ganhasse na loteria”.

Durante anos, se empreendesse uma auditoria de oração como essa, eu chegaria a resultados deploráveis. Se Deus atendesse a todos os meus pedidos do intervalo de uma semana, o mundo não ficaria muito diferente afinal. Para ser franco, houve semanas que não orei por nada. Outras semanas devo ter orado só por mim, o que não provoca grandes mudanças no esquema geral das coisas.

Minhas orações eram seguras demais.

Eu tinha acesso ao criador e sustentador do Universo. O grande Eu Sou. O Alfa e o Ômega. O Início e o Fim. O Deus onipotente, onipresente, onisciente, capaz de mandar fogo do céu, cerrar a boca de leões famintos ou acalmar uma tempestade violenta.

E tudo que lhe pedi foi manter-me em segurança e ajudar-me a ter um bom dia.

Até que deparei com uma oração atribuída a *sir* Francis Drake, capitão inglês que viveu de 1540 a 1596. Sua oração mexeu comigo. Não foi fácil repeti-la. Definitivamente, ela nada tinha de segura. Essa oração perigosa me ajudou a expandir os limites, a me sentir mais confortável para tirar os pés do chão e alçar voo pela fé.

Nosso tempo juntos se aproxima do fim, por isso encorajo você a dedicar alguns minutos para ler devagar, do início ao fim, as palavras de Drake.

Importuna-nos, Senhor, quando estivermos satisfeitos demais com nós mesmos, quando nossos sonhos se tornarem realidade porque temos sonhado pouco demais, quando chegarmos em segurança porque velejamos perto demais da costa.

Importuna-nos, Senhor, quando, por causa da abundância de coisas que possuímos, perdermos a sede pelas águas da vida; por nos termos apaixonado pela vida, pararmos de sonhar com a eternidade, e por permitirmos, em nossos esforços para construir uma nova terra, que nossa visão do novo céu se obscurecesse.

Importuna-nos, Senhor, a ousarmos com mais arrojo, a nos aventurarmos em mares mais abertos, onde as tempestades mostrarão sua maestria; onde, perdendo de vista a terra firme, encontremos as estrelas. Rogamos ao Senhor, traga de volta o horizonte das nossas esperanças; e traga de volta o futuro em força, coragem, esperança e amor.

É o que pedimos em nome do nosso capitão, Jesus Cristo.

Amém!^[Nota 2]

Foi o que Deus fez. Importunou-me.

Em vez de aspirar a uma
vida de conforto, encontro
alegria em atender às
necessidades alheias por
meio de atos diários de fé.

Vivi anos sem sentir vontade de ser importunado. Mas depois de fazer mais orações perigosas, descobri que os gentis toques divinos interromperiam com regularidade meus planos egocentrados, e ele me conduziria em direção a sua vontade eterna. Em vez de viver limitado pelo que eu desejava, Deus me ajudou a me importar mais com os outros e a levar em consideração o que ele quer. Em vez de aspirar a uma vida de conforto, encontro alegria em atender às necessidades alheias por meio de atos diários de fé. Em vez de tentar controlar minha vida, tenho aprendido a confiar em Deus momento a momento, ainda que ele me quebrante. Estou longe de ser perfeito — alguns diriam que ando mais perturbado do que nunca —, mas estou mais perto de Deus.

Minha fé está mais forte.

Minha vida, mais rica.

Meu coração, mais cheio.

Creio que Deus também queira importunar você. Se chegou ao fim deste livro, sinal de que você aspira a muito mais do relacionamento com Deus. Anseia conhecê-lo, conversar com ele,

ouvi-lo e ser guiado por ele. Tem fome de fazer diferença. Almeja glorificá-lo com o seu estilo de vida.

Está na hora de mudar o padrão das suas orações.

Está na hora de buscar Deus com paixão, com cada fibra do seu ser. Está na hora de abandonar as orações seguras, confortáveis, previsíveis e fáceis de serem feitas. É hora de orar com coragem, de se arriscar, de se abrir para um caminho diferente rumo a um destino melhor. É hora de começar a fazer orações perigosas.

É hora de orar com
coragem, de se arriscar, de
se abrir para um caminho
diferente rumo a um
destino melhor Está na
hora de ser importunado.

Pense no que poderia
ser diferente caso você
fosse mais transparente ao
orar. Se arriscasse mais.
Se fosse mais aberto para
o que Deus poderia fazer
na sua vida, em vez de
apenas esperar que ele
faça algo em seu favor. E
se você fizesse orações
mais audaciosas?

Se acalentasse sonhos
maiores? Se buscasse
Jesus sem medir as
consequências, com fé
ousada, incontida?

Tenha coragem para
pedir a Deus que o sonde.
Permita que ele conheça



Perguntas para discussão

Introdução

1. Em uma escala de 1-10 (com 1 representando as orações patéticas, que nos matam de tédio, e 10 as apaixonantes, alimentadas pela fé), como você classificaria sua vida de oração da última semana e por quê?
2. Orar tem sido fácil para você? Quando você descobriu que orar está mais para um desafio? Por quê?
3. Na infância e adolescência, a oração fazia parte da sua vida? Se sim, descreva que papel ela desempenhava nessa época.
4. Há uma oração perigosa que você sabe que deveria fazer porém o medo o impede? Fale abertamente sobre o assunto.
5. Se Deus o ajudasse a se desenvolver em uma área da sua vida de oração, qual você acha que seria e por quê? Elabore.

Parte 1: Sonda-me

1. Muita gente diz ou acredita ter um “bom coração”. Neste capítulo, no entanto, aprendemos que o coração é enganoso (v. Jeremias 17.9). Você consegue pensar em alguma época em que seu coração o conduziu a fazer algo que não deveria? Sua reação foi racionalizar o ocorrido? Como seu coração o desencaminhou?

2. Ao enfrentar a escuridão, Davi fez a oração perigosa “Sonda-me, ó Deus” (v. Salmos 139.23). Já lhe aconteceu de pedir para Deus o sondar? Se não, por quê? Se sim, o que ele lhe mostrou?

3. Davi pediu a Deus que lhe revelasse suas “inquietações” (v. Salmos 139.23). Que preocupações ou fardos inquietam você hoje? Alguma coisa o oprime ou mantém acordado à noite?

4. Vimos também a coragem de Davi ao pedir que Deus lhe revelasse se havia algo ofensivo em sua conduta (v. Salmos 139.24). Alguma vez você pediu a Deus que lhe mostrasse sua propensão para o pecado? Já aconteceu de ele revelar algo em você que quisesse limpar ou mudar? Se sim, descreva como foi.

5. Davi fez a oração perigosa de convidar Deus para “a sondagem” — conduzindo-o e direcionando seus passos. Deus já sugeriu, falou ou estimulou você a fazer alguma coisa depois que você acabou de orar? Ou talvez ele tenha mostrado algo a você por meio de um sermão, um cântico ou um amigo. Fale sobre uma ocasião em que você sabe que Deus o estava conduzindo.

Parte 2: Quebrantame

1. As Escrituras mostram vezes e mais vezes como os tempos difíceis podem nos deixar mais fortes e nos levar mais perto de Deus. Descreva uma época em que você vivenciou algo difícil, mas reconheceu que a bondade do Senhor o acompanhava em meio à provação.

2. No capítulo 2, estudamos 1Coríntios 11.24, que diz: “E tendo [Jesus] dado graças, partiu [o pão] e disse: ‘Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim’”. Se

você frequenta a igreja há algum tempo, deve ter vivenciado a comunhão ou ceia do Senhor. Qual o significado desse sacramento para você? Elabore.

3. Alguns podem dizer que convidar Deus para “quebrantá-los” é a mais aterradora das três orações perigosas. Se você tivesse coragem para pedir a Deus que o quebrantasse, o que mais temeria que ele fizesse? Se seus temores viessem a se concretizar, como acha que Deus se revelaria para você?

4. Quem você conhece que experimentou profunda dor e está mais forte espiritualmente depois de passar pelo quebrantamento? Como Deus está usando essa pessoa ou pessoas agora?

5. Se você parasse um instante para convidar Deus para quebrantá-lo, qual a primeira coisa que, na sua opinião, ele desejaria remover da sua vida? Ele extirparia seu egocentrismo? O orgulho? A autossuficiência? Ou alguma outra coisa? Discorra sobre o assunto e explique por quê.

Parte 3: Envia-me

1. Neste capítulo, debruçamo-nos sobre a oração de Isaías em que ele diz: “Aqui estou; envia-me” (v. Isaías 6.8, *Nova Versão Transformadora*). Às vezes, fico nervoso de fazer essa oração por temer para onde Deus poderia me enviar, ou o que ele me pedirá para fazer. Você se identifica comigo?

2. Você está entregue — absolutamente disponível — a Deus neste exato momento? Tem feito tudo que ele o conduz para fazer? Ou vive protegido? Resistindo? Por favor, discuta a questão

abertamente. Encorajem-se uns aos outros no sentido de uma conexão mais profunda com Deus.

3. No capítulo 6 de Isaías, o profeta experimentou a presença de Deus como nunca lhe acontecera antes. Quando você pensa em experimentar a presença de Deus, o que vem à sua mente? Já sentiu que o Senhor estava do seu lado? Essa é uma experiência rara? Ou frequente? Como ou quando você experimenta Deus melhor?

4. Nesta seção, estudamos o princípio “O que alimentamos cresce; o que deixamos passar fome morre”. Você consegue descrever uma ocasião em que alimentar seu espírito com a verdade o ajudou a crescer? Como Deus deu a você a capacidade de vencer a prática de algo errado e de se aproximar dele? Elabore.

5. Qualquer ato de fé pode ajudá-lo a chegar mais perto de Deus. Discorra sobre a última coisa que você fez que exigiu fé em Deus da sua parte. O que aconteceu? O que você aprendeu? Sente-se pronto para deixar Deus “enviá-lo” não importa para onde?

Conclusão

1. Se Deus dissesse “sim” a todas as orações que você fez na última semana, o que seria diferente no mundo hoje? Seja específico.

2. Na conclusão, vimos uma oração atribuída a *sir* Francis Drake. Ele pediu para Deus “importuná-lo”. Como Deus vem importunando você em consequência da leitura deste livro? O que ele está mostrando acerca da sua vida de oração? E acerca da sua fé?

3. Das três orações — *sonda-me, quebrantame e envia-me* — qual você considera mais difícil de fazer e por quê?

4. Das três orações — *sonda-me, quebrantame e envia-me* — qual você se sente mais preparado para fazer e por quê?

5. Examinamos três orações perigosas. Se parar para pensar, tenho certeza de que dezenas de outras virão à sua mente. Se você acrescentasse a quarta oração perigosa, qual seria e por quê?



Faça uma oração perigosa hoje

A BÍBLIA ESTÁ REPLETA de orações perigosas. O rei Davi, o apóstolo Paulo e mesmo Jesus, todos tinham versões próprias de orações perigosas. Como aprendemos na introdução deste livro, eles faziam orações sinceras — desesperadas, impetuosas, intrépidas, verdadeiras.

Cada qual com suas palavras, clamaram *sonda-me, quebranta-me, envia-me*.

As orações perigosas da Bíblia podem ser o combustível das suas orações perigosas hoje. A voz de Isaías talvez o ajude a encontrar voz. As palavras de Ester podem ajudá-lo a descobrir palavras novas.

Em seguida, há uma breve relação das orações perigosas encontradas na Bíblia. Se estiver tendo problemas para orar, comece por elas. Leia-as do início ao fim e as adapte para que se encaixem na sua situação. Permita que as palavras dos seguidores do Senhor que o precederam lhe sirvam de inspiração e ajudem você a encontrar palavras próprias para dirigir a Deus.

Começando a orar

Jesus ensinou seus discípulos a orarem fornecendo-lhes um exemplo, passagem essa amplamente conhecida hoje em dia como a Oração do Senhor. Você pode repetir as palavras exatas desses

versículos como se fossem suas. Medite nelas. Memorize-as. É provável que já esteja familiarizado com grande parte da oração.

Vocês, orem assim: “Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia. Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal”.

— Mateus 6.9-13

Uma coisa que essa oração tem de fantástica é o fato de não terminar com um “amém”.^[Nota 3] Parece uma obra em aberto. Você pode orar as mesmas palavras, depois compartilhar com Deus uma frase ou duas originárias do seu coração antes de dizer amém.

Orações do tipo “ Sonda-me”

O salmo 139 é uma oração franca e sincera diante de Deus confessando que nada lhe está oculto. Abra o coração ao Senhor.

Apodere-se dessa oração como se fosse sua.

SENHOR, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me sento e quando me levanto; de longe percebes os meus pensamentos. Sabes muito bem quando trabalho e descanso; todos os meus caminhos são bem conhecidos por ti. Antes mesmo que a palavra me chegue à língua, tu já a conheces inteiramente, Senhor. Tu me cercas, por trás e pela frente, e pões a tua mão sobre mim.

Tal conhecimento é maravilhoso demais e está além do meu alcance; é tão elevado que não o posso atingir. [...]

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece as minhas inquietações. Vê se em minha conduta algo te ofende e dirige-me pelo caminho eterno.

— Salmos 139.1-6,23,24

Repita este breve salmo em que Davi clama “sonda-me” em uma época de estresse e perigo para ele:

Até quando, Senhor? Para sempre te esquecerás de mim? Até quando esconderás de mim o teu rosto? Até quando terei inquietações e tristeza no coração dia após dia? Até quando o meu inimigo triunfará sobre mim? Olha para mim e responde, Senhor, meu Deus. Ilumina os meus olhos, ou do contrário dormirei o sono da morte; os meus inimigos dirão: “Eu o venci”, e os meus adversários festejarão o meu fracasso. Eu, porém, confio em teu amor; o meu coração exulta em tua salvação. Quero cantar ao Senhor pelo bem que me tem feito.

— Salmos 13

Orações do tipo “ Quebranta-me”

Jesus estabeleceu o exemplo para nós do que significa orar “quebranta-me”:

E tendo [Jesus] dado graças, partiu [o pão] e disse: “Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim”.

— 1Coríntios 11.24, oração feita durante a última ceia Pai, se queres, afasta de mim este cálice; contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua.

— Lucas 22.42, oração feita na noite em que Jesus foi preso

Orações do tipo “Envia-me”

Repita as palavras perigosas e vulneráveis do profeta direcionadas a Deus:

Então ouvi o Senhor perguntar: “Quem enviarei como mensageiro a este povo? Quem irá por nós?”. E eu respondi: “Aqui estou.

Envia-me”.

— Isaías 6.8, *Nova Versão Transformadora*

Ore como Ester, uma jovem disposta a arriscar a própria vida com o intuito de proteger o povo de Deus:

“Vá reunir todos os judeus em meu favor. Não comam nem bebam durante três dias e três noites. Eu e minhas criadas jejuaremos como vocês. Depois disso irei ao rei, ainda que seja contra a lei. Se eu tiver que morrer, morrerei”.

— Ester 4.16

Leia e ore todo o salmo 40, se possível. Trata-se de um capítulo incrível da Bíblia. Ore em voz alta os versículos que tenham alguma relação com as suas circunstâncias. Disse Davi: “Envia-me!”:

Proclamo seus atos de salvação na grande assembleia; não fecho os meus lábios, Senhor, como sabes. Não oculto no coração a tua justiça; falo da tua fidelidade e da tua salvação. Não escondo teu amor e tua fidelidade da grande assembleia.

— Salmos 40.9,10, tradução livre da *New International Version*

Orações de confissão

O salmo 32 é uma oração de confissão clássica. Quando deixamos de confessar nossos pecados, é como se nossos ossos se transformassem em pó (v. 3, *A Mensagem*). Mas Deus ama você com um “amor inesgotável” (v. 10, tradução livre da *New International Version*). Se existe na sua vida pecado que você não confessou para Deus, repita as palavras deste salmo como uma oração. Não importa o que você fez, pode acreditar que ele “cerca aquele que nele confia” (v. 10, tradução livre da *New International Version*).

Considere-se afortunado, feliz mesmo: você que ganhou um novo começo e cuja ficha está limpa. Considere-se afortunado: o Eterno não tem nada contra você, e você não está escondendo nada dele.

Quando guardei tudo para mim, meus ossos se transformaram em pó, minhas palavras eram gemidos intermináveis. A pressão nunca cessava, a ponto de todo o líquido do meu corpo secar.

Então resolvi pôr tudo para fora. Eu disse: “Confessarei todos os meus pecados ao Eterno”. De repente, a pressão foi embora — minha culpa evaporou, meu pecado desapareceu.

Com isso, cheguei a uma conclusão: todos temos de orar, porque, quando as represas arrebentarem e tudo inundarem, estaremos em terreno alto e sairemos ilesos. O Eterno é minha ilha de refúgio; ele mantém o perigo bem longe da praia, e os louvores são como um colar em volta do meu pescoço.

Deixe-me dar uns bons conselhos a você, olhando nos seus olhos, falando diretamente a você: “Não seja teimoso como o cavalo ou a mula que precisam de freio e rédea para se manter no caminho”. Os que desafiam Deus estão sempre desorientados, mas os que confiam em Deus são amados em qualquer situação e lugar.

Celebrem o Eterno! Cantem juntos — todos! Vocês, de coração honesto, não se calem!

— Salmos 32, *A Mensagem*

Em voz alta clamo ao Senhor; elevo a minha voz ao Senhor, suplicando misericórdia. Derramo diante dele o meu lamento; a ele apresento a minha angústia.

Quando o meu espírito desanima, és tu quem conhece o caminho que devo seguir. Na vereda por onde ando esconderam uma armadilha contra mim. Olha para a minha direita e vê; ninguém se preocupa comigo. Não tenho abrigo seguro; ninguém se importa com a minha vida.

Clamo a ti, Senhor, e digo: Tu és o meu refúgio; és tudo o que tenho na terra dos viventes.

Dá atenção ao meu clamor, pois estou muito abatido; livra-me dos que me perseguem, pois são mais fortes do que eu. Liberta-me da prisão, e renderei graças ao teu nome. Então os justos se reunirão à minha volta por causa da tua bondade para comigo.

— Salmos 142

Alguns dos piores momentos do rei Davi estão registrados em 2Samuel 11 e 12. Seus pecados custaram a vida de outras pessoas e destroçaram uma família. O salmo 51 registra a confissão dele depois desses acontecimentos. Não importa o que você fez, use as palavras do salmo e compareça diante de Deus em oração.

Tem misericórdia de mim, ó Deus, por teu amor; por tua grande compaixão apaga as minhas transgressões. Lava-me de toda a minha culpa e purifica-me do meu pecado.

Pois eu mesmo reconheço as minhas transgressões, e o meu pecado sempre me persegue. Contra ti, só contra ti, pequei e fiz o que tu reprovais, de modo que justa é a tua sentença e tens razão em condenar-me. Sei que sou pecador desde que nasci; sim, desde que me concebeu minha mãe. Sei que desejas a verdade no íntimo; e no coração me ensinas a sabedoria.

Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e mais branco do que a neve serei. Faze-me ouvir de novo júbilo e alegria, e os ossos que esmagaste exultarão. Esconde o rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas iniquidades.

Cria em mim um coração puro, ó Deus, e renova dentro de mim um espírito estável. Não me expulses da tua presença nem tires

de mim o teu Santo Espírito. Devolve-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito pronto a obedecer.

— Salmos 51.1-12

Quando a vida se torna insuportável

Este salmo traduzirá em palavras sua dor e sua esperança, além de lembrá-lo do poder e do amor incriveis de Deus.

Ouve a minha oração, Senhor! Chegue a ti o meu grito de socorro! Não escondas de mim o teu rosto quando estou atribulado. Inclina para mim os teus ouvidos; quando eu clamar, responde-me depressa!

Esvaem-se os meus dias como fumaça; meus ossos queimam como brasas vivas. Como a relva ressequida está o meu coração; esqueço até de comer! De tanto gemer estou reduzido a pele e osso. Sou como a coruja do deserto, como uma coruja entre as ruínas. Não consigo dormir; pareço um pássaro solitário no telhado.

Os meus inimigos zombam de mim o tempo todo; os que me insultam usam o meu nome para lançar maldições. Cinzas são a minha comida, e com lágrimas misturo o que bebo, por causa da tua indignação e da tua ira, pois me rejeitaste e me expulsaste para longe de ti. Meus dias são como sombras crescentes; sou como a relva que vai murchando.

— Salmos 102.1-11

Você sabia que Jesus também orava utilizando palavras das Escrituras? Ele orou trechos dos Salmos quando estava pendurado na cruz. Se a vida se tornou insuportável, ore como Jesus orou: expresse seus sentimentos sinceros diante de Deus e em seguida entregue a ele o espírito — vida, coração e preocupações.

Por volta das três horas da tarde, Jesus bradou em alta voz: “Eloí, Eloí, lama sabactâni?”, que significa “Meu Deus! Deus Deus!

Por que me abandonaste?”.

— Mateus 27.46

Jesus bradou em alta voz: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. Tendo dito isso, expirou.

— Lucas 23.46

Orações por cura

Quando você ou algum conhecido seu estiver enfermo ou passando por lutas na área do corpo físico, clame a Deus e peça por cura. Considere a possibilidade de repetir as palavras deste salmo.

Misericórdia, Senhor, pois vou desfalecendo! Cura-me, Senhor, pois os meus ossos tremem: todo o meu ser estremece. Até quando, Senhor, até quando?

Volta-te, Senhor, e livra-me; salva-me por causa do teu amor leal.

Quem morreu não se lembra de ti. Entre os mortos, quem te louvará?

Estou exausto de tanto gemer.

De tanto chorar inundo de noite a minha cama; de lágrimas encharco o meu leito. Os meus olhos se consomem de tristeza; fraquejam por causa de todos os meus adversários.

Afastem-se de mim todos vocês que praticam o mal, porque o Senhor ouviu o meu choro. O Senhor ouviu a minha súplica; o Senhor aceitou a minha oração.

— Salmos 6.2-9

Paulo sabia o que era sofrer no corpo físico. A Bíblia relata que ele foi açoitado, apedrejado, enfrentou naufrágio e foi ameaçado em diversas ocasiões. Ore repetindo as palavras desse apóstolo e encontre renovação no Espírito Santo de Deus.

Que o Deus da esperança os encha de toda alegria e paz, por sua confiança nele, para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo.

— Romanos 15.13

Orações de louvor

Faça essas orações à luz do sol. Faça-as no meio da tempestade.

Em dias ruins e nos dias bons. Faça-as para se lembrar de que “somos dele”, não importa como sejam os seus dias.

Aclamem o Senhor todos os habitantes da terra! Prestem culto ao Senhor com alegria; entrem na sua presença com cânticos alegres. Reconheçam que o Senhor é o nosso Deus. Ele nos fez e somos dele: somos o seu povo, e rebanho do seu pastoreio.

Entrem por suas portas com ações de graças e em seus átrios com louvor; deem-lhe graças e bendigam o seu nome. Pois o Senhor é bom e o seu amor leal é eterno; a sua fidelidade permanece por todas as gerações.

— Salmos 100

Às vezes, as circunstâncias da vida causam tamanha repulsa que precisamos olhar para fora de nós mesmos a fim de louvar a Deus. Ore as palavras deste salmo a fim de se voltar para o mundo natural e depois de novo para a Palavra de Deus.

Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento proclama a obra das suas mãos. Um dia fala disso a outro dia; uma noite o revela a outra noite. Sem discurso nem palavras, não se ouve a sua voz. Mas a sua voz ressoa por toda a terra e as suas palavras até os confins do mundo. Nos céus ele armou uma tenda para o sol, que é como um noivo que sai de seu aposento e se lança em sua carreira com a alegria de um herói. Sai de uma extremidade dos céus e faz o seu trajeto até a outra; nada escapa ao seu calor.

A lei do Senhor é perfeita e revigora a alma. Os testemunhos do Senhor são dignos de confiança e tornam sábios os inexperientes. Os preceitos do Senhor são justos e dão alegria ao coração.

Os mandamentos do Senhor são límpidos e trazem luz aos olhos.

O temor do Senhor é puro e dura para sempre. As ordenanças do Senhor são verdadeiras, são todas elas justas.

São mais desejáveis do que o ouro, do que muito ouro puro; são mais doces do que o mel, do que as gotas do favo. Por elas o teu servo é advertido; há grande recompensa em obedecê-lhes. Quem pode discernir os próprios erros? Absolve-me dos que desconheço!

Também guarda o teu servo dos pecados intencionais; que eles não me dominem! Então serei íntegro, inocente de grande transgressão.

Que as palavras da minha boca e a meditação do meu coração sejam agradáveis a ti. Senhor, minha Rocha e meu Redentor!

— Salmos 19

Oração por unidade

Sabia que Jesus orou por você? João 17 registra uma oração de Jesus que inclui “[...] aqueles que crerão em mim [...]” (v. 20). É uma oração por unidade de espírito e propósito.

Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um. Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que

eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste, e os amaste como igualmente me amaste.

— João 17.20-23

Orações com propósito

Quando Paulo ora, faz isso com propósito. Observe nas orações dele a frequência com que o apóstolo usa ou deixa implícita a expressão “para que”.

Por essa razão, ajoelho-me diante do Pai, do qual recebe o nome toda a família nos céus e na terra. Oro para que, com as suas gloriosas riquezas, ele os fortaleça no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, para que Cristo habite no coração de vocês mediante a fé; e oro para que, estando arraigados e alicerçados em amor, vocês possam, juntamente com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus.

Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o seu poder que atua em nós, a ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre! Amém!

— Efésios 3.14-21

Por essa razão, desde o dia em que o ouvimos, não deixamos de orar por vocês e de pedir que sejam cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e

entendimento espiritual. E isso para que vocês vivam de maneira digna do Senhor e em tudo possam agradá-lo, frutificando em toda boa obra, crescendo no conhecimento de Deus e sendo fortalecidos com todo o poder, de acordo com a força da sua glória, para que tenham toda a perseverança e paciência com alegria, dando graças ao Pai, que nos tornou dignos de participar da herança dos santos no reino da luz.

— Colossenses 1.9-12

Esta é a minha oração: Que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção, para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis até o dia de Cristo, cheios do fruto da justiça, fruto que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus.

— Filipenses 1.9-11

Orações de bênção

Nosso Deus é um Pai celestial bondoso, gracioso e amoroso que se delicia em abençoar os filhos. Ao passar tempo com ele, peça que o abençoe e àqueles a quem você ama.

O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e te conceda graça; o Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz.

— Números 6.24-26

Jabez orou ao Deus de Israel: “Ah, abençoa-me e aumenta as minhas terras! Que a tua mão esteja comigo, guardando-me de males e livrando-me de dores”. E Deus atendeu ao seu pedido.

— 1Crônicas 4.10

Orações de direcionamento

Às vezes, saber qual o melhor passo a dar em seguida representa um incrível desafio. Ore essas palavras de Davi quando não estiver certo do que Deus gostaria que você fizesse.

A ti, Senhor, elevo a minha alma.

Em ti confio, ó meu Deus. Não deixes que eu seja humilhado nem que os meus inimigos triunfem sobre mim.

Mostra-me, Senhor, os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas; guia-me com a tua verdade e ensina-me, pois tu és Deus, meu Salvador, e a minha esperança está em ti o tempo todo. Lembra-te, Senhor, da tua compaixão e da tua misericórdia, que tens mostrado desde a antiguidade.

— Salmos 25.1,2,4-6

Se me vês com agrado, revela-me os teus propósitos, para que eu te conheça e continue sendo aceito por ti.

— Êxodo 33.13

Oração por coragem

Mesmo amando a Deus de verdade, às vezes hesitamos em partilhar nossa fé com as pessoas. Não queremos ofendê-las, ou receamos não ter conhecimento suficiente para esclarecer suas dúvidas espirituais. Quando nos sentirmos intimidados ou com medo, podemos pedir a Deus que nos dê a coragem para compartilhar com os outros.

Agora, Senhor, considera as ameaças deles e capacita os teus servos para anunciarem a tua palavra corajosamente. Estende a tua mão para curar e realizar sinais e maravilhas por meio do nome do teu santo servo Jesus.

— Atos 4.29,30

Oração por salvação e socorro Se conhece a história de Jonas, você sabe que essa oração é muito esclarecedora. Louve a Deus hoje com estas palavras. Ele salvou você.

A salvação vem do Senhor! Proclame isso de cima dos telhados.

Em meu desespero clamei ao Senhor, e ele me respondeu. Do ventre da morte gritei por socorro, e ouviste o meu clamor. Jogaste-me nas profundezas, no coração dos mares; correntezas formavam um turbilhão ao meu redor; todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim. Eu disse: Fui expulso da tua presença; contudo, olharei de novo para o teu santo templo. As águas agitadas me envolveram, o abismo me cercou, as algas marinhas se enrolaram em minha cabeça. Afundei até chegar aos fundamentos dos montes; à terra embaixo, cujas trancas me aprisionaram para sempre. Mas tu trouxeste a minha vida de volta da sepultura, ó Senhor meu Deus!

Quando a minha vida já se apagava, eu me lembrei de ti, Senhor, e a minha oração subiu a ti, ao teu santo templo.

Aqueles que acreditam em ídolos inúteis desprezam a misericórdia. Mas eu, com um cântico de gratidão, oferecerei sacrifício a ti. O que eu prometi cumprirei totalmente. A salvação vem do Senhor.

— Jonas 2.2-9

Notas

Nota 3 - A Bíblia em inglês utilizada no original, versão New International Bible, não traz “porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre”, tampouco o “Amém” que o encerra. [N. do T.] [Voltar]



Agradecimentos

Obrigado a todos os meus amigos que me apoiaram e encorajaram, também aos que contribuíram comigo em relação a este livro.

Sou especialmente grato a: Dudley Delffs: trabalhar com você é pura adrenalina. Amo fazer isso a cada livro. Sua amizade é uma dádiva.

David Morris, Brandon Henderson, Tom Dean, Andy Rogers, Brian Phipps, Lori Vanden Bosch e a equipe inteira da Zondervan: amo o compromisso que vocês têm com a excelência e as publicações centradas em Cristo.

Tom Winters: obrigado por acreditar em mim e por pressionar em prol do melhor resultado.

Tanner Blom, Lori Meeks, Adrienne Manning e Stephanie Pok: vocês são a equipe dos sonhos no escritório. Obrigado por tudo que fazem para tornar minha vida melhor e mais forte a família da nossa igreja.

Amy: você é minha guerreira de oração predileta. Não vejo a hora de envelhecer ao seu lado (está acontecendo mais rápido do que qualquer um de nós dois esperava).